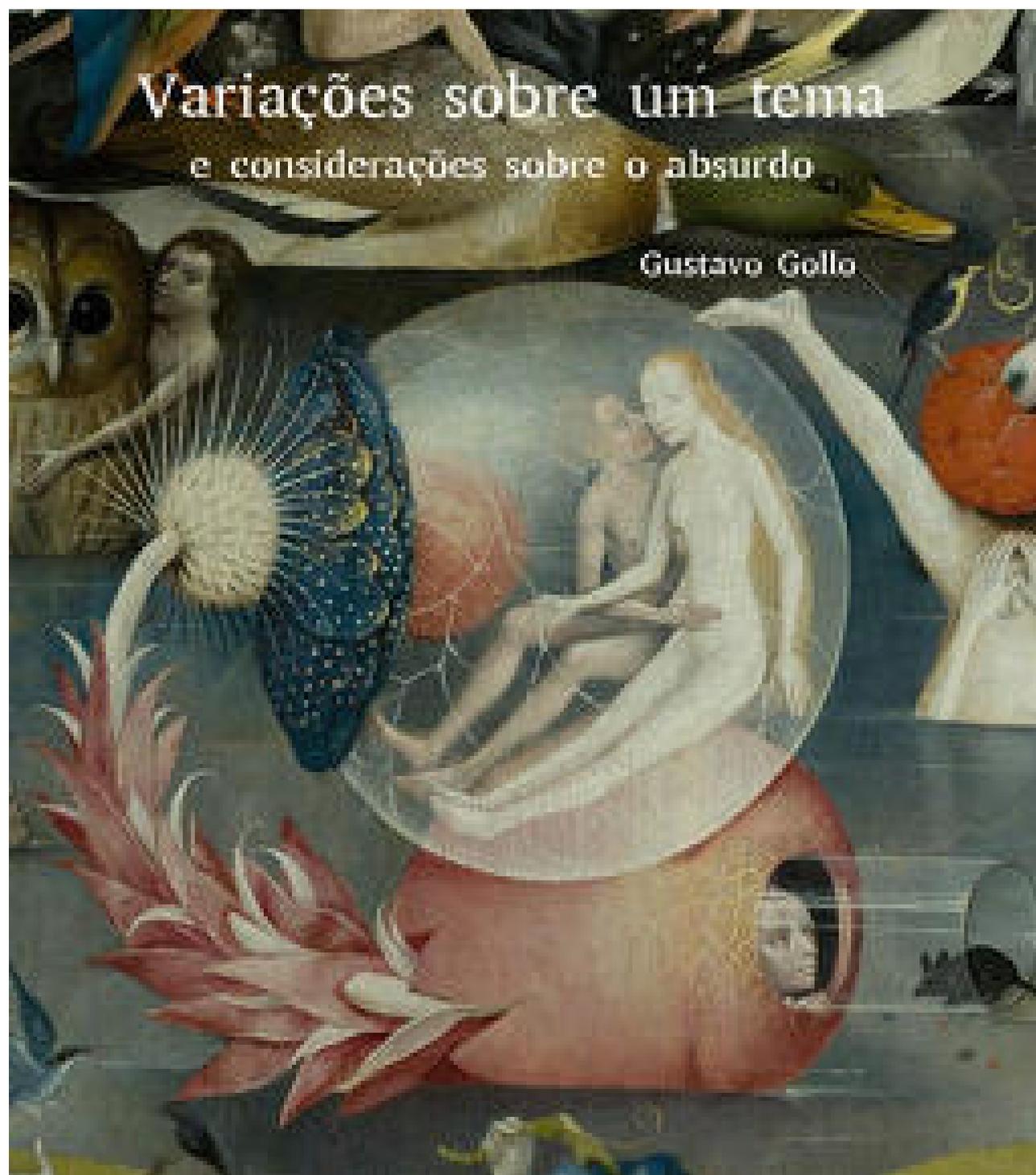


# Variações sobre um tema e considerações sobre o absurdo

Gustavo Gollo



# Variações em torno de um tema e considerações sobre o absurdo

Gustavo Gollo

Esse livro está distribuído gratuitamente. O autor agradeceria, no entanto, uma contribuição do leitor. Se estiver em dúvida quanto ao valor, sugiro algo entre R\$ 5,00 e R\$10,00; não me queixarei se não contribuir, mas ficarei grato se for ainda mais generoso. Meus dados bancários são:

Banco do Brasil, agência: 12300, conta 33461-8.

(segunda edição ampliada, janeiro de 2015)



Detalhe de "O jardim das delícias" de Hieronymus Bosch.

Era uma vez um escritor mané que se sentia sozinho, e que se achava o máximo, ainda que ninguém compartilhasse essa sua opinião. Costumava perambular pela praia admirando belas moças, enfocando sempre o que havia de belo em seus corpos, descobrindo ângulos, detalhes e poses que espreitava descarada e gulosamente, e era talvez essa ânsia que sempre afastava as moças deixando o mané cada vez ainda mais guloso.

Planejava escrever um novo livro e já havia escolhido o tema, bastava começar a escrita; tendo definido o foco, seus devaneios naturais guiariam sua pena. Seus livros saíam sempre meio psicografados, quase não reconhecia os próprios escritos. Sabia ser inútil planejar a obra; teria vida própria, como todas as outras: ela mesma comporia seu destino.

Não o incomodava a incapacidade de planejar e controlar sua escrita, ao contrário, gostava de se surpreender com ela. Aliás, devido a sua estranha memória, por vezes espantava-se não só ao escrever, mas ao ler e até ao reler sua própria obra, e isso o agradava. Mas, embora não conseguisse determinar o rumo de seus escritos, tomar as rédeas da pena, podia encaminhar as diretrizes da obra, a direção geral para onde se enveredaria, ou seja, conseguia escolher o tema tratado.

Durante uma de suas caminhadas cotidianas pela praia foi assaltado por sucessivas reflexões sobre os paradoxos. Enquanto caminhava alegremente pela bela paisagem, ia tecendo considerações sobre o assunto e se deliciando com elas; dessa maneira escolheu o tema de seu novo livro: paradoxos.

Quando iniciava a escrita do novo livro, no entanto, deparou-se com um evento que, paradoxalmente, alteraria, desde o início, toda a direção da obra.

O fato resultou de uma conversa pela rede de computadores, quando uma jovem lhe relatou umas recordações muito íntimas, excitantes e paradoxais. A moça revelou sua surpreendente iniciação sexual, repleta de encantamento, deliciosa, mas enraizada em um gritante paradoxo. E foi assim que o interesse no assunto acabou desviando por completo a direção do livro; e lá estava eu escrevendo um novo livro erótico, meu segundo no gênero.

De fato, eu estava encantado com o gênero, tendo descoberto recentemente a enorme intensidade que ele pode adquirir; creio que nenhum outro gênero de literatura é capaz de nos tocar tão completa e intensamente. As aventuras podem nos encher de júbilo e nos inflar fortemente; as de amor nos enternecer. Dramas muito tristes podem nos fazer verter lágrimas, e histórias de terror nos causar arrepios e temores. Mas nenhum gênero é capaz de nos espicaçar tão fortemente, de nos 44chacoalhar por inteiro, quanto o erótico. Com uma intensidade surpreendente, a literatura erótica pode nos arrepiar, descontrolar nossa respiração, acelerar o coração, retesar nossos músculos compulsivamente e de maneira quase espasmódica, além das alterações mais óbvias e diretas. Suponho que um parágrafo intensamente erótico seja capaz de, momentaneamente, afetar as funções de todos os órgãos de nosso corpo.

Além do encantamento decorrente dessa descoberta, uma ideia tentadora começava a se delinear na mente do mané: unir o útil ao agradável e transformar a escrita do livro em uma espécie de arapuca para capturar belas jovens (pode-se imaginar o mané em meio a uma risada maligna, esfregando as mãos sordidamente ao se deliciar, previamente, com as conquistas almejadas).

Foi assim, inebriado por um magnífico primeiro relato de iniciação sexual, atento às possibilidades sugeridas pelas histórias, e emaranhado nas próprias considerações sobre paradoxos, que o mané resolveu arquitetar o plano de captura que resultaria também na escrita de um novo livro, ideia que lhe pareceu duplamente agradável.

Foi a história de Lídia que determinou os novos rumos da obra, e os novos planos do mané.

\* \* \*

Lídia

A moleca brincava atrás da casa quando os olhos do peão descobriram algo novo na menina. Por dentro de sua blusa, uns peitinhos já se impunham nitidamente, o suficiente para roubar por completo a atenção do homem, impedindo a concentração em qualquer outra atividade.

Fixo na abertura da gola ampla e meio esgarçada, o olhar do peão despertou a atenção da menina que não pode deixar de notar a mira do homem.

Envaidecida pelo olhar, orgulhosa por ostentar um novo poder, curiosa ante as novas possibilidades que despontavam para ela, a moleca tratou de abaixar o corpo, assumindo uma posição mais propícia à exibição dos peitinhos recém despontados, possibilitando uma visão mais generosa do belo cenário.

Tendo exposto o corpo mais amplamente, a menina conferiu os resultados de seus esforços, verificando que o olhar do homem se cravava ainda mais decididamente em suas formas. Havia algo novo naquele olhar, uma avidez desconhecida. Uma força mágica e indescritível induziu suas pernas a se entreabrir.

Imersa em sensações desconhecidas e inebriantes, a moleca se contorceu pelo chão em busca de um brinquedo, erguendo ainda mais uma das pernas, para retornar em seguida à posição original, agora com as coxas completamente desnudas e a calcinha à vista.

Uma estranha sensação perpassava seu corpo descendo por todo ele, arrepiando a menina e concentrando-se na boceta cada vez mais molhada, que se arreganhava involuntariamente, quase gritando, a clamar por atenção.

Ao conferir novamente o olhar do homem, a moleca notou que sua boceta causava ainda mais efeito que os peitinhos; a constatação a induziu a se abrir ainda mais, a se escancarar para a visão sôfrega do peão. O arreganhamento das pernas deslocou a calcinha da posição mais adequada, ou da menos,

conforme o enfoque, liberando a visão da bocetinha molhada.

Quando os olhos do peão se desprenderam da boceta entreaberta e se cravaram nos da menina, um pudor imenso se abateu sobre ela, compelindo-a a fechar as pernas bruscamente, e abaixar os olhos para o chão, enrubescida.

Por um instante, a moleca se sentiu pouco à vontade, mas se recuperou a tempo para revelar um pouco mais de seus seios e saborear a deliciosa sensação causada pelo olhar de um homem sobre seu corpo.

Atendendo a um chamado, a menina retornou à casa, permitindo ao peão despertar de seu sonho hipnótico e lembrar que deveria descobrir e apartar as cabras no cio do rebanho.

A intensidade da cena fez com que a lembrança do fato se impregnasse em ambos. Não saía de nenhuma das cabeças a recordação daqueles momentos; nem da cabeça, nem dos corpos, ambos ávidos. A menina permanecia perplexa, ainda por descobrir as verdadeiras causas de tamanha avidez.

As mesmas recordações remoíam as duas mentes ensandecidas impedindo-as de pensar em qualquer outra coisa. Enquanto a menina se dirigia para o banho, seu pai deixou a casa para conferir os serviços na cerca da fazenda; sua mãe tinha ido até a cidade.

Incapaz de pensar em outra coisa, cômico de que a menina permanecia sozinha em casa, o peão rondava os arredores inquieto. No banho, os pensamentos da moleca convergiam para os do peão, quando ele decidiu entrar.

Entrou com naturalidade, já era da casa. Chamou pelo patrão, embora soubesse estar fora, e se dirigiu à cozinha, local onde costumava ser recebido.

Ao ouvir o chamado do homem, um forte encanto se apossou, novamente, da menina. À voz do macho, seu coração acelerou, sua respiração se descompassou, mil imagens percorreram sua mente. Inúmeras sensações se sucederam umas às outras, lutando pela atenção da menina perplexa, confusa, mas docemente inebriada.

Ansiosa, a moleca saiu do banho. Com o cabelo ainda muito molhado, enrolou a toalha no corpo úmido, no tamanho justo, para cobrir o espaço entre os pequenos seios e a bocetinha, deixando à mostra ombros e coxas inteiras.

Nesses trajes, dirigiu-se até onde o peão se encontrava para lhe comunicar que não havia mais ninguém em casa, que estava só. O homem a olhou com olhos ávidos; esquadrinhou seu corpo, suas coxas, com muito mais interesse que, normalmente, ao perscrutar a criação em busca de fêmeas no cio.

Tendo comunicado o fato de estar sozinha em casa, a menina permaneceu exposta ao olhar do macho. Por uns longos momentos deliciosos, frente a frente, ambos se contemplaram. Ele mirava e sorvia cada detalhe do corpo da menina, ela se deliciava ao sentir aqueles olhos quase tácteis vasculhando todo o seu corpo, de cima a baixo, repetidamente. O olhar do macho a deixava lânguida. Uma sensação de doçura e encantamento inundava sua mente, enquanto um fogo desconhecido incendiava seu corpo. Sua bocetinha voltava a se manifestar, parecia, novamente, querer gritar.

Após alguns momentos de contemplação mútua, com a garganta quase tão seca quanto a da moça, o homem pediu à jovem que se mostrasse. Encantada, a menina deixou a toalha cair ao chão, em um

instante de extrema intensidade para ambos.

À vista da mocinha pelada à sua frente, os corações batendo fortemente, as respirações ruidosas, o macho se dirigiu para a gostosinha e sugou sua boca com avidez. Beijou-lhe a boca, quase engoliu-lhe o maxilar. Chupou seu rosto com sofreguidão imensa, antes de descer até os seios da gostosinha para sugá-los com avidez.

A menina se via inundada por uma sucessão intensa de emoções desconhecidas. Sensações deliciosas e inebriantes invadiam seu corpo em uma sequência estarrecedora. O sabor do beijo na boca cedia espaço a algo maravilhoso ocorrendo no pescoço, mas antes mesmo que a nova sensação pudesse ser discernida, compreendida, já os peitinhos abocanhados roubavam toda a atenção, emitindo impressões extasiantes.

Quando a boca do homem desceu até a boceta suculenta da jovem ela já beirava o delírio. Seu corpo, antes completamente intocado, via-se agora inundado por um dilúvio de sensações inebriantes.

O peão, ajoelhado, levantou uma das coxas da gostosinha e a manteve apoiada em seu ombro, enquanto sugava sua boceta com avidez. Perscrutava a bocetinha com a língua, com a boca ávida e com as mãos. Manobrava por ela com maestria, sugando seu clitóris intocado, introduzindo a língua na vagina delirante.

Imperioso ressaltar que, aos treze anos de idade, a menina desconhecia o orgasmo quando uma explosão intensa percorreu seu corpo, iluminando o mundo inteiro, colorindo muito mais intensamente tudo o que havia ao redor.

Enlouquecida, a menina descobria o sabor do gozo através da língua do macho a mergulhar em sua boceta.

Então o homem se masturbou, esprorando aos jorros enquanto fazia a moleca conhecer o gozo.

\* \* \*

Uma loucura intensa se apossou então do corpo da jovem. Tendo descoberto tão bruscamente sensações tão enlouquecedoras, a menina não conseguia pensar em outra coisa. Fingia brincar com suas bonecas, mas sua mente não podia se libertar da mesma cena deliciosa a se repetir seguidamente em sua memória.

Durante o restante do dia, a menina delirou e se deliciou continuamente recapitulando e saboreando as sensações recém-descobertas. Quando foi para a cama, completamente impossibilitada de dormir, finalizou os planos que vinha arquitetando desde o acontecido.

Depois que as luzes se apagaram, a guria pulou a janela e, de camisola, se dirigiu à casa do peão, nos fundos da sua. O homem fingiu surpresa ao vê-la, embora soubesse que a cabrita no cio se veria compelida a buscar o macho.

Mesmo assim a gostosinha o surpreendeu. Tendo ouvido muitas histórias das colegas, tendo lido uns romances muito instrutivos, a menina tomou o comando das ações, e, tendo comunicado ao peão ter ido retribuir o favor, retirou o short do homem e caiu de boca em seu pau duro e imenso, sugando-o tão voluptuosamente quanto ele tinha feito com sua boceta.

A menina chupou o caralho enorme se deliciando em saciar sua curiosidade pelas formas, cheiros, sabores, e se envaidecendo imensamente ao fazer o corpo do homem se contorcer de prazer involuntariamente ante seus comandos.

Inebriado, com o pau enfiado quase na garganta da menina, o macho esporrou copiosamente na boca da moleca, que engoliu orgulhosamente cada gota do esperma.

Tendo esporrado, o peão caiu na cama, exausto. A menina, no entanto, sabia bem o que queria; tirou sua calcinha e foi esfregar sua boceta molhada e ávida na boca do macho.

Era impossível resistir à excitação incontrolável da moleca a esfregar a boceta em seu rosto, em sua boca. O homem chupou a boceta suculenta até a gostosinha gozar, quando ela, novamente, caiu de boca no pau do homem.

Permaneceram alternando as chupadas até ela cair exausta, peladinha nos braços de seu macho.

Bem cedinho, antes de sair para ordenhar as vacas, o homem acordou a menina com mais uma chupada voraz em sua boceta gulosa. Tendo sido desperta dessa maneira deliciosa, e depois de gozar, a menina voltou para a sua cama radiante, para mais alguns momentos de sono antes de ir para a escola.

Naquele dia seu travesseiro acariciou seu rosto com mais suavidade que anteriormente, seus lençóis a acolheram mais gentilmente, e a menina dormiu com os anjos, em meio a sonhos multicoloridos e intensos.

Nas noites seguintes, por um longo tempo, a menina ofereceu sua boceta suculenta ao macho ávido, retribuindo as chupadas deliciosas com outras em seu pau duro e imenso.

\* \* \*

Apesar das noites sucessivas passadas em chupações desenfreadas, o peão se recusava a comer a gostosinha. Além da condição de empregado tornar recomendável evitar a consumação do ato sexual, seu pau imenso parecia não caber na menina; posta sobre o corpo da moleca, a tora parecia prometer estraçalhá-la, caso enfiada dentro dela.

Mesmo assim, tentaram uma ou outra vez. Tendo conversado com as amigas, ficara desejosa de ir além, mas a dor que sentia ao tentar enfiar o trabuco imenso dentro de si a impedia de prosseguir. Contentava-se assim em chupar o enorme caralho do peão que retribuía suas chupadas mergulhando em sua boceta com igual avidez.

Mas suas coleguinhas estavam todas se iniciando, e um misto de curiosidade e excitação acabou levando-a a permitir que seu primo a comesse.

Aconteceu uns meses depois, já depois dos quatorze, e sem ocorrências dignas de relevo. Tendo sido penetrada, no entanto, a guria se encheu de coragem e sentou em cima da tora colossal do peão, forçou-a decididamente dentro de si, sentindo o trabuco rasgá-la por dentro, dolorida e deliciosamente.

Mas o idílio não durou muito, poucos meses depois o homem se casou.

A pequena, então, esperou um tempo, aguardando que ele mesmo decidisse procurá-la. Impaciente após umas semanas de jejum resolveu colocar um fim na ansiosa espera. Certo dia, ao notar que o peão trabalhava solitário na tulha, no galpão de café, tirou sua calcinha e se dirigiu ao local. Chegando lá, acariciou as costas do macho e o convidou para dentro de si em um sussurro sensual ao seu ouvido.

O homem, amuado, respondeu que aquilo acabaria com seu casamento. Indignada com a recusa, a

moleca se sentou em frente ao trabalhador, as pernas arreganhadas, a boceta molhada à mostra. Embora fortemente tentado, o homem recusou o convite, o que não a fez desistir. Decidida, a menina tirou o vestido, permanecendo completamente pelada em frente a ele no galpão.

Contrariado, o homem mandou que a moleca se vestisse; poderia entrar alguém. A menina deixou claro que queria rola, que não se importaria com nada mais.

O peão então largou seus afazeres e se dirigiu a ela; agarrou seus cabelos, como se estivesse a pegar a rédea de uma égua, colocou-a de quatro, ajustou a posição do trabuco na porta da bocetinha úmida e cravou-lhe o ferro com vontade! Uuuuhhhlll! De uma só vez! Atochou-lhe a tora em um único golpe, irado!

Enquanto mantinha a moleca presa pela rédea, o bruto a empalava raivosamente, metendo-lhe o pau raivosamente. Enfiava o trabuco imenso profunda e brutalmente na menina, para seu sublime deleite. Por toda a sua vida, a trepada irada consistiu na lembrança mais excitante da mulher; no momento de sensualidade mais vezes rememorado em toda a sua existência. Quanto ao peão, passou a amá-la com ódio brutal.

\* \* \*

Lídia é hoje uma gostosa de quase trinta anos, muitíssimo sedutora, exuberantemente saudável, feliz e ajustada ao mundo. Também se encontra muitíssimo satisfeita com sua sexualidade, guardando uma excelente recordação de sua iniciação, como se pode deduzir pelo prazer com que nos conta sua história.

Há, no entanto, um imenso paradoxo nessa situação. De fato, sua iniciação sexual consistiu em um crime; aos 13 seria considerada uma criança, uma incapaz, não possuindo discernimento. Incapacitada, portanto, para consentir o ato libidinoso.

Desse modo, o acontecimento de tão agradável memória teria sido considerado um crime gravíssimo, passível de pena pesada. Tratava-se de estupro de vulnerável.

Ela mesma não considera o fato um crime, ao contrário, sente-se gratificada por tão agradável lembrança que, de seu ponto de vista, contribuiu para seu amadurecimento emocional, constituindo uma das melhores lembranças que guarda da vida.

Estranha e fortemente paradoxal a constatação de que um crime pode ter consequências de tão agradável lembrança para a vítima.

Quanto a mim, tenho adorado conversar com Lídia sobre esse e outros momentos excitantes. A perspectiva de excitá-la me agrada muitíssimo, e me excita tanto quanto a ela, de maneira que reconstituir o episódio de tão grata lembrança para a gostosa me tocou imensamente, tendo sido especialmente gratificante para mim, ler seus comentários após a leitura da narrativa.

Ela elogiou especialmente o início da narrativa, a parte inventada por mim para dar coerência e verossimilhança aos fatos. Acredito tê-la possibilitado reviver mais proximamente os fatos que ela mesma me contou; creio ter sido um pouco como se eu tivesse reavivado o colorido de fotos muito antigas, já bastante esmaecidas, trazendo de volta a antiga nitidez da imagem.

Tornei, assim, a realçar com novo tempero o sabor erótico intenso, mas já desgastado pelo tempo, das antigas lembranças.

Tendo mostrado apenas a primeira parte de sua própria história, tenho recebido belas fotos da gostosa que me encham de gula. Lamentavelmente a morena sedutora mora em outro estado, a

distância considerável, embora, de maneira nenhuma intransponível.

De fato, eu adoraria se ela viesse a meu encontro, coisa que reitero aqui como confissão e convite que eu já terei explicitado quando ela tiver lido essas linhas.

Depois de alguns dias de ausência, a gostosa reapareceu; achei que me recebeu de uma forma meio seca, talvez impondo certa distância. Mesmo assim, mostrei a ela a segunda parte da história, junto com meus comentários acerca de minha expectativa sobre ela.

Creio que a leitura de sua própria história reavivou seu tesão. Além disso, os planos explícitos na história sugeriam sua continuidade: deveríamos escrever, nós dois, a continuação da história.

Enquanto eu olhava as fotos da bela morena, ela me perguntava quando iríamos nos ver, e terminar de escrever a história, juntos. Chamei-a para minha casa, estávamos às vésperas do feriado de páscoa.

Também mostrei minhas poucas fotos, poucas e ruins, mas, ainda assim elogiadas por ela, atenta aos pontos fortes revelados na imagem, e não aos acentuados pelos ângulos ruins. Nem a revelação de minha idade, quase o dobro da dela a fez desinteressar por mim.

Embora tudo parecesse se encaixar, ou por isso mesmo, um sentimento de insegurança me invadiu. Sempre fui muito bola cheia, excessivamente, até, mas andava meio murcho havia certo tempo; naquele momento, no entanto, via-me inseguro, incapaz de tratar a morena como ela gostaria.

Confessei-lhe minha insegurança. Creio ter causado enorme decepção e descrença. Tendo lido algum de meus textos, meus relatos sobre sua própria história, a gostosa me imaginou o meu próprio herói. Tenho passado essa imagem, não intencionalmente. Parece natural a identificação entre autor e personagem. De fato, considero meus personagens, quase todos, bastante autobiográficos; não os crio deliberadamente, de acordo com um plano, mas permito que ele ganhe autonomia, agindo por si mesmo, o que tende a ocorrer do mesmo modo que eu faria.

No entanto, o tempo passa, e, de certo modo, vamos deixando de ser nós mesmos, isso é irônico, mas verdadeiro.

A conexão de Lídia estava ruim, impedindo uma nítida avaliação sobre sua recepção, mesmo assim a decepção foi óbvia.

Eu sentia, desde o início das conversas com Lídia, uma atitude bem marcada; a mesma com que ela enfrentara o peão. Também percebia nela um gosto agreste; creio que ela gostaria de reencontrar o peão rústico que, com palavras escritas, eu fazia retornar tão próximo. Esse ponto me incomodava. Embora eu pudesse tentar mimetizar esse estilo, não era o meu. Não sou um cara bruto, nem selvagem, lamentavelmente; esses são os tipos preferidos por quase todas as mulheres, mesmo quando inconfessavelmente.

O passar do tempo, no entanto, abrandava nossos ímpetos, e se umas décadas atrás eu teria, certamente, correspondido ao anseio agindo com a animalidade desejada, já não o conseguiria fazer.

De fato, depois do longo jejum em que eu me encontrava, sabia que iria ter dificuldade em dar a primeira, sendo praticamente impossível repetir a ação no mesmo dia. Tendo dado a primeira, penso que as coisas iriam se ajustando, e que no segundo dia já estivessem voltando ao natural, acreditando também que no terceiro, eu agarraria a gostosa com o antigo ímpeto, quase. Que mané...

Creio, no entanto, que tal cenário, o mais otimista para mim, seja extremamente decepcionante para uma morena gostosa, em seu auge, querendo um macho que lhe sacie por completo.

Engulo em seco ao escrever tais palavras, minhas primeiras confissões de debilidade desse gênero.

Concluo agora ter feito o correto ao lhe comunicar meus receios; a desilusão anterior aos fatos em nada se compara ao desencanto brutal que tal descoberta poderia disparar.

Mas, nem tudo isso ameniza meu desejo de ter a morena gostosa em meus braços. Apesar de tudo adoraria beijá-la, agarrá-la, despi-la, e mergulhar nela voluptuosamente. Um suspiro final, — profundo, reflexivo, e enigmático — encerra o relato de meus desejos.

\* \* \*

Os paradoxos expostos nessa história, assim como a excitação causada por ela, além da intimidade induzida pela conversa me levaram a condensar dois projetos em um só. Pretendia escrever uma longa história sobre paradoxos, um conjunto de reflexões sobre eles. O antagonismo gritante gerado pelo contraste entre o prazer da menina, suas doces lembranças, e o crime, me seduziram a escrever sobre o caso, me induzindo, naturalmente, a reunir os dois planos.

Assim, embora não planejasse escrever um livro erótico, acabei levado a isso pelas circunstâncias; sou mais controlado pela pena que ela por mim, não tendo lá grande controle sobre o que escrevo, sendo arrebatado pelas palavras que me brotam dos dedos.

Além disso, os paradoxos estão fartamente disseminados ao redor, em todas as coisas, bastando apenas apurar nosso olhar para descobri-los grassando em torno de nós. A intensidade dos momentos de iniciação sexual realça tudo o que os cerca, acentuando as situações paradoxais também ali presentes.

Passei então a pedir às moças que me contassem sua iniciação sexual para eu transcrever sua história em um novo livro erótico. Talvez fosse mais razoável esperar que tais relatos só viessem a ser contados às pessoas mais próximas, um erro. Raramente as pessoas costumam contar detalhes tão íntimos de suas vidas, mesmo aos mais chegados. Curiosamente, o distanciamento favorece certas revelações, e uma exposição quase total, dificilmente alcançada em circunstâncias de maior proximidade.

Outra coisa favorecia ainda mais a proliferação dos relatos. Tendo lido minhas Histórias de amor e erotismo, muitas leitoras ficavam tentadas a participar delas, de maneira que tal proposta acabava sendo recebida com entusiasmo; assim, fui colecionando os relatos de iniciação sexual, juntamente com os mais marcantes, os mais excitantes já vividos por cada uma.

Acreditei ter conseguido com isso um tesouro sem precedentes. Estava colecionando os relatos dos momentos de maior excitação na vida das pessoas, aqueles pelos quais, de fato, vale a pena viver. Enquanto lia o que me contavam, eu revivia um pouco daqueles momentos, conseguia espremer assim, e participar, de certo modo, dos momentos mais excitantes de vidas inteiras, uma dádiva.

Não bastasse isso, eu ainda revivia novamente os mesmos deliciosos momentos ao transcrevê-los, colorindo-os, realçando-os, sorvendo e saboreando os doces detalhes destilados em cada lembrança.

Não surpreendeu, portanto, que tanto a colheita dos relatos, quanto sua transcrição, tenham sido feitas com prazer enorme, frequentemente inebriante, ao reviver tão doces momentos.

Como resultado, propicio aos leitores a mesma possibilidade de compartilhar, de vivenciar, de certa maneira, os mesmos momentos embriagantes.

Quanto às minhas confidentes, espero conferir-lhes a glória de se verem a si mesmas transformadas em heroínas, em protagonistas de tão maravilhosos momentos que nos roubam o fôlego, descompassam a respiração, e arrepiam a pele, e nos causam as mais profundas e deliciosas sensações.

\* \* \*

### A gostosinha no ônibus

A menina tinha 14 anos quando voltava do colégio com seus coleguinhas, no ônibus lotado, em horário de pico.

Sentou-se no banco, a amiguinha ao seu lado, à janela; um colega permaneceu de pé, no corredor, junto a ela. Foi a naturalidade da juventude, a beleza, a despreocupação usual na idade, e tantos outros detalhes somados que conspiraram para que a blusa do rapaz descobrisse sua barriga, enquanto ele segurava a barra fixada ao teto do ônibus, deixando também as calças baixarem o suficiente para revelar os pentelhos, realçados pelo corpo magro e esculpido do jovem.

Sobressaltada, inebriada, hipnotizada pela visão do corpo do jovem, ali tão perto, a menina não tinha olhos para outra imagem. O rapaz gesticulava e chacoalhava ao ritmo do ônibus e da animação, expondo corpo e pentelhos emoldurados pela roupa em desalinho.

Como em um transporte, transida pela visão inebriante, a menina se deixou levar por um sonho delicioso. Embalada pelo sacolejar do veículo, e desconectada de tudo o que não fosse a visão hipnótica do corpo do jovem, a menina se deixou levar pelo balanço, contribuindo ainda com certo movimento rítmico das coxas para o aumento de sua própria excitação, até explodir em um gozo incontrolável, em um orgasmo colorido e desconcertante, em meio aos colegas, dentro do ônibus lotado.

Passados uns anos, nem a vergonha subsequente decorrente da constatação do evento por parte dos colegas é capaz de esmaecer o brilho delicioso daquele orgasmo deslocado, mas delicioso.

Aliás, a imensa vergonha acarretada pela singelíssima situação compete em intensidade com o deleite daquele orgasmo intenso.

A menina me contou ainda outro momento de extrema excitação. Tinha marcado encontro em casa, sozinha, com seu primeiro namorado, mas sua mãe não saiu, conforme havia anunciado. Para aplacar o mau humor do rapaz devido à frustração dos planos, agarrou e chupou seu pau ainda nas escadas do prédio.

O medo de ser flagrada a excitou muito além do normal, transformando o momento em um dos

mais excitantes que já viveu.

Fiquei imaginando o quão excitante teria sido se, em vez de ter sido ela a chupar o pau, sua boceta tivesse sido abocanhada vorazmente, no mesmo lugar, por uma boca ávida; se seu vestido tivesse sido subitamente levantado por mãos voluptuosas a lhe acariciar o corpo, abrindo caminho para o mergulho frenético de uma língua no interior de sua bocetinha.

Tendo sugerido essa possibilidade, a menina respondeu ter imaginado e descartado o fato, devido ao risco excessivo da ocorrência. Acredito que a jovem precisa de um incentivo adicional para viver o momento mais extasiante de sua vida.

A moça me conta ainda que seu namorado tem uns desejos inconfessáveis, proclamados mas nunca revelados, e pelos quais ela tem forte curiosidade, além de vontade de satisfazê-los, embora sem saber quais sejam. Conjecturei que tais desejos se refiram a terceiras pessoas, imaginando duas variações possíveis, ambas, de certo modo, arriscadas: que ele deseje alguma de suas amigas, coisa bastante natural, e até honesta se confessa, mas imensamente delicada, ante a possibilidade de ciúmes.

Considerarei também a possibilidade de que seu namorado anseie completar o trio com um macho, eventualidade na qual ela se depararia com seu namorado de 4, disputando chupar a mesma rola, arreganhando o rabo, subjugado, do mesmo modo que ela. Certas surpresas podem ser chocantes, e nem sempre excitantes da mesma maneira. Mas tudo é curiosidade na juventude.

\* \* \*

Parece haver algo de sublime no relato do orgasmo no ônibus, contrastado imediatamente pelo escárnio dos colegas, pela vergonha; mas somos assim, especialmente na primeira juventude. Um momento tão belo, tão singelo, torna-se alvo de riso, de zombaria. Mas, desconsideremos o absurdo dessa condição, minimizado pela leviandade juvenil, e enfoquemos o delicioso instante. Creio que as sensações estão mesmo em nós, e apenas buscamos no mundo um pretexto qualquer para ativá-las.

À doce menina cabia saborear certa delícia; adequar um momento, uma escolha qualquer entre tantas, à sensação deliciosa prestes a explodir. Cabe imaginar que o rapaz evidenciasse atrativos físicos claríssimos, tendo sido esses os motivos que acarretaram o disparo de sensação tão marcante. Deve-se considerar, no entanto, que os jovens partilham inúmeros momentos análogos, de sensualidade tão intensa e natural quanto esse. Foi naquele exato instante, todavia, que estavam os olhos da menina, — olhos e todo o corpo, — preparados para usufruir a cena em sua plenitude, e degustá-la atenciosamente.

Posso apostar que nossos melhores momentos surjam assim, espontaneamente, e de um modo quase deslocado em vista de nossa conceituação fortemente tendenciosa. Talvez nossos grandes momentos tenham decorrido, de fato, de situações banais cuja lembrança nos evoque a pergunta: mas o que pode ter sido tão excitante nesse fato? Talvez nossa incapacidade de responder tal pergunta adequadamente nos leve a eliminar de nossa memória momentos sublimes e doces, caso, desconectados de nossa conceituação de mundo. Incapazes de acreditar no potencial erótico de uma situação tão singela, talvez acabemos por descartar nossas mais suaves lembranças.

A lindinha que me revela tais possibilidades me conta ainda o momento grandioso, intenso; a chupada no pau do namorado, em situação de alto risco, temendo ser flagrada com a boca na botija.

Embora eu possa sentir o coração acelerado ante a expectativa e o temor misturado à excitação puramente sexual, não consigo deixar de me ater ao fato de que o prazer do momento “devesse” ter

estado do outro lado; era a menina quem chupava, quem provocava prazer. Mas foi ela, no entanto, quem recolheu a lembrança indelével.

Mas o paradoxo é recorrente, de modo que o medo e a vergonha encontram-se forte e constantemente associados ao prazer sexual extremo.

É curioso que momentos tão gratificantes decorram tão frequentemente de situações proibidas. Surpreendente que o prazer extremo, o deleite, sejam tão amiúde alvos de proibições, de sanções sociais, embora compartilhem todos, basicamente, os mesmos desejos.

Também admira que a busca de prazeres tão naturais e compartilhados por todos possam resultar em tamanha vergonha, maior, possivelmente, que todas as outras.

Tendo ouvido os relatos da menina, seria inútil evitar mencionar o fato evidente da excitação que me causou, e que eu espero ter-lhe retribuído com intensidade equivalente, incutindo na moça a mesma curiosidade em me conhecer, o mesmo desejo que me comove. Adoraria ser eu a mostrar-lhe a associação entre o prazer momentâneo e a apreensão de ser flagrada, chupando-a voluptuosamente.

\* \* \*

Lucíola

Era mais uma tarde chata e quente como tantas outras no escritório envidraçado, e Lucíola permanecia entediada em sua mesa. O colega em frente parecia mergulhado na *internet*, do lado de fora da vidraça o movimento normal de todos os dias; atrás de si o chefe, sempre atento.

No meio do tédio brutal, e sem nada para fazer, Lucíola decidiu entrar na *internet*, em um *site* de conversas; sabia que algumas pessoas gostavam daquilo.

Entrou em uma sala de bate-papo e ainda tentava entender o que acontecia ali, quando a conversa começou a tomar um rumo inusitado. Qualquer coisa que alterasse a rotina de trabalho entediante seria bem-vinda, e Lucíola resolveu dar corda às estranhas propostas que começara a receber.

Logo estava dialogando com um negão que a provocava com um palavreado erótico surpreendente. Excitada com o que lia, lembrou-se de seu chefe. Deu uma espiada para trás e constatou que ele continuava atrás dela, vigilante como sempre. Rememorou a viagem que haviam feito juntos, quando ele a chamou para discutir assunto de trabalho no quarto. Enquanto o seguia até lá, subiu ainda mais a saia curta e expôs os seios fartos mais amplamente.

Lembrou-se da entrada no quarto, do olhar guloso com que ele esquadrinhou todo o seu corpo, e dos bofetes que foi logo recebendo, “para aprender a não ficar rebolando daquele jeito, tentando um macho no escritório”. O homem esbofeteou-a duas vezes, cinematograficamente, com os dois lados da mão, enquanto desabotoava a calça e expunha o pau duro para a gostosa.

Atônita, Lucíola caiu na cama com as pernas abertas, a boceta reluzindo na calcinha branca, luminosa, e já bem exposta.

O chefe se despiu, arrancou a roupa da gostosa e enfiou-lhe o caralho. Enfiou com força na boceta antes de virá-la de costas, tascar-lhe uma palmadona na bunda e botar-lhe no rabo com raiva.

A gostosa rememorava esses momentos deliciosos quando o negão propôs aparecer na tela. Lucíola achou que aquilo poderia enraivecer o chefe, mesmo assim aceitou o convite e permitiu que a trolha descomunal do negão invadisse toda a tela, para seu espanto e deleite. Nunca mais tinha levado umas porradas tão deliciosas, nem uma enfiada como aquela, depois de amaciada pelas bolachas.

A visão do geba imensa e lustrosa se exibindo gloriosamente sob todos os ângulos a compeliu a, ali mesmo, no escritório envidraçado, desabotoar a calça e iniciar uma massagem deliciosa na boceta molhada, comandada pela batuta do negão.

Com toda a naturalidade do mundo, a gostosa enfiava os dedos na boceta enquanto mantinha o olhar guloso no pau do negão, que telefonou para ela; queria ouvir o som de seus dedos mergulhando na boceta encharcada.

A gostosa adorou ouvir a voz do homem, e obedeceu ao pedido, colocando o telefone junto à boceta, enquanto a estocava em sincronia com o movimento da trolha imensa na tela. O chucac, chucac, chucac de sua boceta deu ainda mais energia ao trabuco, aumentando o ritmo de seu compasso, acompanhado pelas cutucadas naturalíssimas da mulher em sua boceta encharcada, em pleno escritório, no meio dos colegas.

Lucíola teve apenas um breve vislumbre da porra jorrada pela trolha negra, ao mesmo tempo em que ela mesma se deixava levar em um gozo solto e natural. Ainda voltou o pescoço para trás, para conferir se o chefe, vigilante, a monitorava naquele momento de deleite, enquanto mantinha uma preocupação muito longínqua em ter suas feições notadas pelos colegas.

\* \* \*

O olhar é certamente um dos principais fios condutores nas conversas, tendo um papel marcante nelas, direcionando as palavras, acentuando e pontuando todo o discurso. Assim os olhos participam diálogos ativamente, informando e conduzindo a prosa. Não há dúvida, portanto, de que a ausência do olhar tende a empobrecer a comunicação.

Há, no entanto, uma função extremamente restritiva e comum do olhar: uma função inibidora. Com muita frequência, uma surpresa manifestada pelo olhar, uma censura, finaliza uma revelação ainda em curso, suprimindo uma exposição mais íntima. São quase sempre os olhos que impedem o livre discurso do interlocutor, que, sem a avaliação do olhar do outro, liberta o fluxo de seus pensamentos mais íntimos.

A rede de computadores introduziu uma infinidade de novidades nos costumes, uma delas, muito intensa e marcante, decorre da supressão dos olhares durante os discursos, aliada à frequente impessoalidade. Juntas, essas duas características propiciam circunstâncias anteriormente improváveis. Os que se comunicam pela rede encontram e conversam com pessoas com as quais nunca falariam, já que os símbolos usualmente utilizados para a seleção de interlocutores estão ausentes, deixados outros em seus lugares. Além disso, e, surpreendentemente, a meu ver, a possibilidade de um encontro, sob certos aspectos, extremamente íntimo, enriquece as relações via computadores.

Estreante em salas de bate-papo, Lucíola foi logo surpreendida pela abordagem lúbrica do homem, que em circunstâncias usuais não teria tido a permissão de se aproximar dela, muito menos de

revelar seus dotes. Oculto sob o véu da rede, no entanto, o homem pode se mostrar quase por completo, e em apenas poucos minutos, para surpresa e deleite da mulher.

Acho espantoso o envolvimento nas salas de conversas na rede. A mim parece, ainda hoje, absolutamente surpreendente que duas pessoas se envolvam emocionalmente, em tão alto grau, após uma tão breve troca de palavras.

Os frequentadores dessas salas sabem, por experiência, que algumas palavras trocadas, normalmente bastante idiotas, podem fazer surgir um grande amor.

Somos uns macaquinhos petulantes, mas costumamos negar esse fato e nos dar ares de grande importância. Para um enorme número de pessoas, para as mulheres em especial, o encontro do parceiro costuma ser revestido por uma aura quase mística. O encontro do príncipe encantado parece envolto em uma magia sobrenatural, e talvez o seja mesmo, como pode ficar evidenciado pelos encontros, não raros, surgidos na rede.

Quando duas pessoas se apaixonam, ouvem frases dulcíssimas proferidas pelos parceiros, criaturas angelicais, cândidas, possuidoras de todas as virtudes. Posteriormente, mantemos na memória a lembrança apenas difusa das palavras ditas pelos amantes durante os momentos mais singelos de nossas paixões. Embora não consigamos lembrar com exatidão as doces palavras ouvidas naqueles momentos grandiosos, guardamos carinhosamente a recordação das sensações que envolveram momentos tão sublimes.

Para o bem e para o mal, os computadores permitem a gravação de tais momentos. A maioria dos programas de comunicação permite a gravação das conversas, incluindo as palavras mágicas e mavisosas que amoleceram os corações, abrindo as portas para um grande amor.

Confiram a parvoíce! Os que se apaixonaram pela rede e gravaram todo o romance podem constatar indubitavelmente a própria tolice, a própria condição simiesca, ao reabrir os arquivos contendo as gravações das conversas arrebatadoras que acarretaram a paixão. Verifiquem a imbecilidade das tagarelices resultante nos mais sublimes amores. Somos uns macacos.

Mas, macacos lúbricos, e o contato entre machos e fêmeas tende a ser bastante atraente para ambos. Desprovidos das inibições culturais trabalhadas ao longo de milênios para coibir o intercuro do erotismo, rapidamente tendemos a nos ver envolvidos em atmosfera sensual.

Assim, não espanta que Lucíola tenha-se deixado arrastar pelo embalo erótico, surpreendendo apenas que o fizesse em pleno escritório, em meio aos colegas, monitorada pelo chefe atento. Mas talvez esses não tenham sido motivos de inibição do fato, mas estímulos. A masturbação é uma ação banal, não foi isso que acentuou a singularidade do instante. O momento foi tornado marcante pelo deslocamento da ação, pela possibilidade de um flagrante.

Mas havia ainda, e sobre tudo, a presença do chefe. A lembrança das excitantes bolachas reavivadas; o olhar do superior misturado à trolha do negão na tela. A mulher decidida, independente, a fêmea lasciva, ansiava ser subjugada novamente pelo chefe; dominada, comida com a mesma volúpia selvagem que na vez anterior.

\* \* \*

## Fêmeas humanas e cio

O que nos torna humanos e diferentes de outros animais? Em outros tempos buscávamos a resposta na bíblia, encontrando-a logo em seu início: Deus teria criado o Homem para dominar sobre a Terra e sobre os animais. Mas a resposta tornou-se insatisfatória, e mesmo antes de se tornar nefasta, espíritos mais iluminados construíram outras, hoje mais convincentes.

Consoante o espírito otimista e humanista do século XIX, trataram de atentar para a enorme cabeça humana, para a inteligência e o tamanho do de nosso cérebro, escolhendo tais características como as verdadeiramente distintivas do humano. Notemos que a pudicícia desses tempos impedia que nos tivéssemos a características, talvez, mais ímpares e marcantes que essas. Atentem que o cérebro das baleias é bem maior que o nosso.

Talvez a característica humana mais estranha e surpreendente, possivelmente definitiva de nossa espécie, seja o fato de que nossas fêmeas apresentam-se em um cio constante. Todas as outras fêmeas vivem um curto período de intensa sexualidade, durante o qual engravidam, para, em seguida, sossegar o facho, e se abster de todo e qualquer empenho sexual. Para todas as outras fêmeas, a distinção das fases é absolutamente marcante, sendo a sexualidade a tônica central de suas atenções durante o cio, mas irrelevante, inexistente em outros períodos.

As fêmeas humanas, no entanto, mantêm-se receptivas ao sexo durante todo o tempo, sem uma distinção nítida em suas vidas de períodos de cio e de, digamos, fastio sexual. Note que o cio animal corresponde ao período fértil da fêmea, sendo o único momento no qual podem engravidar.

Durante o cio, uma fêmea, seja ela uma leoa, uma loba, ou uma zebra, procurará ativamente os machos, seduzindo-os intensamente, entregando-se por inteiro a uma sexualidade desenfreada. Terminado esse curto período, no entanto, todas elas retornam à vida comum, negando peremptoriamente qualquer assédio dos machos, evitando toda atitude que eventualmente estimule o desejo de algum macho. Assim, para todas as outras fêmeas, a sexualidade permanece circunscrita a um breve cio, sejam elas peixes, pássaros, ou até mesmo insetos e vermes. Apenas as mulheres, essas fêmeas insaciáveis, sedutoras compulsivas, permanecem ligadas durante toda a vida, atentas e receptivas às estocadas dos machos em qualquer tempo, vivendo um cio constante, interminável, que perpassa até sua longa gravidez.

Creio ser essa a característica distintiva humana por excelência: a lubricidade de nossas fêmeas. Teria sido possível o desenvolvimento da linguagem sem que as mulheres nos atraíssem para perto de si com seus corpos e olhares? Que interesse teriam tido os homens em se manter perto de fêmeas que só raramente lhes dessem bola? Como, então, esses brutos, os homens, teriam aprendido a falar? Distantes das fêmeas, nossos urros e grunhidos eventuais nunca teriam adquirido a musicalidade necessária para o encantamento das mulheres. Penso que só começamos a falar para seduzir, para encantar nossas fêmeas, sempre atraentes e dispostas a receber nossos convites. Se é assim, e se a fala corresponde precipuamente a uma arma de nosso arsenal de corte, teremos nos tornado humanos, racionais e falantes, apenas graças à lascívia, à sensualidade de nossas fêmeas.

Assim como todas as ideias novas, essa parecerá absurda, talvez até insana. Somar-se-á a tal estranheza a referência, frequentemente reprovável, talvez proibida, à sexualidade. Sugiro aos céticos uma breve digressão: pensem em como seriam nossas vidas se as mulheres se abstivessem por completo de toda a sexualidade, exceto durante uns 3 dias anuais de lascívia desenfreada. Apostaria na ocorrência de uma fortíssima segregação; excluída a atração sexual, machos e fêmeas humanas quase não teriam interesse recíproco, vivendo, provavelmente, em bandos desconexos. Mais provavelmente os homens se embrenhariam solitários pelo mundo, imersos em seus próprios

pensamentos, distantes das mulheres, até o novo cio das fêmeas.

(Também não dá para imaginar, é certo, a festa durante esses 3 dias!)

Fosse como fosse, seríamos outros, e ainda mais brutos, suponho.

\* \* \*

Uma menininha muito sapeca

Embora miudinha, Amália sempre foi muito sapeca, desde a mais tenra idade. Era bem novinha quando, em meio às brincadeiras infantis, se extasiou com a cena de um colega de colégio, bem mais velho que ela, dando uns amassos em outra menina. Deleitou-se com a visão, e quis sentir exatamente aquilo que a outra sentia.

Dias depois, conseguiu roubar a atenção do menino. No final das aulas, ao perceber o interesse dele em sua calcinha exposta durante uma brincadeira infantil, abaixou-a vagarosamente, com malícia, hipnotizando o rapaz. Ousadamente deixou que o menino visse sua bocetinha, para ocultá-la em seguida alvoroçadamente, entre risos infantis e desbragados.

Atiçado pela visão, o rapaz de 15 anos foi atrás dela. Depois de uma conversa muito breve, o rapaz a levou para baixo da caixa d'água, local que costumava frequentar, uns 100 m distante da escola.

Chegando lá o rapaz beijou-a. Depois do segundo beijo muito atento, ritualístico, a menina confessou ao rapaz terem sido os seus primeiros. Talvez essa confissão o tenha atiçado ainda mais, talvez fosse aquele o seu modo usual, de qualquer forma, o rapaz se entusiasmou naquele momento e, erguendo o vestido da menina foi logo metendo a mão em sua boceta.

Atônita e zangada, a menina repudiou com veemência a ousadia extrema do rapaz, obrigando-o a se conter. Novos beijos, no entanto, contiveram sua ira, sendo recebidos com alegria pela menina, seguidos por chupadas excitantes descendo pelo pescoço até o ombro desnudo. Empolgado o rapaz abaixou o vestido, da menina, que se rebelou novamente ante o arroubo excessivamente ousado do rapaz. Mas a diferença de idade e de força entre ambos impossibilitou a defesa da jovem, que sucumbiu, se entregando ao prazer das chupadas em seus peitinhos que começavam a despontar.

Semidesnuda, inundada por um deleite erótico inenarrável, transportada por sensações inebriantes e desconhecidas, a menina ia sendo envolvida pelo imenso prazer provocado pela boca, mãos e corpo do rapaz sobre o seu.

Quando o rapaz começou a chupar sua boceta ela ainda esboçou protestos, mas muito dúbios. Dividida entre o desejo e o pudor, acabou deixando que o rapaz decidisse por ela, entregando-se a sua boca ávida.

Tendo chupado a bocetinha da menina, amaciado a pirralha, deixando-a lânguida e entregue ao

prazer, o rapaz tentou introduzir-lhe o seu pau duro, mas tal ato acabou por despertar a menina de seu transe sensual, fazendo-a rechaçá-lo novamente, decidida e veementemente.

Durante os retornos à caixa d'água a decisão de poupar a bocetinha, de mantê-la impenetrada ficou estabelecida. Mas no banheiro do colégio ela permitiu que o rapaz lhe enfiasse o pau na bunda.

Doeu para caralho, mas foi gostoso.

Só uns anos depois Amália voltou a dar seu rabinho para outro, seu vizinho, um homem maduro, já com mais de 50.

Ela havia se interessado por outro, que trabalhava com ele, mas não lhe dava bola. Por isso começou a conversar com o vizinho, contando-lhe suas peripécias, enlouquecendo-o com as narrativas de suas vivências eróticas. Incendiado pelas conversas da menina sedutora, o homem tratava de dar corda às narrativas, apimentando, ele também, os enredos, retribuindo o palavreado incendiário com o mesmo fogo.

Naturalmente as fortes chamuscas o compeliram a contatos mais íntimos; arrebatado, o homem comeu o rabo da menina com um tesão renovado, com uma intensidade que parecia advir de outros tempos.

Hoje, aos 15 anos, Amália ainda não deu sua bocetinha; repeliu com veemência e decisão minhas sugestões nesse sentido, ilustrando a maneira peremptória com que resguarda sua boceta desde os 10 anos de idade.

Propus-lhe, no entanto, abaixar seu short e dar-lhe umas palmadas na bunda por ser tão sapeca, sugestão recebida com agrado por ela. Prontifiquei-me então a ir encontrá-la, dar-lhe uns tabefes na cara, umas palmadas na bunda, jogá-la no chão da praia, rancar-lhe as roupas e enfiar-lhe o caralho na boceta. A proposta ganhou aprovação, deixou-a acesa; agora Amália até já pensa em finalmente dar a sua bocetinha. Talvez façamos uns planos.

\* \* \*

Publiquei essa história no *site* onde costumava postar meus escritos; 24 horas depois o texto estava prestes a se tornar um dos mais lidos do *site*, quando foi censurado, e retirado da página. A direção do esclareceu o motivo:

“Informamos que seu texto intitulado "Uma menininha muito sapeca" foi removido por estar em desacordo com nossa política editorial. ==SEXO COM PERSONAGEM MENOR DE IDADE==”

Fiquei surpreso e decepcionado com o ocorrido, embora soubesse que o *site* de escritores, outrora liberal, vinha ganhando contornos fortemente conservadores. Por outro lado, minha própria posição acerca dos fatos não era clara. O texto havia disparado uma sucessão de acontecimentos bastante curiosos.

Em primeiro lugar, chamava a atenção a atração causada, em grande parte, pela referência no título à menininha sapeca. Imagino que dois sentimentos tenham contribuído para isso: certo espírito de fofoca em torno de uma ação provavelmente escandalosa, e a excitação gerada pela referência à menina.

Estava me agradando acompanhar os avanços rápidos do texto entre os mais lidos do *site*, assim, sua retirada acabou com minha farra. Em vista disso, postei um texto chamativo, as peripécias escandalosas de uma vagaba, que não causou nenhum impacto entre os leitores. A diferença no

interesse gerado por ambos os relatos expunha mais um paradoxo.

As regras do *site* proíbem referência a sexo com menores de idade, embora as moças costumem estar bastante atraentes antes da maioridade. Para a imensa maioria da população, jovens de 16, ou 17 anos, são mulheres desejáveis, talvez no auge da sensualidade. Para uma imensidão, antes disso, já aos 14, ou 15, as moças se revelam atraentes. Há também os que são atraídos pelas que ainda não desenvolveram as formas de mulher, aos 12, ou 13, como a personagem de Nabokov, no romance *Lolita*.

Aliás, minha primeira reação à censura envolvia a constatação de que as regras estabelecidas excluíam do *site* um livro como esse. Há uma nítida diferença entre a proibição de um fato, e a de um relato do fato. Não se cogita proibir histórias policiais, ou de terror envolvendo os mais hediondos assassinatos, nem os mais bizarros crimes, proíbem-se apenas os crimes, obviamente.

Com respeito às questões sexuais, outros pontos se apresentam. Creio que as virgens de 19 anos ainda remanescentes encontram-se, quase todas, preocupadas com sua condição, acreditando estar passando da hora de se iniciar sexualmente. Não são poucas, mas quase todas preocupadas, creio.

Suspeito que a maioria esteja se iniciando ali pelos 17, havendo, naturalmente, um grande número que se apressa um pouco e dá aos 16. O número das que se apressam ainda mais não é pequeno, embora normalmente inconfessável. Há um forte preconceito e sanções contra as que se apressam demasiadamente, não convém a elas divulgar o fato. Tudo isso com fortes variações regionais.

Mas os paradoxos evidenciados pela censura não se mostravam tão gritantes quanto o antagonismo entre os desejos e as proibições. A acolhida do texto evidenciava um forte interesse sexual dos leitores por “meninhas sapecas”, referência mais, digamos, radical que a da proibição do *site*. Enquanto esse explicitava a referência a menores de idade, o título sugeria o envolvimento de uma criança.

Tento imaginar os desejos da população. Não há dúvidas de que as moças de 17 sejam extremamente desejáveis para a maioria. Penso nas de 15, aquelas com o corpo ainda em desenvolvimento, com as formas femininas já explicitamente delineadas, mas ainda não por completo. Certamente a maioria se sente atraída por elas, e, não poucos, devem considerar esse o auge da sensualidade.

Serão poucos os que se sentem atraídos pelas de 1?, aquelas cujos peitinhos apenas se insinuam, só começando a sinalizar sua existência futura? cujas formas ainda não definem claramente uma mulher?

E quanto às de 12 ou menos?, crianças, de fato, sem nenhum sinal, ainda, das alterações que logo a transformarão em uma mulher. Essas certamente atraem um contingente muito menor, possivelmente atraído também por meninos.

Penso também nas desigualdades regionais, e no fato de o calor apressar o desenvolvimento das moças acarretando um amadurecimento sexual precoce nos trópicos.

Tendo sido alertado a tomar certas precauções, omiti certas informações. Embora usualmente despreocupado e quase inconsequente, decidi ficar atento e me resguardar de possíveis ameaças, dado que vivemos tempos de descontrole e mudanças. Comportamentos proscritos poucas décadas atrás são, hoje, quase incentivados, obrigando os controladores de sempre a direcionar sua mira para novos alvos. Novas proibições parecem querer tomar o lugar das antigas.

\* \* \*

Silmara

Aos 19 anos, Silmara namorava o mesmo rapaz havia 3; ambos igualmente inexperientes. As esfregações haviam-se tornado cada vez mais intensas, mais ansiosas; os dois desejavam imensamente prosseguir, concluir, ou, sabiam lá o que deveria vir em seguida, mas nunca chegava. Nos últimos tempos, vinham ficando pelados, se agarrando loucamente, se devorando mutuamente, mas a completa inexperiência de ambos impedia a consumação de algo que, confusamente, os dois mal compreendiam.

Era uma tarde como tantas outras, e os dois se agarravam na área da casa, quando tiveram a ideia de virá-la de costas, posição enlouquecedora como todas as outras. Agarrando vorazmente os seios da moça, apalpando-lhe todo o corpo, pressionando-se nela, o rapaz empurrou-a até a parede, levantou seu vestido e, com o pau para fora começou a estocar com avidez a sua bunda.

A gostosinha se deliciava com os amassos intensos, mesmo que o pau muito duro e a calcinha incômoda a machucassem. O prazer se misturava à dor, enquanto o rapaz tentava se enfiar no rabo da moça derretida em desejos, ambos de pé, ela pressionada contra a parede.

Ela se esforçava para permitir que o namorado se enfiasse em seu rabo, mas em vão, até que, subitamente, o pau duro irrompeu em sua boceta, rasgando-a dolorosamente, mas enlouquecendo-a de prazer. Ao sentir o pau penetrando a namorada, o rapaz acreditou estar comendo-lhe a bunda, razão pela qual abriu-a com as mãos para estocar-lhe, mais e mais, com avidez brutal, enfiando-se contundentemente na amada.

Depois do gozo confuso e enlouquecido de ambos, descobriram a calcinha estropiada no chão. A boceta permaneceu, também, esfrangalhada por uns dias, embora com pressa enorme para se recuperar e repetir toda a loucura.

\* \* \*

As trapalhadas e loucuras do casal alucinado, já à beira do desespero, chegaram ao ápice de maneira inesperada e singela. Como em uma comédia romântica, a sucessão de erros acaba desaguando em um momento de extremo lirismo; agrada-me imaginar o casal bem abraçado, prostrado após a luta inesperada, surpreso e inebriado com as recentes descobertas. Em meio a sonhos e delícias, entrelaçado, deixo o casal imerso no instante delicioso, sorvendo a magia protagonizada por ambos.

\* \* \*

## A moça do interior

Mara era uma moça singela e casta que morava em uma fazenda e quase nada sabia sobre as práticas e desejos sexuais.

Um dia, enquanto lia um livro de Jorge Amado, foi sendo tomada por uma sensação intensa, de extremo prazer. A leitura extasiante a transportava para um mundo onírico. Imersa em fantasia, ia sendo envolvida por emoções agradabilíssimas, quando foi assaltada, arrebatada, por uma sensação absurdamente deliciosa, enlouquecedora. Inebriada pela sensualidade da leitura, foi levada a sentir seu primeiro e singelo orgasmo.

Depois disso a moça se tornou leitora voraz, buscando com avidez as passagens mais excitantes dos romances que adquiria na biblioteca da cidade. Lia com sofreguidão, na ânsia de repetir a sensação maravilhosa, conseguida novamente com outros livros de igual teor.

Também parou de se confessar na igreja, na época; impossível relatar tamanho pecado, tanto quanto evitá-lo.

Novos orgasmos, dos de tipo mais palpável, se assim se pode escrever, tiveram que esperar o surgimento do primeiro namorado, mas só precisaram de seus beijos.

\* \* \*

Uma forte pudicícia a impede contar detalhes factuais de sua sexualidade, enquanto proponho encontrá-la para tratá-la como uma vagaba, como ela deseja. Quero aplicar-lhe umas palmadas no rabo generoso, antes de enfiar-lhe o caralho de todas as maneiras, como ela merece.

Escritora, planejamos nosso encontro em algum evento literário, onde poderei comê-la vorazmente, onde comerei sua bunda pela primeira vez, rasgando-a por dentro de um modo que seu marido, seu único amante, respeitosamente, nunca fez. Tratarei a vadia como ela merece, ela adorará isso.

Mara pareceu não se entusiasmar com a leitura dessa e de outras palavras no mesmo tom, disse ser romântica e preferir outro tratamento. Não tardará colocarmos à prova as duas visões da mesma relação.

\* \* \*

## A japinha

Ao sair de uma festa a moça pegou um táxi. Tinha bebido mais que o necessário e se encontrava em um alto grau de assanhamento.

O homem percebeu tudo isso imediatamente, começando logo a cantar a moça sentada ao seu lado. A excitação dela o contagiou, e não demorou muito para que o homem passasse a esfregar o pau duro, descaradamente, enquanto dirigia. O gesto excitou loucamente a japinha que não hesitou quando o homem pediu que ela desse uma pegadinha.

Obedientemente, agarrou a trolha do cara, e quando ela desabotoou a calça liberando o caralho duro, o taxista agarrou seus cabelos puxando sua boca gulosa para o pau duro exposto. Enquanto ela chupava o caralho, o motorista estacionou em uma rua deserta, enfiando-lhe a mão pela saia até fazê-la gozar enquanto chupava.

Em seguida, foram para o banco de trás, onde a moça de 19 anos, e ainda virgem, se despiu. O taxista então abaixou a calça e enfiou-lhe a jeba, apesar dos protestos iniciais da japinha. Tendo já chupado vários outros paus antes, era a primeira vez que um macho desconsiderava a sua vontade expressa, e sobrepujava a ordem verbal que proferia, atentando ao desejo mais profundo da fêmea, à vontade incontrolável de ser penetrada. Embora dizendo o contrário, a mulher queria ser comida, desejava ser penetrada por um macho. Ansiava intensamente, havia muito, dar a boceta; se entregar por inteiro a um homem. O motorista entendeu a situação, ou nem quis saber, já que queria exatamente o mesmo, comer a japinha gostosa, enfiar-lhe o caralho; e isso era tudo o que lhe interessava.

Embora casado, os dois permaneceram amantes por um longo tempo. Aquele homem compreendia a vagaba.

Depois de casada, a piranha mergulhou em uma putaria desbragada. A japinha me conta a tarde em que, acompanhada de um amante dominador e imenso, recebeu e satisfez uma fila de homens em um cinema pornô.

O amante, homem imenso, tinha buscado e encontrado o local apropriado para a suruba. Então a levou para o cine pornô. Lá, começaram a se agarrar, até que uns frequentadores se aproximaram. O gigante convidou, ou permitiu que um dos homens sentasse ao lado dela, que caiu de boca no pau do cara para se aclimatar ao cenário.

Já adaptada ao ambiente, se dirigiram ao banheiro, onde um homem chupava o pau do outro. Talvez intimidados pelo tamanho do acompanhante da japinha, ambos deixaram o banheiro, retornando um deles, a convite do gigante. A mulher se sentou na privada e começou a chupar o pau do convidado, enquanto o gigante permanecia à porta do recinto, controlando tudo, organizando a fila de machos que se formava para comer a japa.

Deixavam permanecer apenas dois homens no recinto, um comendo a mulher, outro sendo chupado por ela, para já ir esquentando. 2 dos homens a enrabaram, 3 outros comeram apenas sua boceta, tendo sido, todos, cuidadosamente chupados pela gulosa.

Tentei manter contato com a *puttana* que recusou se dar a conhecer, uma vez que eu havia ouvido

suas histórias. Disse que, para seus amantes, se mantinha sempre muito pura e casta, confessando para todos, só se entregar daquela maneira, como puta, para eles.

Deixei com ela todas as pistas sobre mim. Torço para encontrá-la em qualquer esquina, casta e pura como sempre, entregando-se completamente para mim, em situação tão descaradamente absurda que nem consigo imaginar. Adorarei a surpresa.

\* \* \*

Os neurologistas nos contam que o cérebro é composto por dois hemisférios relativamente independentes, capazes, cada um deles, de manter a vida, e de compor uma personalidade de uma pessoa normal. Dizem também que no cérebro masculino, uma dessas metades se sobrepõe à outra, domina e cala a que lhe é antagônica, constituindo uma personalidade una. Contam também que, nas mulheres, ao contrário, ambos os hemisférios se equilibram, sem que um prepondere sobre o outro, sem que haja uma dominância, sem o comando de um deles. Talvez por isso, conjecturo, as mulheres manifestam uma dualidade essencial, podendo, de certa maneira ser considerada duas.

Essa duplicidade se evidencia com muita clareza na expressão verbal e real de seus desejos; perguntada, por exemplo, sobre as características de um homem ideal, a mulher descreverá, frequentemente, um homem romântico, carinhoso e sensível, oposto ao cafajeste ao qual se entrega de corpo e alma. Em um plano meramente mental, afirma preferir o homem que, de fato, sempre despreza, se deixando dominar por aquele de quem, racionalmente, gostaria de manter distância.

Assim, a duplicidade feminina faz com que o discurso e a prática das mulheres se choquem frontalmente, verbalizando, com enorme frequência, o exato oposto de suas ações, reafirmando constantemente, como que para si mesmo, tudo aquilo que sua outra metade insiste em negar em cada um de seus atos.

Respeitosamente, todos os cortejadores da jovem japinha atendiam às suas súplicas de mantê-la intacta. Agarravam-na peladinha, chupavam-na inteira; apalpavam-na, pegavam-na, mas acediam ao desejo expresso pela doce menina de se manter virgem, de manter sua bocetinha incólume, impenetrada.

O motorista noturno, no entanto, se deparou com a vagaba oferecida que se atracou com seu pau quase de imediato. Em vista disso, nem lhe ocorreu respeitar o desejo expresso pela alegada virgem, mas apenas enfiar o caralho na piranha sedenta, e assim o fez, apesar dos protestos.

Enquanto arrombada, a jovem descobria ser aquele o seu desejo, tão radicalmente contrário às suas palavras. Tinha dito não ao motorista, assim como o tinha feito a um vasto rol de cortejadores anteriormente, mas, para todos eles, silenciosamente, gritava um sim desesperado; para todos eles implorava que a comessem, que desconsiderassem suas mentiras e lhe enfiassem o pau, mas foi o motorista noturno quem o fez. Apaixonou-se por ele. Era o primeiro que não dava ouvidos à súplica plangente da moça pudica e superficial senhora das palavras, e se dirigia diretamente à outra, à sedenta dona do corpo, indo assim diretamente ao âmago da gostosa, literal e figuradamente.

Assim, pouco importava que tivessem sido as circunstâncias a tornar o motorista um sábio, um profundo conhecedor da alma feminina; arrebatou-a ao enfiar-lhe a trolha dura.

\* \* \*

## Sobre a sexualidade

Poucos temas nos despertam tanto interesse quanto a sexualidade. A despeito disso, nenhum outro, provavelmente, foi tão evitado, tendo sido proscrito por longos séculos, excluído de qualquer conversa civilizada; paradoxos da cultura cristã.

Biologicamente a sexualidade não me parece uma coisa óbvia, ao contrário; muito mais simples é a reprodução assexuada. Durante longas eras todos os seres se reproduziram solitariamente, difícil imaginar como tenha surgido a reprodução sexuada, uma atividade confusa, custosa e pouco eficiente.

Existem várias tentativas de explicação do evento, que deve ter ocorrido mais de uma vez, já que aparece em seres tão distantes quanto animais e vegetais. Eu próprio propus uma explicação para o fato, surpreendente e estranha; suspeito que a sexualidade tenha sido, originariamente, uma forma de parasitismo. A proposta estarrecedora é excessivamente complexa para ser apresentada em poucas linhas, mas me agrada buscar evidências em favor da ideia de que os ancestrais dos espermatozoides foram seres autônomos que um dia, longas eras atrás, parasitaram nossos ancestrais. Após uma longa coexistência, parasita e hospedeiro acabaram por construir uma relação benéfica para ambos, quando o parasita incorporou o material genético do hospedeiro ao seu próprio, passando a inoculá-lo em outros da mesma espécie, facilitando assim uma espécie de vampirismo no qual os seres infectados adquiriam automaticamente a capacidade de se reproduzir sem esforço, de modo parasitário, apenas inoculando seus espermatozoides em outros seres similares.

Sob essa descrição, tanto os espermatozoides, quanto os machos, por inteiro, podem ser descritos como parasitas. As vantagens disso, óbvias para eles próprios, acabaram por se estender também aos outros, às fêmeas, seres imunes, capazes de resistir à infecção parasitária. Tal vantagem se manifestou apenas nos organismos grandes, complexos, e longevos, cuja progênie fosse pouco numerosa. Organismos pequenos são favorecidos pela prodigalidade da reprodução assexuada.

A vantagem da reprodução sexuada consiste na reunião de linhagens desconectadas umas das outras. Dois seres autônomos podem, através do sexo, misturar suas próprias informações genéticas, gerando descendentes misturados que incorporam características de um e de outro. Tal junção possibilita a reunião de aperfeiçoamentos genéticos ocorridos em seres distintos, uma façanha impressionante e imensamente profícua.

Essa vantagem imensa, no entanto, se dá a um custo altíssimo, já que apenas metade dos indivíduos, as fêmeas, se encarrega, de fato, da reprodução, além da exigência de dois desenhos distintos, o do macho e o da fêmea, além de todo o aparato sexual, tanto para a cópula e reprodução propriamente dita, quanto para a atração entre os indivíduos. A imensa complexidade de tudo isso faz com que o custo da reprodução sexuada só possa ser pago pelos seres mais complexos. Os mais simples continuam usufruindo a vantagem de se reproduzir ao máximo, o mais rápido que conseguirem.

Seja lá como for, o sexo está inextricavelmente ligado à reprodução, tendo sido essa a sua origem e sua justificação biológica. A vida compõe um imenso espetáculo absurdo e estarrecedor.

\* \* \*

Com o chefe

Eva havia começado a trabalhar como técnica em um hospital. Aos 20 anos, a gostosinha tinha certa vergonha de permanecer virgem com essa idade, embora muitos se prontificassem a aliviá-la desse peso. Um homem, em especial, revelava-se extremamente solícito, o diretor médico do hospital, já quase cinquentão, que a olhava com gula nos corredores. Costumava fazer brincadeiras e mimar a gatinha que, em certo momento resolveu lhe dar corda. Passou a pegar carona com ele, que a deixava na porta de casa e pedia um beijo, proposta sempre recusada

Um dia, precisando de um atestado, foi pedi-lo a seu protetor. Tendo recebido a gostosa em sua sala, o médico se levantou, trancou a porta e guardou a chave no bolso: a menina começou a tremer.

Então o homem partiu para cima dela e a encostou na parede. Enquanto a pressionava com o pau duro, a gostosinha ia se derretendo. Ele a beijava vagorosamente sussurrando a mesma pergunta repetidamente: você quer?

Quando a gostosa respondeu que queria, ele retirou o jaleco dela, soltou seu cabelo, e a levou para cima da mesa; abriu e tirou sua calça revelando uma calcinha colorida, meio infantil, da qual ele riu e a moça se envergonhou. Tendo tirado mais essa peça, passou a massagear a bocetinha ávida da gostosa que se derretia sobre a mesa.

Enquanto premia a boceta da gostosa, chupava seus peitões, ainda amparados pelo sutiã, e apalpava seu corpo. Nunca tendo sentido nada parecido, começou a gemer alto, de maneira constrangedora na sala do superior, casado, em pleno horário de trabalho. A mesa onde estava deitada já completamente encharcada.

Para interromper os gemidos o cara tirou o pau para fora e enfiou-lhe o bicho de uma vez: doeu. Tendo enfiado, passou a mover-se carinhosamente, devagar, de um modo exageradamente suave, a moça desejava algo mais intenso.

O excesso de cuidado do homem fazia com que ela desejasse terminar rapidamente. Quando ele gozou, saiu de cima dela, que permaneceu deitada na mesa por uns minutos, assimilando a situação. Então o médico sentou-se numa cadeira ao lado da mesa e debruçou a cabeça sobre o peito da moça. Assim recostado, pediu desculpas para ela.

Parecia tão amedrontado quanto ela, quando lhe deu a chave e deixou que saísse, ela acreditando que todos a olhavam.

A vez seguinte com ele foi seu momento mais excitante, quando ele chupou sua boceta, sensação enlouquecedora. Permaneceram amantes por um bom tempo, enquanto ele ensinava quase tudo o que ela sabe, até hoje.

\* \* \*

Curioso o pedido de desculpas do chefe, que parecia sentir “ter feito mal à moça”, expressão paradoxal agora em desuso que descrevia o ato delicioso. Mas a avidez inicial enlouquecedora, com enorme frequência, se transforma em algum tipo de arrependimento logo após o término do desejo.

Somos estranhos.

\* \* \*

## Angélica

Houve uma época em que diversas razões levavam Angélica a passar as tardes em casa de sua tia. A moça tinha 17 anos, e sua tia tinha um cachorro, um dálmata muito alegre e obediente. A jovem gostava de ficar brincando com o cão, bichinho muito dócil. Ela se comprazia especialmente quando o cachorro começava a lhe cheirar; então, abria as pernas, e permitia que ele lhe cheirasse no meio, isso a fazia estremecer. A jovem sempre adorara cães.

Em poucos dias a moça percebeu que o cão tinha iniciativa própria; não precisava ser chamado para vir cheirá-la, vinha por si mesmo, muito alegremente. Tinha passado a ir sempre de saia na casa da tia, embora não gostasse do traje.

A jovem exultava quando o cão a cheirava, mas não se permitia dar prosseguimento a seus anseios em presença da tia. Até que certo dia — e a moça recorda com precisão a data e o dia da semana, passados, já, quase vinte anos —, por volta das 4 horas, sua tia saiu deixando-a sozinha com o cão.

Em meio a uma excitação imensa — a moça receava que sua tia abrisse a porta e a flagrasse ali com ele —, mas, inebriada, não conseguia parar; o cão a cheirava e ela estremecia de prazer, embriagada, fora de si. Em um arroubo, decidiu tirar a calcinha. O cão passou então a lambê-la vigorosamente, exultante, mas logo tentou trepar na moça, que, assustada, o repeliu com veemência.

Muito bonzinho, o cão aquiesceu, e não tentou aquilo novamente. A moça, no entanto, estava enlouquecida, decidiu masturbá-lo, coisa meio desajeitada. A arma vermelha do animal exposta, no entanto, excitou-a ainda mais, elevando seu desejo até a loucura. Ela queria aquilo intensamente; chupou com intensa volúpia, até não se conter mais. Então, sentou no sofá, e permitiu que ele a penetrasse, de frente.

Doeu muito, parecia que ele não ia mais sair. Difícil estimar quanto tempo durou, umaimensidão; só desengatou quando ejaculou, fazendo uma enorme lambança no sofá.

Apesar da dor e da apreensão, foi maravilhoso. Para Angélica, esse foi, sem dúvida, o momento

mais marcante de sua sexualidade.

Com o tempo foi pegando o jeito, tendo feito a coisa de todas as maneiras imagináveis. Angélica hoje tem um *collie*, e uma enorme curiosidade por tigres e golfinhos.

\* \* \*

O relato de Angélica me surpreende em decorrência de um paradoxo fundamental: a história descrita por ela não me parece excitante. Não tenho nenhum envolvimento com cães, de maneira que a perspectiva de relacionamento com um deles não me comove minimamente. Um cachorro não me parece muito mais sensual que uma cadeira, ou uma parede.

Apesar disso a história é excitante! Uma surpresa. Creio, no entanto, ter desvendado o paradoxo. A sensualidade do evento não está, propriamente, na relação descrita, mas na excitação da moça; o que me estimula, no caso, não é o conjunto da cena, mas o foco em Angélica, em seu estremecimento, em sua loucura.

Excita-me a excitação da moça; consigo sugar algo de sua vivência, espremer um pouco de suas sensações naquele momento tão intenso, tão marcante.

Não recomendo os tigres, excessivamente selvagens e rápidos, creio. Mas temo e torço para que um dia Angélica de depare com um boto. Ouvi falar que o macho deita sob a fêmea, e então saem nadando velozmente, engatados, singrando a superfície das águas. Se o tamanho do bicho for adequado, e se não houver o risco do animal carregá-la para as profundezas, talvez desvende algo da sabedoria amazônica e descubra um amante surpreendente, enlouquecedor, talvez. Poucos limites contentam a natureza humana.

\* \* \*

Sobre a tolerância

A censura à história de “Angélica e seu belo cão” me pegou de surpresa, pela segunda vez em uma semana, um texto meu era censurado, retirado do *site*; nunca tinha visto nada parecido por lá.

Eu tinha sérias dúvidas sobre o primeiro texto censurado, o da menininha sapeca cujo relato se refere a uma idade muito tenra. Lembro ter ficado meio chocado, bastante reflexivo, ao ler *Lolita*, de Vladimir Nabokov, cuja iniciação ocorreu aos 12.

Cabe notar que a pedofilia, tão em mira atualmente, se refere à relação libidinosa entre adulto e criança, não entre duas crianças. O problema fundamental dessa prática consiste na incapacidade de

uma das partes, a vítima, de compreender e julgar a situação. Essa consideração retirava boa parte do peso da primeira história censurada., referente a um contato entre dois menores. Mesmo assim, eu percebia haver algo chocante no relato, de maneira que a censura do texto, embora surpreendente, me pareceu, de certo modo, compreensível.

Quanto ao segundo texto censurado, só o espanto parecia justificar sua censura. Tinha mostrado o texto para algumas pessoas, pedindo opiniões sobre ele. A maioria, como eu esperava, se surpreendeu com a sensualidade descoberta na história. Embora o relato cru da relação entre um cão e uma mulher causasse, quase invariavelmente, forte desagrado, a história pintava uma relação muito mais amena que a sugerida por uma mera referência.

Decidi iniciar um protesto no *site*, e um pedido de abrandamento de suas regras. Pressupunha que a proibição decorria do asco causado pela estranheza da situação, e por um sentimento de intolerância correspondente ao que costumava se abater sobre o homossexualismo.

Iniciei um protesto colocando, lado a lado, ambas as práticas, homossexualismo e zoofilia, o que pareceu ainda mais chocante para alguns que o próprio tema tratado, o que, confesso, me divertiu. Não consigo ver nenhuma relevância na questão do homossexualismo, e me desagrada vê-la tratada isoladamente. Do meu ponto de vista, tal questão só tem interesse quando inserida no contexto mais amplo da tolerância. A mim não interessa saber se o homossexualismo, assim como a zoofilia, é bom ou ruim; minha solução para a questão é bastante simples: que cada um cuide de seu próprio rabo.

A sugestão se aplica a quase todas as questões sexuais, extrapolando amplamente esse campo, e abarcando um vasto espectro das atividades cotidianas. Cuidando apenas de nossos próprios rabos facilitamos nossas vidas e a das pessoas ao redor. Poucos preceitos são tão simples e gerais.

Tendo esboçado alguns protestos, fui alertado sobre a existência de outra modalidade de zoofilia, praticadas por homens e fêmeas animais, envolvendo, eventualmente, o equivalente ao estupro, o que corresponde à imposição de mau trato do animal. Creio haver diferenças marcadas entre ambas as práticas, embora camufladas pela mesma designação.

Maus tratos aos animais devem, obviamente, ser repudiados; suspeito haver, no entanto, algo como uma “zoofilofobia”, designação análoga a “homofobia”, correspondente a atitude preconceituosa e injustificada, consistindo em uma tentativa de controle do rabo dos outros, fruto da intolerância.

\* \* \*

## Sobre a incompreensão

Natália e Jorge eram amigos de infância, e estavam sempre juntos. Quando a sexualidade chegou, foram descobrindo simultaneamente, também, como tantas outras coisas.

Costumavam ficar juntos, e se agarrar, e já haviam tentado ir até o fim. Um dia, aos 15 anos, a moça decidiu ter chegado a hora; pegou um filme e chamou o rapaz para a cama.

Não havia nenhum interesse no que se passava na tela, os dois se mantinham fixos e atentos um no outro, nas respirações ofegantes, nos corpos. Natália foi logo chupando o pau do rapaz, queria enlouquecê-lo; ele ia derramando um líquido lubrificante em sua boca. Depois deixou que Jorge tirasse sua roupa, e se posicionou para recebê-lo, como tinha visto acontecer nos filmes. O rapaz foi, então, pra cima dela, e tentou enfiar-lhe o pau, mas, como das outras vezes, doía muito e ela o mandava parar.

Jorge, no entanto, já esperava que isso acontecesse; já haviam decidido desconsiderar os protestos da menina e dar prosseguimento ao ato desejado por ambos. Assim, desconsiderando as súplicas da gostosinha de pernas abertas sob ele, Jorge foi-lhe enfiando o caralho imenso.

Tendo conseguido enfiar a cabeça do bicho, tratou de ir metendo na menina tudo o que conseguia, enfiando-se nela loucamente, inebriado, ele também.

Enfiou-lhe o pau, a despeito dos protestos e das dores da menina, que segurava sua nuca com força, depois sua bunda. Depois da penetração as dores reduziram, e Natália pode se deleitar ao sentir o pau duro dentro de si.

Após o primeiro embate, o jovem continuou armado, dando prosseguimento à luta, e às estocadas contundentes. Natália sorvia as novas sensações até ser invadida pelo gozo.

Quando o rapaz se foi, a boceta recém arrombada pela trolha imensa continuava sangrando, e a profusão de sangue foi o que mais impressionou a moça, durante essa descoberta.

Com o passar do tempo, Natália permitiu que uns gostos peculiares se manifestassem, conseguindo assim alguns momentos inesquecíveis, um deles, em uma festa em uma república.

Tinha ido com Marcos, com quem vinha ficando; lá, ele desejou incluir Carla na relação. As duas já se conheciam muito intimamente, tendo ficado juntas por um certo tempo, no passado. Os três começaram a se pegar ali mesmo, na festa. Os beijos e contatos triplos eram muito excitantes, as 3 línguas juntas, se buscando. Mas então, Natália descobriu algo adicional: sentia ciúmes. Nos momentos em que Marcos agarrava Carla ela era invadida por ciúmes intensos.

Os 3 saíram da festa juntos, ainda se agarrando. Natália conhecia Carla intimamente, eram amigas de longa data, tendo ficado uma com a outra por um tempo considerável; sabia seus gostos suas idiossincrasias. Tinha conhecimento, por exemplo, de que Carla, não sendo muito afeita a homens, detestava chupar rolas; tinha nojo. Por essa razão Natália a induziu a chupar o pau de Marcos. Submissa. Carla se abaixou, ali mesmo na rua escura, para vencer seu nojo e chupar a trolha apresentada.

Natália permanecia ao lado dos dois, contemplando, sorvendo a cena; espicaçada pelos ciúmes, se

comprazia ao máximo em torturar a amiga. Percebia o rosto de Marcos, meio abobalhado, inebriado de prazer, abrindo a boca, eventualmente, segurando a cabeça da gostosa a chupar seu pau. Mas o que deliciava Natália, o que a deixava à beira do êxtase, era a consciência do desagrado da outra moça. Sentia a outra jovem dominada, subjugada por ela mesma, chupando o caralho contra a sua vontade, submissa à dela, apenas.

Depois que Marcos esporrou na boca da gostosa enojada, Natália lambeu com prazer a porra que escorria pelo rosto da outra moça. Tinham sido momentos inebriantes, inesquecíveis para ela; desses dignos de serem lembrados por toda a vida.

\* \* \*

Enquanto escrevia o relato de Natália eu experimentava uma espécie de cegueira devido à incompreensão. Conhecia o relato da moça, e sabia haver nele, em alto grau, a chama erótica. Tratava-se da descrição de um dos momentos mais excitantes já vividos por ela.

Ao escrever, no entanto, embora eu pudesse sentir sua excitação, percebi que eu não conseguia encontrar seu alvo, não encontrava o foco, o objeto da excitação. Eu tratava de reviver, ao meu modo, todos os relatos que eu recontava; excitava-me com todos eles, revivendo os fatos de tão marcantes memórias. Tinha conseguido me excitar com a história do cão, recontando-a sob matizes sensuais, revivendo um erotismo zoófilo meio bizarro, mas sensual. Podia discernir no fato uma carga erótica clara e definida, ainda que surpreendente.

A tentativa de reviver o momento de Natália, no entanto, me deixava completamente impotente. Eu, simplesmente, não conseguia distinguir o objeto erótico, o que exatamente a excitava. Buscava nos elementos eróticos tradicionais, no contato físico, nas partes expostas, mas não estava ali o ponto.

Ao receber o relato, já percebia e manifestava minha incompreensão, mas ao reescrevê-lo, minha incapacidade de foco ficava ainda mais evidente. Sentia-me como um cego, tateando em busca das descrições ouvidas, perdido, sem direção, sem nunca saber ao certo se mirava o verdadeiro alvo.

Revivi umas recordações antigas ao transcrever a descrição de Natália. Creio ter amadurecido de uma maneira incomum, adquirindo muito precocemente uma racionalidade adulta, embora mantendo uma infantilidade emotiva extremamente prolongada, de maneira que, quando todos os outros jovens ao redor (em geral um pouco mais velhos que eu) já vivenciavam situações eróticas, eu ainda me comportava como uma criança, incapaz de compreender determinadas conversas que ouvia, impossibilitado de ajustar o foco sobre elas, de descobrir o alvo, o objeto tratado pelos colegas.

Por longos anos me mantive completamente fora de contexto quando se tratava de qualquer questão erótica, perdido. O relato de Natália me trazia, de volta, a mesma antiga sensação. Mesmo assim, reescrevi suas memórias, e as devolvi a ela. Como esperado, minha descrição não agradou, pareceu frágil sem alma; a falta de foco, naturalmente, ficava evidente.

Eu me mantinha refratário a dois alvos para os quais Natália chamou a atenção: os ciúmes e a raiva. Eram esses os pontos focais da excitação. Usou o termo “zelofilia”, para descrever o fundamento das sensações em pauta: o prazer obtido através dos ciúmes.

Tenho que confessar minha incapacidade de reviver a cena, de focar os pontos certos, de mirar a origem do prazer, da excitação. Resta-me repassar, analítica e desalmadamente, apenas, a informação de que a fonte do prazer se originava na subjugação do ser gerador de ciúmes, satisfazendo assim a ira, e produzindo, assim, conseqüentemente, o gozo. Repasso a informação racional e sem alma; é o que posso extrair do relato, além da perplexidade.

\* \* \*

### Uma história sem sal

Elenita era muito novinha; tinha 14 anos, mas já namorava havia 6 meses um rapaz de 18. Um dia, ele achou que deveriam ir até o fim, pediu. A menina tinha certa curiosidade, e, talvez, pouco poder de decisão, aceitou. Marcaram na casa dele, quando os pais estavam fora.

Elenita quase não se recorda do fato pouco marcante; lembra que se beijaram, que ele a penetrou e ela desanimou; durou pouco. Acredito que tenha sido uma espécie de anticlímax. Até hoje a moça não gosta de sexo.

Nenhum outro relato me pareceu tão pouco marcante. As lembranças são vagas, distantes; o fato pareceu não ter nenhuma significação, como se tivesse acontecido pura e simplesmente, sem nenhum prazer, nenhuma emoção. Dada a descrição, surpreende apenas ter restado dele alguma recordação.

Fico a pensar se o desenrolar posterior dos acontecimentos não teria interferido, talvez reconstruído as recordações. Contudo, depois do caso, a mãe flagrou a menina, e a enviou para outra cidade, isso deve ter sido uma tragédia. Seja como for, esse anticlímax evoca certa melancolia.

\* \* \*

## Catarina e seu jovem Príapo

Catarina era uma moça comportada, excessivamente até. Tinha tido um único namorado, mas já estava há quase um ano sem ninguém, embora gostasse de Daniel, um rapaz muito tímido com quem conversava bastante.

Daniel tinha 19 anos, 4 menos que ela, e nunca tinha conhecido mulher. Ela só havia conhecido o orgasmo solitariamente, depois do término de seu namoro.

Costumavam voltar caminhando, juntos, da mesma escola. Frequentemente Daniel entrava em casa, onde permaneciam conversando por certo tempo, ela no sofá, ele na poltrona; sua timidez impedia maior aproximação.

Dia após dia, iam se sentindo cada vez mais envolvidos um com outro, embora continuasse impossível para o rapaz tomar a iniciativa e, de algum modo se declarar para a moça. Ela, por seu turno, também se via impossibilitada de tomar uma atitude, por acreditar que isso deveria caber a ele, e pela falta de jeito que teria em alterar o que parecia ser a norma usual do jogo da sedução.

A expectativa de ambos, a espera prolongada, fazia crescer a chama que incendiava os dois jovens, até que uma noite, a moça arquitetou um plano complexo e quase pueril. Tendo ganhado de presente do pai uma barraca de acampamento, sugeriu ao rapaz que a armassem na sala. Desajeitadamente, depois de longo tempo e esforço, os dois acabaram conseguindo montá-la.

Então, ela sugeriu ao rapaz que penetrasse na barraca, entrando ela em seguida. Ao adentrar o exíguo espaço já ocupado pelo rapaz, Catarina tascou-lhe um beijo apaixonado, correspondido com igual sofreguidão.

Enquanto a mãe da moça dormia no quarto, ambos se pegavam voluptuosamente no interior da barraca, quando ela decidiu por outra acomodação. Comandando as ações, sentou o dócil rapaz no sofá e se posicionou sobre ele, uma perna de cada lado das suas, beijando-o frontalmente.

Daniel ia obedecendo aos seus comandos e aprendendo rapidamente as novas e deliciosas ações, guiadas a princípio pela jovem grudada nele, comprimindo corpos voluptuosamente um sobre o outro.

A calça *jeans* do rapaz, no entanto, revelou-se incômoda, de modo que Catarina decidiu abri-la para sacar de lá um pau muito duro. Exultante com o tesouro obtido, a moça abriu a saia e sentou-se sobre ele, acariciando-o gulosamente com o corpo, esfregando nele avidamente a boceta molhada.

Embora os barulhos eventuais os sobressaltassem tremendamente, ele permanecia agarrando a gostosinha sentada em seu pau duro com extrema volúpia, até que a moça puxou a calcinha de lado para engolir o pau duro com sua boceta sedenta.

Era a primeira vez que Daniel se enfiava em uma mulher, e o fazia gloriosamente, já no melhor estilo, acariciando-a, puxando-a, saboreando-a com sua boca. Inebriado, o homem a agarrou com vontade e se enfiou, enfiou; penetrou a mulher longa e avidamente até ela gozar, pela primeira vez na vida, enquanto penetrada por um macho.

Mas o jovem não esmoreceu, continuou enfiando-se na gostosa galhardamente; o rapaz enfiava, metia o caralho na jovem sem nenhuma necessidade de descanso, fazendo-a gozar mais uma vez. Esporrou-lhe seguidamente encharcando a boceta gulosa até vencê-la de cansaço.

Saciada a boceta após 4 horas de luta, o jovem príapo deixou a casa de pau duro, ainda armado para a luta.

\* \* \*

## Garota

Chovia e fazia muito frio quando a garota chegou na casa de seu namorado, tinha 16 anos e era pequenina perto dele, um lutador imenso. Ficaram se agarrando na sala, quando acabou a energia. Ainda no escuro, o homem pegou a menina no colo e a levou para a cama.

Ele mordida, chupava, apertava puxava os cabelos da gostosinha a se deliciar com os amassos, com os carinhos dolorosos e excitantes que recebia do bruto. Tendo tirado a roupa da menina e a enlouquecido com os apertões e chupadas por todo o corpo, o gigante apresentou um trabuco enorme, que não poderia caber na menina. Mesmo assim foi para cima da gostosa indefesa, abriu-a e enfiou-lhe o pau.

A gostosa gritava, implorava para parar, o que só atizou ainda mais a vontade do bruto de enfiar-lhe o caralho. O gigante a olhava plácido, sorridente, enquanto se enfiava mais profundamente na gostosinha, rasgando-a por dentro. A boceta ardia tremendamente ante as estocadas do enorme trabuco que o brutamontes continuava a enfiar, impávido, apesar dos gritos de dor, quando a menina cravou-lhe os dentes no ombro, marca que ele ostenta até hoje.

A dor lancinante causada pela trolha imensa do gigante impediu que a moça fruisse os prazeres do momento. Os dias que se seguiram, no entanto, propiciaram as mais intensas delícias vividas pela gostosinha.

No dia seguinte, tendo voltado à casa do amante, a moça tomava banho quando o gigante adentrou o boxe do chuveiro, ergueu-a, encaixou-a no pau duro e imenso, e a pressionou forte na parede, entre enfiadas, mordidas e chupadas. A gostosa enlaçou o corpo do macho com suas pernas, abrindo-se por inteiro para a penetração do troglodita. Tendo enfiado-lhe o pau ali, sob as águas do chuveiro, o bruto tratou de carregá-la para fora do boxe, ainda engatada em seu pau duro.

O gorila, então, colocou-a no chão, e meteu-lhe a geba sem dó. A gostosinha se deliciava com a trolha imensa penetrando-lhe as entranhas, sentia-se protegida entre os braços másculos do lutador imenso e musculoso, e se entregava voluptuosamente a ele.

Rolaram pela casa, apertando-se, engolindo-se mutuamente. Livre das dores da primeira vez, a gostosa podia fruir a sensação do pau duro a penetrando, e então gozou; envolta por seus braços, coberta por seu peito. A gostosa gozou enlouquecidamente no pau do macho protetor.

\* \* \*

Acredito ser esse o protótipo perfeito do macho humano, um gigante bruto, forte e musculoso. Ainda que as mulheres costumem inventar um perfil bastante oposto a esse. Frequentemente parecem pintar um *nerd* inteligente e culto ao descrever sua imagem ideal de um homem, uma farsa justificada, talvez, pela dicotomia feminina compatível com a teoria dos dois hemisférios cerebrais.

Na verdade, esse bruto corresponde à gostosa, no imaginário masculino. Ocorre que os homens costumam assumir placidamente, com naturalidade, seu desejo pelas gostosas. Revistas masculinas expõem fotos de mulheres peladas, das gostosas, não apresentam discursos de mulheres intelectuais. As mulheres, no entanto, costumam negar, verbalmente, essa preferência atávica pelos gorilas.

Apesar dessa preferência, há certamente espaço para o outro, do contrário não teríamos nos diferenciado do chimpanzé.

\* \* \*

## A sogrinha

A namorada era lindinha, um encanto. Em poucos dias conheceu seus pais, simpáticos e amáveis, e não demorou estar dormindo com frequência na casa dos sogros, muito liberais. Foi ficando cada vez mais íntimo, tornou-se um da casa.

Dava-se muito bem com os sogros, especialmente com a mãe da namorada, muito jovem, com quarenta e poucos ainda, e bela, esculpido o corpo laboriosamente em academia, necessitando, em consequência, poucas e sutis intervenções cirúrgicas para mantê-la com a silhueta de uma garota.

Alto, forte, e bonitão, o rapaz era uma agradável companhia, de modo que ambos buscavam constantemente a presença um do outro, não sendo raro permanecerem apenas os dois na casa, ocasiões em que costumavam manter conversas agradáveis. A mulher costumava solicitar o rapagão a ajudá-la em pequenas tarefas na cozinha, tornando a ocupação mais aprazível.

Certa vez, enquanto ajudava a sogra, conversando lado a lado ao mesmo tempo em que preparavam um suco, ocorreu ligeiro esbarrão que os deixou colados um ao outro; situação natural que teria passado despercebida caso a mulher houvesse se afastado ligeiramente, mantendo a distância usual entre amigos; não o fez; mantendo-se ali, em contato com o jovem, o que chamou sua atenção, fazendo despertar nele certa curiosidade e tentação.

Talvez tenha sido decorrência do exíguo espaçamento mantido entre eles, ou de ideia sugerida pelo contato entre os corpos, ou, mais provavelmente, de ambos, mas, em um arroubo de ousadia, o rapaz permitiu que seu braço roçasse o seio da mulher, gerando nele um arrependimento imediato e desculpas profusas pela ação temerária, com uma verborreia nervosa e meio desconexa sobre respeito e outras razões, palavrório interrompido de maneira tranquilizadora pela mulher, com um sorriso amistoso e um abraço aconchegante.

A atitude simpática da sogra restabeleceu a serenidade ao jovem, enquanto o prolongamento do abraço atiçou-lhe novas tentações. Mantido colado ao corpo da bela mulher, foi impossível impedir a pronta resposta de seu pau ao estimulante contato. Em poucos segundos, brotava entre os corpos uma estaca dura que, paradoxalmente, não os afastava, mas os atraía ainda mais intensamente.

O prolongamento do abraço gerava na mente do jovem uma profusão confusa de ideias e desejos ardentes, fazendo o pau latejar em sua dureza máxima, de um modo impossível de não ser notado. Para dirimir qualquer dúvida, fez o bicho pulsar em alta frequência, enquanto a simpática e risonha desculpa da mulher prosseguia indefinidamente.

A confusão e o desejo se mesclavam na mente do rapaz, mantido com o corpo colado ao da mulher, ao longo dos momentos intensos que se distendiam por uma quase eternidade excessivamente fugaz; a continuação do abraço permitiu ao jovem iniciar, muito timidamente, certa atitude, acariciando os braços que o enlaçavam.

Como o latejar fremente de sua rola não causasse nenhum protesto, gerando, ao contrário, sorrisos amáveis e encorajadores, foi ganhando coragem para tornar suas carícias cada vez mais lascivas, percorrendo suas mãos carinhosamente pelos braços da mulher até alcançar as dela para entrelaçar uma delas, enquanto sustentava, ele agora, também, o abraço.

Conduziu, então, a mão da mulher até seu pau, gerando uns protestos da gostosa que se mostrava dividida, evitando, sem muita convicção, o contato da mão na trolha dura e pulsante. O tesão alucinante, assim como a dubiedade dos sinais emitidos pela mulher induziam o rapaz a comprimir e a esfregar a mão da gostosa em seu pau latejante.

Compelida a acariciar o pau duro a mulher protestava continuamente, mas sem nenhuma convicção. Repetia seguidamente a palavra não, enquanto se recusava a deixar a palma da mão tocar o bicho, fazendo pouco esforço para evitar tocá-lo de outra maneira. Após longa insistência e uma infinidade de não repetidos seguidamente permitiu finalmente que sua mão envolvesse o bicho.

Ao constatar a aquiescência inequívoca da sogra a lhe segurar o pau, o jovem tratou de abrir a bermuda, expondo o bicho para entregá-lo inteiro na mão da gostosa, fazendo-a punhetar a trolha melada ao ritmo dos não, agora claramente lânguidos.

A mulher agarrava o pau duro, úmido e pulsante a gotejar a porra melada e o comprimia movimentando-o para cima e para baixo, ritmadamente. Segurando a coisa, puxou-a para perto de uma cadeira, na qual se sentou, permanecendo ali, cara a cara com o bicho, observando-o atentamente enquanto o apertava. Viu assim, bem de perto, deliciada, quando fez a porra explodir em um jato profuso da ponta da geba, fazendo-a murchar, finalmente.

Seguiu-se uma espécie de pesar, de arrependimento, e a resolução de parar por ali, de evitar o prosseguimento de algo que só poderia gerar problemas. Fizeram um e outro combinar que nada contariam à moça.

\* \* \*

Não tardou se encontrarem sozinhos de novo, ambos o desejavam ardentemente. Dessa vez o contato físico foi muito mais rápido, em situação análoga à anterior; tendo se encontrado a sós, tinha sido natural para ambos buscá-la, e o fizeram de uma maneira tensa, pressentindo e desejando o que logo aconteceria. Ao primeiro contato, ambos já arfavam e se pegavam, embalados pelos mesmos não, pela mesma negação dubiamente repetida. A ladainha repetitiva da mulher repelia o jovem, enquanto suas ações o atraíam; repetia os não em entonações lascivas moduladas pelos

movimentos do corpo a se contorcer sob as mãos do rapaz que o apalpava e o comprimia ao seu.

Dessa vez, já pareceu natural colocar o pau pra fora, o que aconteceu bem mais rapidamente que na ocasião anterior; a ousadia do rapaz se revelou também em outras ações, fazendo-o buscar e sondar todo o corpo da mulher com suas mãos, embora só lhe fosse permitido apalpar as partes cobertas, por cima da roupa. Ela, no entanto, tinha acesso direto ao pau duro e pulsante para massageá-lo até a explosão do esperma.

A mesma cena se repetiu várias vezes sem que o rapaz conseguisse ganhar mais espaço; acabou sendo estabelecido que ambos viessem a se pegar quando a sós, mas sempre de modo dúbio e truncado. O jovem ganhou acesso à boceta da gostosa, mas apenas sobre a calcinha; ao tentar sobrepular essa última barreira, as negações verbais que frequentemente voltavam a se repetir, tornavam-se enfáticas, assim como as ações de impedimento, de modo que seus arroubos terminavam ali, sem consumação, quase enlouquecendo-o. Passou a comer a namorada pensando na mãe, estocando-a impetuosamente para chamar a atenção no quarto ao lado.

Houve uma tarde em que o rapaz, tendo retornado cedo da faculdade, encontrou a mulher a sós, conforme esperado, mas vestindo uma saia, o que raramente fazia. Logo que se viram na cozinha, o jovem agarrou a mulher por trás, apertando-lhe os seios, beijando-a e comprimindo o corpo no dela. Tirou o pau pra fora para deixá-lo em contato direto com o corpo da gostosa que o comprimiu com suas coxas, embora impedindo a transposição da calcinha, e apenas isso, fazendo o rapaz lambuzar sua bunda.

\* \* \*

### O genrinho

Quando a filha apresentou o novo namorado recebeu aprovação imediata. O rapaz era alto, forte, bonito, e além disso educado; meio bobinho, talvez, natural na idade, e até desejável: parecia facilmente dominável. Mostrou-se também bastante afável, simpático; em suma, um jovem bastante agradável e com uma aparência extremamente sedutora. Logo estava frequentando a casa e até dormindo por lá, como já havia acontecido com mais de um namorado da menina.

O namoro prosseguia e a intimidade do rapaz na casa aumentava; a mãe costumava reclamar do desleixo da filha com o quarto, sempre desarrumado, descuido que agora se estendia ao namorado: com frequência deixava a porta do quarto aberta, ao sair de lá, deixando exposto, na cama, o corpo semi-nu do rapagão. Também exigia, por vezes, que a mãe lá entrasse para buscar alguma roupa, ou executar qualquer uma de suas obrigações, jogando-a em meio à tentação do corpo do macho ali exposto.

Tendo sido linda durante toda a sua vida, sentia-se agora insegura, embora mantivesse uma silhueta impecável laboriosamente conseguida em uma academia de ginástica. Sabia, no entanto, que sua forma não duraria para sempre, o que a incomodava tremendamente, temendo, com isso, perder o poder que sabia exercer sobre os homens.

O desabrochar da filha, transformada em uma bela mulher, tinha-lhe atizado uns espíritos competitivos; de um modo ou de outro, a presença de mulher sedutora ao redor costumava indispor-la, tinha sido sempre assim, e embora tentasse evitar o sentimento com relação à filha, certa rivalidade acabava despontando sempre que os olhares dos homens se dirigiam preferencialmente à outra.

Foi durante uma discussão matinal com a filha, no entanto, que pela primeira vez o desejo pelo gênero se explicitou claramente. A menina havia se negado a pegar umas roupas no próprio quarto para completar o volume da máquina de lavar, após insistência da mãe, obrigando-a a entrar no aposento onde o rapagão jazia semi-nu. Enquanto procurava as roupas, em meio à bagunça do quarto, não pode deixar de notar o corpo musculoso esparramado na cama em posição

extremamente sensual, com um único fio de lençol cobrindo-lhe as partes. Por uns longos momentos, a presença do jovem a conturbou, fazendo somar a confusão mental incipiente causada pela irritação com o desleixo, com a perturbação gerada pela sensualidade do rapaz. Enquanto se desorientava à procura de algo em meio à desordem, perdia-se também com a lascívia da cena. Demorou muitíssimo a encontrar as roupas que precisou procurar longamente.

Mesmo antes disso, tinha sempre gostado da companhia do jovem, especialmente nos momentos solitários; sua presença próxima amainava os afazeres domésticos tornando aceitáveis até os que mais lhe desagradavam. O despertar da sensualidade ocorrido com nitidez no episódio do quarto, no entanto, transformara esses momentos, adicionando-lhes um tempero bem mais tentador.

Sentia que o jovem não era indiferente a seus encantos, e usava essa condição a seu favor, tornando-o solícito e sempre próximo; gostava de deixá-lo apreciar seu corpo enquanto se desvencilhava dos afazeres de cozinha, sentia-se envaidecida com seus olhares; nunca se apresentava de maneira desleixada em sua presença.

Encurtou a distância usual entre seus corpos durante as frequentes atividades na cozinha, evitando se afastar na ocorrência de eventuais contatos entre ambos. Por algumas vezes o rapaz tomou a iniciativa de se distanciar, até perceber claramente que só ele o fazia, que o contato não a incomodava. Deliciou-se ao perceber com nitidez a respiração arfante do rapaz durante o longo silêncio que se seguiu ao contato, quando ele finalmente ousou manter seu corpo colado ao dela. Reviveu, momentaneamente, prazeres muito antigos de sua própria juventude.

Mantiveram-se bem juntos e em silêncio usufruindo a presença um do outro, perdidos entre atividades meio desconexas, até que o rapaz estendesse o braço para pegar uma fruta, de maneira cuidadosamente estabana, fazendo o braço deslizar pelo seio da mulher, o que a divertiu.

Imediatamente, no entanto, o jovem, arrependido do próprio arroubo, irrompeu em desculpas desnecessárias, justo no instante em que a mulher evocava em sua mente sensações juvenis. Deliciada com tão agradável momento, enlaçou o corpo do jovem encaixando-o ao seu, enquanto sorria e repetia umas cândidas palavras tranquilizadoras. Percebeu com nitidez o término do sobressalto do rapaz, e o subsequente aumento do volume que ela própria comprimia contra sua barriga; embeveceu-se com a intensidade da pulsação do pau do rapaz, demonstrando inequivocamente seu ardor por ela.

Manteve-o assim, à espera de que tomasse uma atitude, que despontou timidamente, com uma carícia nos braços. Continuou a segurá-lo, mantendo o pau a latejar em sua barriga enquanto o carinho ganhava confiança, deixou-o enlaçar suas mãos, sugestiva e gulosamente próximas da trolha pulsante, para onde ele as conduziu obrigando-a finalmente a conter a ação. Imperioso dominar a situação de risco; sofreria profundo desgaste com o marido, e um atrito sem precedentes, embora inevitável, com a filha; imprescindível continuar no controle, adestrá-lo como a um cão.

Deliciou-se com umas pulsações frenéticas do pau vibrante sobre o dorso de sua mão, imposta ali pelo jovem, antes de afastá-la ligeiramente do bicho, ao mesmo tempo em que iniciava uma ladainha de “nãos”, uma repetição nada peremptória, simulando alcançar com a reiteração consecutiva o que faltava em assertividade, em cada pronúncia, de modo que a repetição, longe de enfatizar uma ordem, a abrandava, dando-lhe a medida exata da intensidade, cerceando os arroubos mais ousados do rapaz com inflexões mais imperativas, para estimulá-lo em seguida com certa languidez na expressão da palavra e no sorriso que a acompanhava. Modulou assim, longamente, seus não, como faria um físico em seu laboratório, ao calibrar um aparelho. Aferia com precisão a intensidade da negação, suficiente para estacar o incremento do arroubo sem finalizá-lo, para reduzi-lo ou intensificá-lo tão levemente quanto desejasse, ganhando assim um controle absoluto sobre o jovem.

Permitiu que o rapaz acabasse conduzindo sua mão gulosa até a trolha pulsante, ou melhor, induziu-o a isso, desejosa, ávida por averiguar bem de perto a coisa ardorosamente vibrante. Deixou-o conduzir sua mão aos poucos, fazendo-o crer estar no poder, induzindo-o a acreditar ser ele quem governava as ações, negadas tão repetidamente por ela. Admitiu assim que ele primeiro encostasse o dorso de sua mão na trolha dura, como se não o percebesse, e que a esfregasse, em seguida, desse modo, insuflando-o ainda mais, para só então, depois de longo diálogo gestual de imposições e freios, permitir-se segurar o bicho, permitindo-se finalmente um gesto ativo, ao apalpar timidamente o pau duro sob a bermuda.

O indubitável da ação, primeira inequivocamente executada por ela sem sua imposição, induziu no rapaz, conforme esperado, a exposição afobada da trolha pulsante e gosmenta, seguida de impetuosidade breve mas incontrolável, ao catar a mão da mulher e depositá-la ao redor do pau duro. A momentânea perda de controle levou a mulher a pronunciar as negações com mais ênfase, roubando a atenção do jovem para suas ordens, lembrando-o ser ela quem se mantinha no comando.

Tendo reassumido o domínio da situação, a mulher passou a massagear o bicho com avidez, ao som de muitos não pronunciados entre movimentos com a cabeça reafirmando as negações, contrariadas pela ação lúbrica da mão cerrada sobre a trolha.

Em meio ao tesão da punheta, entre seguidos não, a gostosa puxou o rapaz pelo pau até a proximidade da mesa, de onde sacou uma cadeira para sentar e contemplar pormenorizadamente a exuberância da trolha vibrante. A proximidade do rosto da mulher com o bicho, a visão de sua boca ali tão perto da cabeça entumecida fez o rapaz acreditar que a mulher a abocanharia, e torcer por isso, chegando a adiantar o púbis em oferecimento, levando-a apenas a aumentar a intensidade de seus movimentos, induzindo-o a jorrar a porra copiosamente, evento que ela perscrutou com enorme atenção e em detalhes.

Depois disso, a mulher o sabia, o jovem estava em suas mãos, necessário apenas domá-lo, amestrá-lo para manter o controle e evitar que fizesse bobagens. Conversaram sobre a necessidade de manter segredo, sobre a possível decepção da menina, mas principalmente sobre o marido aterrorizante. Tratou de acicatar-lhe o medo; deveria ter muito cuidado.

Nos encontros seguintes, ansiosos por ambos, a mulher exercitou seu comando, controlando os arroubos do jovem, arrefecendo-os e incitando-os alternadamente, mantendo-os na intensidade desejada por ela, sempre sob seu domínio. Não permitiu que ele a tivesse, nem contactasse seu corpo diretamente, impedindo a retirada de calcinha e sutiã.

Gostava de ouvir, durante a noite, as batalhas sucedidas na cama, no quarto ao lado; excitavam-na, especialmente ao imaginar que o rapaz estaria pensando nela própria enquanto chacoalhava a filha, fato confessado por ele em certa ocasião, e pressentido por ela anteriormente.

Como todos os outros, o passo seguinte foi planejado cuidadosamente. Quando a campanha tocou a mulher vestiu a saia anteriormente escolhida e foi receber o genro. Logo precisou de sua ajuda na cozinha. Não apenas a sensualidade da vestimenta, mas certas facilidades prometidas por ela atiçaram o rapaz, que não teria necessitado de tais incentivos. Permaneceu contemplando a gostosa enquanto ela se movimentava graciosamente, para ele, sabendo-se olhada.

Dirigiu-se até ela e a agarrou em um rompante de arrebatamento. Apalpou-a avidamente, beijou-a, apertou-a contra si. Acariciou suas coxas desnudas, sentiu sua pele, contemplou sua bunda, apertou-a, e encaixou nela seu pau duro, respeitando o limite da calcinha. Esfregou-lhe o pau gotejante, estocou-a enquanto mordida a nuca da gostosa, agarrou-a alucinadamente apertando peitos, corpo, coxas, apertando-lhe a boceta, puxando-a por ela para si; cutucou a boceta da gostosa com o pau duro fazendo-a comprimir-lhe a trolha entre as coxas grossas. Enfiou-lhe loucamente no meio das coxas úmidas, refreado pelo comando da mulher a lhe impedir penetrá-la.

Manteve-o assim, como se regulado por rédeas, sonhando com a penetração na gostosa, imaginando, mil maneiras de se enfiar dentro dela, como se meter em sua boceta, em sua bunda carnuda, mas permanecendo dócil e obediente.

Ocorreu em um dia tumultuado, após discussões com a filha e o marido que a deixaram tensa e profundamente irritada. Estava só, impaciente e ainda encolerizada quando a campainha tocou; era o rapaz, decidiu provocá-lo.

Provocou-o novamente para freá-lo uma vez mais alternando os comandos, confundindo o jovem; brincou com ele fazendo-o de brinquete, tranformando-o em uma marionete abilolada e sem nexos.

Atiçou-o e o conteve em seguida; a subserviência do garoto a exasperava; quando tomaria uma atitude de macho? Quando a arrebataria superando qualquer impedimento, impondo seu desejo? Quando tomaria uma decisão e agiria como homem? Quando a tomaria de uma vez e a comeria sofregamente?

Confundiu-o, desafiou-o; agiu como uma louca alternando a doçura provocante com a aspereza rude, leviana e agressiva.

Desconhecem ambos o motivo, esqueceram as particularidades momentâneas, mas recordam a bolacha iniciando as ações, a bruta bofetada fazendo-a girar nos calcanhares e se apoiar na mesa com o corpo dobrado, os cabelos desalinhados, a expressão de medo, e a bunda arrebitada à mostra, emoldurada pela saia a descair-lhe sobre as costas.

Permaneceu surpresa, na estranha posição, aguardando amedrontada o poderoso algoz que se dirigia a ela em atitude selvagem, agressiva. Foi o medo que a fez empinar o rabo ainda mais, mantendo-o na posição exata como se a implorar uma trolha ou a pedir uma palmada. Impelido por sentimento atávico que desconhecia, possuído por ele, o macho tascou uma sonora palmada na bunda polpuda que se lhe oferecia, agarrando a gostosa selvagemmente, abaixando-lhe a calcinha com um movimento rude para enfiar-lhe o pau duro de uma vez, raivosamente, estocando a vagaba impetuosamente, fazendo-a estremecer ao ritmo do batuque forte que produzia com o choque de seu corpo sobre a bunda carnuda; penetrou-a seguidamente com afinco, determinado, raivosamente; e talvez rosnasse enquanto interrompia subitamente e gerava os gemidos da vadia enfiando-lhe o pau. Arregaçou-lhe a bunda para enfiar-lhe o pau profundamente fazendo a vagaba crisar os dedos e contorcer o rosto em sinal de dor, antes de arrebitar a bunda preparando-a para nova estocada. Enfiou-lhe no rabo impiedosamente, calando-a, arrefecendo-a. Ao final ela estava lânguida, macia; tinha tido o que merecera, o que tanto desejara. Conseguira a atenção de um macho; sentia-se completa.

\* \* \*

Roberta

Roberta tinha 16 e estava apaixonada. Quando a família do namorado viajou, foi até a casa dele, como se levada por uma força estranha. Ele foi logo tirando sua blusa; ela disse que queria só conversar, mas deixou.

Então as coisas foram acontecendo. Quando ele começou a enfiar o pau, muito grande, no entanto, foi horrível, doeu muito, foi péssimo. Então ele parou, tendo enfiado apenas um pouquinho.

Só repetiram a coisa 3 dias depois. Mas então, sempre que iam namorar, Roberta o recebia sem calcinha, enlouquecida. Gostava de usar um vestido com muitos botões; iam logo para o carro do pai, na garagem; ali desabotoava todo o vestido, entregando seu corpo para o rapaz. Enlouquecida de tesão, não se importava se fosse flagrada.

Certa vez, estavam em um sítio; usava seu traje favorito para o encontro, o vestido sem calcinha. Encostada em uma árvore ele a beijou, agarrou, apalpou. Ela então começou a chupar o pau do cara, que, enlouquecido, a virou de costas bruscamente para enfiar-lhe o bicho com vontade. Assim Roberta descobriu sua preferência, o sexo selvagem. Gosta de romance, de carinhos, mas adora ser penetrada impetuosa e violentamente, com vontade.

\* \* \*

Os relatos de iniciação sexual são sempre muito envolventes; difícil relembrar situação tão excitante sem que algumas das sensações evocadas retornem com intensidade. No ápice do relato, Roberta me disse estar sentindo saudades daquilo; tive que confessar que até eu sentia as mesmas saudades enquanto a lia! De fato, as lembranças da gostosa nos deixavam em sintonia.

Fui obrigado a sair, em meio à excitação recíproca, sem ter entremeado nenhuma abordagem na conversa. Fico pensando se foi mesmo a premência de meu compromisso, ou se o gosto pelo sexo selvagem teria me intimidado, inseguro que eu estava com minha própria sexualidade.

Na conversa seguinte pedi a Roberta mais detalhes de suas aventuras. Os momentos mais excitantes vividos pelas pessoas tendem a ser similares; alguns, no entanto, embora muitíssimo assemelhados a inúmeros outros, tornam-se marcantes, devido, fundamentalmente, aos detalhes. Pretendia explicar à gostosa serem exatamente esses os detalhes que eu buscava. Ela, no entanto, preferiu mostrar detalhes de seu corpo, sua bocetinha, muito bem depiladinha, liberta sob o vestido. Compreendi com exatidão a maneira como fazia para enlouquecer seu amante, com a linda boceta, se insinuando fora do vestido, revelada sob uma e outra posição, todas elas inquietantes, excitantes.

Hipnotizado pela singeleza da boceta suculenta, atento a todos os seus detalhes, acabei perdendo o foco nos detalhes dos relatos anteriores, embora tenha adquirido, com muito maior clareza, alguns dos outros, não relatados, percebidos e usufruídos apenas por seu feliz amante. Como eu gostaria de conhecer todos os detalhes de Roberta.

\* \* \*

## Coquinha

Coquinha descobriu por acaso algo que lhe interessou muitíssimo. Era a primeira vez com aquele cara; estavam na cama quando ele colocou a mão dela em sua própria bunda, fato sem nenhuma consequência, sem nenhum propósito aparente.

As ações transcorriam normalmente quando o homem repetiu o mesmo ato, recolocando a mão dela em sua bunda. Na terceira vez, ao colocar a mão da mulher em seu cu, ordenou com todas as letras: enfia.

Enquanto cumpria a ordem, a moça ia descobrindo um novo prazer. Um tempo depois, já com certa experiência, Coquinha resolveu explorar seu desejo mais explicitamente. Colocou seu amante de 4 e posicionou-se atrás dele. A visão do rabo do homem a excitava muitíssimo. Acariciou, mordeu voluptuosamente a bunda que se oferecia para ela, e enfiou deliciosamente o dedo no rabo do homem, enquanto sentia uma imensa onda de prazer lhe inundar todo o corpo.

Contemplou extasiada o quadro surpreendente à sua frente: a bunda exposta do homem de 4, e a penetrou seguidamente com seu dedo, massageando, enfiando. Sorveu a cena com enorme atenção, fruiu cada momento do espetáculo que ela própria protagonizava apenas com seu dedo. E foi toda ela gozo, enquanto penetrava o rabo do homem.

\* \* \*

O gosto de coquinha me surpreende muitíssimo; sua tara consiste em enfiar o dedo na bunda de um homem. Não se trata de uma compulsão homossexual, seu desejo é focado no sexo oposto, mas manifesto de maneira masculina.

Na verdade, isso me faz lembrar uma tese que defendi tempos atrás, quando tratava do fenômeno de “especiação”, da formação de novas espécies. O mundo é engraçado, dou muitas voltas e acabo retornando ao tema.

Existem explicações antigas para o fenômeno, para a maneira como surge uma nova espécie; como surgiu o gorila, por exemplo, ou o sabiá laranjeira. Critiquei a maneira tradicional como os biólogos acreditavam surgir uma nova espécie.

Em linhas muito gerais, eles costumavam acreditar que as novas espécies surgiam em decorrência da separação entre dois conjuntos de populações de uma dada espécie. Tendo se separado do grupo original devido a alguma barreira geográfica, isolado em uma ilha, talvez, o novo grupo sofreria alterações próprias, evoluiria assim, independentemente da espécie original, se diferenciando dela lenta e continuamente, até adquirir feições próprias após um longo tempo evolutivo.

Critiquei esse modelo de especiação: ele explica bem a formação de um novo tipo, a aquisição de novas feições por parte de uma população isolada, mas não explica, de fato, a formação de uma nova espécie.

Propus, então, o que chamei: especiação fetichista, em substituição a esse modelo. Acredito que o primeiro passo em direção à construção de uma nova espécie se dá após o surgimento de algum tipo de fetiche, de um desejo, usualmente, bastante deslocado.

Essa ideia de enfiar o dedo no rabo de um homem me parece completamente fora de propósito, mas desejos são desejos, ocorrem, simplesmente, e independem de qualquer decisão. Os fetiches são causadores das vontades, independem de qualquer coisa, simplesmente ocorrem.

Tendemos a chamar “fetiches” os desejos incomuns e aparentemente deslocados da sexualidade tradicional. Assim, existem os pedólatras, com fixação em pés. Como essa obsessão é relativamente incomum, como não é um desejo dominante, como a fixação em bundas, ou seios, é tida como um fetiche. Note que, nem a bunda, nem o seio, são protagonistas da sexualidade propriamente dita, quero dizer, de seu alvo central. Aliás, a boceta, esse foco principal da coisa, possui, creio, relativamente poucos apreciadores, entre os quais eu me incluo.

De qualquer forma, a fixação em pés me parece tão deslocada quanto a, mais usual, obstinação pelas bundas, e só é considerado um fetiche por ser compartilhado por relativamente poucos.

Retornando à minha tese, acredito que uma nova espécie começa a surgir com o aparecimento de um novo fetiche, de um desejo absurdo, possivelmente insaciável. Alguém pode ter uma imensa tara por mulheres azuis, ou zebradas, desejos que dificilmente viriam a ser descobertos, muito menos saciados.

Caso o novo fetiche, a nova tara, decorra de alguma manifestação hereditária, caso os descendentes do indivíduo herdem o novo fetiche, e, caso em algum tempo futuro surjam indivíduos correspondentes a ele, o grupo dos fetichistas tenderá fortemente a se entranhar no grupo que manifesta a característica desejada. Ou seja, havendo indivíduos que desejam ansiosamente mulheres azuis, o surgimento de alguma dessas os atiraria fortemente. Haveria grandes chances de que viessem a gerar descendentes comuns, o que geraria um grupo de indivíduos azuis desejosos de indivíduos azuis. A intensidade do fetiche poderia isolar por completo o novo grupo, especialmente se os indivíduos azuis repugnassem os tipos comuns. A segregação resultante de diferentes repulsas e atrações é que geraria a nova espécie, um grupo excludente, diferenciado do anterior.

Fico a pensar que tais considerações, quando aplicadas a nossa espécie, acabam sempre por causar espanto maior que o devido, além de reações inesperadas. Mas a ideia de fetiche parece, em primeira instância, mais próxima dos seres humanos que de outras espécies.

Bem, cá estou eu, novamente, com minhas considerações sobre espécies, sobre fetiches...

\* \* \*

Um caso bem ruim

Mila morava em um sítio próximo a uma pequena cidade, onde ficava sua escola. Aos 14 anos já tinha um corpinho de moça, e havia 8 meses namorava um homem de 27. Era completamente apaixonada por ele, obstinada. Haviam-se conhecido no vai e vem diário da escola.

Certo dia, quando namoravam na rede, o homem a chamou para o quarto, longe das vistas da irmã, única pessoa na casa naquele momento. A menina obedeceu a seu amado prestimosamente. No quarto o homem ordenou que a menina tirasse o short. A menina não entendia direito o que estava acontecendo, mas se deixava guiar, docilmente, pelo amado.

Ela estava de lado quando o homem a pegou por trás e lhe enfiou o pau imenso de uma vez. A menina deu um grito lancinante; a dor era intensa. Foi horrível.

Depois ele mandou que a menina chupasse seu pau. Quando esporrou na boca da moça ela cuspiu de volta em seu corpo.

4 anos depois, Mila relembra tudo muito nitidamente: foi o pior dia de sua vida.

Ela conta que depois o homem espalhou pela cidadezinha que tinha comido a menina. Ela teve então que sair da escola, tinha-se tornado insuportável continuar lá.

Também ficou com nojo do homem, nunca mais se aproximou dele.

Dois anos foram necessários para a menina arranjar outro namorado. Depois de alguns meses resolveu dar para ele, mas também doeu muito. Recentemente descobriu ter um problema, uma tensão muscular involuntária na vagina dificulta a penetração e a torna muito dolorida. Mila não tem nenhuma boa lembrança relativa a sexo.

\* \* \*

O mundo é estranho.

A mim parece claro que Mila foi vítima de um estupro, e de algo ainda pior: foi condenada como vítima. Somos um povo ignorante, vivemos muito próximos de um estado de barbárie, no qual manda o mais forte. Por essa razão, os criminosos, frequentemente, podem alardear seus crimes, obrigando sua vítima, o mais fraco, a se manter na defensiva. A culpa consiste em ser fraco; a opressão criminosa pode ser ostentada com brio.

A menina havia sido aliciada pelo homem. Indefesa e apaixonada, obedecia a suas ordens como uma ovelha dócil levada ao abatedouro.

Desnortado, o criminoso também é vítima, o que, obviamente, não o absolve, só o confunde. Estranhos os sentimentos que o compeliram a aliciar a menina, acarinhá-la por meses, deflorá-la e repudiá-la impiedosamente, em seguida.

A história de Mila é muito marcante, talvez, mais que todas as outras, mas de maneira contundente, malévola.

Há ainda outro viés, bastante perverso, também. Mila conta que o homem “espalhou para todo

mundo” o fato, o que a constrangeu de uma maneira insuportável. O “espalhar para todo mundo” consiste frequentemente em contar para uma ou duas pessoas, que contam para outras, essas para outras. Assim, o “espalhar” é uma ação coletiva na qual todos são culpados, ainda que o possuidor do segredo tenha sido o principal responsável pelo ato.

Outro ponto chama atenção, o fato teria sido banal, exceto para a menina, para ela um fato romântico, se não tivesse vindo à tona. Tendo sido delatado, o fato continuaria sendo banal após o choque inicial; a mudança de escola, provavelmente, acabou por destacar desmesuradamente a ocorrência sublinhando uma importância maior que a merecida pelo episódio.

Acredito estarmos vivendo um momento de enorme revolução sexual, em uma velocidade nunca vista. Embora o incidente, ocorrido em uma cidadezinha muito pequena, já nos pareça anacrônico, logo se tornará tão banal que indigno de qualquer atenção.

\* \* \*

## Tudo em casa

Eram dois irmãos, ela prestes a fazer 15 anos, ele tendo recentemente completado seus 14. Era o primeiro dia de férias, e o rapaz se encontrava quase perdido em meio ao excesso de tempo; teria que inventar umas atividades para evitar o tédio naqueles dias longos. Vasculhando o quarto, encontrou rapidamente a filmadora nova, presente de aniversário. Alimentava uns sonhos de vir a ser cineasta, resolveu iniciar sua atividade desencanaixotando a câmera e testando-a; muito boa. Restava encontrar o que filmar. Foi até o quarto da irmã ver se ela lhe dava alguma ideia, tinha fantasias de vir a ser atriz.

A menina tinha se depilado inteira minutos antes, e se encontrava em frente ao espelho, como fazia frequentemente; virava o corpo para um e outro lado, ajeitando a roupa e mirando-se em poses diversas, o que não surpreendeu o irmão. Espantoso foi perceber o corpo da moça, vestida numa calça muito justa que delineava suas formas de uma maneira que o rapaz ainda não conhecia. Enquanto ajeitava o traje e conferia a própria imagem, percebeu o interesse do irmão que acabara de entrar no quarto e ligar a câmera filmadora, ao mesmo tempo em que interrompia suas palavras e se encaminhava para ela.

A menina experimentava uma calça coladíssima ao corpo; tinha comprado a peça havia já coisa de um ano, mas sem nunca ter usado, considerando-a excessivamente ousada. Vinha ganhando corpo devido à idade, e à ginástica executada diariamente na academia com cada vez mais afinco, quanto mais acentuados os resultados alcançados. Nos últimos dias, em especial, os olhares impudicos de dezenas de transeuntes na rua sobre si, tinham-lhe insuflado ânimo redobrado, permitindo aumentar o vigor empenhado nos exercícios sem o concomitante acréscimo de esforços. O volume corpóreo obtido recentemente tornava a calça ainda mais provocante; adoraria, mas não tinha coragem de vesti-la em público, tinha que se contentar em ver-se a si mesma, sozinha, em frente ao espelho com ela. Testava seu efeito sem a calcinha quando o irmão irrompeu no quarto, situação ideal para finalizar o teste.

A moça analisava a receptividade do rapaz que empunhava e mirava a câmera exatamente onde deveria, atestando a eficiência da calça. Precisou perguntar o que ele queria, enquanto ainda exibia e conferia a imagem da roupa. A inesperada visão tinha causado certa estupefação no rapaz; surpreendera-se com as formas da moça, não havia ainda notado aquela novidade, considerava-a uma menina e a descobria, sub-repticiamente, uma gostosa.

– Estava pensando em fazer um filme, e imaginando o que filmar. Disse enquanto mantinha a câmera e os olhos grudados no corpo da irmã, que aproveitou a deixa para exercitar ainda mais suas poses, iniciando uns rebolados sensualíssimos entre movimentos sinuosos dos quadris encimados pelo umbigo à mostra, encravado na cintura finíssima exposta pela blusa erguida e segura por uma das mãos. A moça conferia o efeito dos movimentos alternadamente no espelho e nos olhos do rapaz. Surpreendia-se com o efeito resultante da sensualidade de seus movimentos, bem maior do que esperava, o que a estimulava ainda mais, retroalimentando uma corrente erótica sem precedentes para ela. O espanto era compartilhado pelo irmão.

– Quer fazer um filme erótico? Perguntou a moça que conhecia os sonhos do irmão de se tornar cineasta e aproveitava a pergunta para se permitir um exibicionismo descomedido, resultante num encantamento cada vez maior do rapaz.

– Boa ideia! Respondeu o menino animadíssimo com a sugestão brincalhona. A recepção animou a jovem permitindo-a deixar a frente do espelho e circular por todo o quarto, entre poses e gestos lascivos, e rebolados ultrassensuais. Tendo se postado de costas para o rapaz, enquanto rebolava, a moça puxou a calça para cima uma vez mais, colando-a ainda mais intensamente ao corpo; quando voltou o rosto para conferir o resultado da ação pegou o rapaz terminando de ajeitar as partes; um volume inusitado e bem explícito brotava sob seu short.

Ao se voltar de frente para o rapaz, a moça expunha as formas da boceta muito nitidamente delineadas sob a calça justa, repartida entre dois gomos carnudos e evidentes, compondo em conjunto uma forma triangular rechonchuda e insubmissa que parecia ansiar se libertar do jugo escravizador da calça apertada. A mensagem que a boceta succulenta parecia querer gritar era exatamente essa: um grito de liberdade. Percebendo precisamente o interesse do outro e o alvo de sua câmera, sentiu-se compelida a expô-la ainda mais impudicamente, impulsionando-a para frente, enquanto a deixava oscilar sob movimentos sensualíssimos.

A brincadeira ia ganhando assim uns contornos graves, sem que nenhum dos dois sequer imaginasse que pudesse sair do controle, impulsionados por forças recém descobertas por ambos, e cuja intensidade os dois apenas vislumbravam. Talvez os gracejos pudessem ter terminado ali, do mesmo modo que outras tantas pilhérias análogas anteriores àquela. Naquele momento, no entanto, forças inusitadas pareciam se inserir entre eles dominando suas vontades, insuflando seus desejos, governando-os por completo.

A boceta se expunha de uma maneira gritante, evidenciada fortemente pela brancura da calça e pelos vincos que ela fazia, delimitando enfaticamente o triângulo dividido ao meio por um corte vertical; parecia que a roupa, em vez de ocultá-la, clamava para ela todas a atenção, radiantemente.

O rapaz, encantadíssimo, se embriagava com a imagem surpreendente, e mantinha a câmera em punho enfocando decidida e impudicamente o alvo inesperado. Não percebeu, nem se importou, que seu pau duro, também ele insubmisso, segurava o pano solto do short como o faria o pau de uma barraca, evidenciando intenções que ele talvez ainda negasse até para si mesmo, não o negando, no entanto, para a irmã, que também se surpreendia com a novidade ali revelada.

Embalada por forças desconhecidas a moça se deixou levar ainda mais por um arroubo momentâneo: – quer fazer um filme erótico é? Então vem aqui! Perguntou e respondeu em tom de

desafio, ao se sentar na cama percorrendo as mãos pelo corpo entre gestos de pura lascívia. Deitou-se em seguida, enquanto o irmão mantinha a câmera sobre ela, filmando as contorções lascivas de seu ventre.

Entusiasmado com a dádiva constituída pela cena avassaladora com que se deparava, o jovem cineasta permitiu-se colaborar com a imagem pressionando o vinco da boceta com o intuito de aprofundá-lo, de marcá-lo ainda mais, o que causou na menina umas sensações drasticamente antagônicas, gerando nela uma paralisia momentânea capaz de permitir toda a execução da manobra, para em seguida lhe fazer irromper em um grito irado, numa ordem peremptória para não tocar em seu corpo, evocando desculpa acabrunhada do rapaz.

Por instantes, ambos permaneceram estáticos, como se despertos repentinamente de um sonho, encontrando-se ali de maneira deslocada, sem nexos, como se houvessem sido transportados para aquela situação durante um sonho inebriante vivenciado conjuntamente. Após um momento de perplexidade, desses que se estendem por uns longos e esticados segundos, a moça recobrou a alegria, lançando para o irmão um olhar brincalhão que selava a aceitação da desculpa, retomando, ao mesmo tempo, a postura lânguida, e os movimentos sinuosos de instantes anteriores, compelindo o rapaz a tornar o foco à boceta saliente, acarretando também a recuperação do enrijecimento do pau que, naturalmente, precisou ser novamente ajeitado.

Talvez tenha sido a ação impudica do rapaz que instilou na menina gesto ainda mais explícito, fazendo a mão percorrer a boceta pulsante. A respiração entrecortada de ambos era suficiente para induzir nos dois corpos movimentos sensuais e lascivos, que, de fato, não estavam se contendo apenas nisso. Enquanto o menino deixava seu pau latejar ritmadamente, a moça encetava movimentos análogos, contraindo a musculatura pélvica e outras, cujos excessos tencionavam sublinhar o caráter lúdico da situação. Tratava-se apenas de um jogo, obviamente; a brincadeira, justificando os excessos, e justificada por eles.

Apesar do caráter meramente brincalhão envolvendo aquilo tudo, ou em virtude dele, ambos se deixavam envolver cada vez mais pelas forças desconhecidas ali manifestas. Assim, iam permitindo que o movimento da boceta dela fosse guiando o do pau dele, ganhando forças com ele, permitindo que ele também a comandasse simultaneamente, alimentando-se, assim, um ao outro.

A compressão da boceta acentuou-lhe o fogo, obrigando-a a se comprimir, e se contorcer ainda mais ansiosamente, compelindo a mão a apertá-la cada vez mais intensamente, sob ritmo cada vez mais intenso. A ação iniciou seu derretimento, fazendo-a derramar um líquido que molhava a calça deixando-a quase transparente. Um cheiro forte permeava todo o ambiente.

O rapaz permanecia filmando, encantado, mirando extasiado o corpo da irmã a se contorcer lascivamente na cama. De olhos fechados, deixando-se levar por intenso e mágico devaneio lascivo, ela comprimia avidamente a boceta molhada, entre gemidos cada vez mais frequentes e intensos, até prorromper em uma espécie de miado longo, em meio a uma respiração ruidosa e absurdamente descompassada, acompanhada por inspirações quase tão estrepitosas do irmão, os olhos dela fortemente apertados, o corpo convulso.

A intensificação do ruído foi seguida pelo relaxamento de toda a musculatura, ritmada e fortemente contraída momentos antes. Posteriormente, o jovem permaneceu jogada na cama, incapaz de abrir os olhos. O rapaz ainda lançou um último olhar guloso sobre a boceta molhada, antes de correr empolgadamente com a câmera para o computador; descarregou nele o vídeo recém gravado, e, enquanto recarregava a bateria da filmadora, assistiu entusiasmado à longa cena recém gravada.

A menina tinha-se deixado ficar na cama, envergonhadíssima do papel prestado. Sucessivas desventuras, e opróbrio intenso percorriam sua mente esmagada por uma vergonha colossal. Tinha

se permitido ser vista pelo irmão em tais atitudes, vista e filmada. Estava em suas mãos agora, em seu poder, e nem tamanho receio era suficiente para sobrepujar a vergonha avassaladora que sentia. Um ligeiríssimo contentamento por ter sido deixada sozinha amenizou seu sofrimento, não tendo tido coragem, nunca mais, de abrir seus olhos, caso seu irmão tivesse permanecido ali.

Os momentos seguintes foram longos e torturantes para ela, profundamente. À beira do desespero, coberta da mais profunda vergonha, conseguiu discernir na voz do irmão que a chamava incessantemente minutos depois, já quase no final do filme, uma possibilidade de complacência. Ao observar o irmão, camufladamente, percebeu em sua voz nítidos sinais de entusiasmo. Deixou que ele a visse, na porta, fazendo-o comunicar a ela efusivamente: – a gravação ficou maravilhosa, vem ver!

Muito ressabiada, a moça se encaminhou até o sofá onde ele estava, e sentou-se ao lado do rapaz, que assistia ao final da cena com vivo entusiasmo. Envergonhada, ela não conseguia olhar para a tela, incomodadíssima pelos gemidos que não queria acreditar terem sido emitidos por ela mesma, minutos antes. Pediu para que ele reduzisse o volume do som, rogo interrompido pelo menino que desejava recomeçar a gravação imediatamente: – ficou inacreditável, uma maravilha! Mas vamos precisar repetir umas cenas. A menina aquiesceu condicionalmente: – agora eu te filmo, disse com uma voz pequenina que contrastava nitidamente com o entusiasmo do outro, que já tratava de justificar a necessidade de regravação. As cenas lhe agradavam muitíssimo, o vídeo era a coisa mais excitante que já tinha visto, uma loucura, mas repleto de erros incompreensíveis e flagrantes. Por alguma estranha razão, tinha perdido o enquadramento sucessivas vezes, e exatamente nos momentos mais marcantes. Justificou, explicou, suplicou e insistiu, mas a menina se manteve irredutível: só repetiria as cenas se ele deixasse que ela o filmasse antes. Com a promessa de que ela complementaria as filmagens em seguida, aceitou ser filmado.

– O que eu faço? Perguntou ele, completamente sem jeito, sem nenhuma ideia do que fazer. – Faz o mesmo que eu fiz, respondeu a menina que empunhando a câmera, de fato, só queria o comprometimento dele no mesmo grau que ela já tinha empenhado. Ele então retornou ao local inicial, para a frente do espelho, no quarto dela, onde começou a fazer umas macaquices completamente desconexas, sem vida, sem envolvimento, sem nenhuma sombra de sensualidade. Tentou repetir umas ações iniciais da irmã, mas se viu incapaz de fazer algo mais sensual do que um autômato faria. Estava completamente sem graça, e, conseqüentemente, sem ação. A irmã teve uma ideia, pediu para ele pegar o computador, repassariam umas cenas.

Sentaram-se ambos no sofá para rever as imagens. A irrupção da imagem da irmã na tela fez retornar nele, de imediato o aparecimento do volume acentuado no púbis, conforme esperado por ela que aproveitou então para iniciar as filmagens. Pediu que levantasse, e, assim como ele havia feito com ela, enfocou o corpo do irmão com a câmera, ganhando coragem, ao mesmo tempo, para deixar a própria calça novamente em uma conformação sensual, puxando-a para cima, acentuando novamente suas formas e evidenciando a buceta, repartindo-a com o intuito de deixar o irmão bem aceso enquanto o filmava, fazendo isso de uma maneira já reconhecidamente bastante eficiente.

Manteve a câmera bem próxima ao mastro insubordinado que parecia querer furar o short do rapaz, enfocando-o frontal e lateralmente, aproximando e afastando a câmera, permitindo sem o demonstrar que ele também a fitasse. Pediu que ele o salientasse. Ele apertou o short ao lado do bicho, destacando-o apontando-o para a câmera, mostrando-o também de perfil. Depois o segurou, ainda vestido, expondo o estranho canudo sob a roupa. Enquanto o filmava a menina também se exibia, embora de maneira menos explícita, comprimindo ritmadamente a sua boceta na mesma toada em que o irmão. Tinha que, de algum modo, forçá-lo a também se comprometer; conseguiria isso estimulando-o.

Talvez tenha sido por ansiedade que a moça interferiu na ação, soltando a câmera por um momento para, ela mesma pressionar com as próprias mãos o short dele para evidenciar o canudo com mais

nitidez. Ao colocar ambas as mãos espalmadas em torno do objeto enigmático que ela queria salientar, encostou nele leve e acidentalmente, fazendo-a notar uma estranha compleição, muito dura, que lhe atiçou a curiosidade a ponto de permitir um e outro toques ligeiros na base do bicho, confirmando sua consistência inusitada e deduzindo a razão do nome “pau”. Permitiu-se essa intimidade em decorrência de certa preponderância dos irmãos mais velhos sobre os mais novos, a mesma que, anos antes, tinha permitido que ela tivesse conhecido e analisado seu brinquedinho. Nesse momento, apenas inspecionava o irmãozinho.

Alheio a tais propósitos, o rapaz recebia os ligeiros toques, brevíssimos contatos de dedos espalmados na base do bicho, de maneira retumbante. Percebendo a empolgação crescente, a moça retomou a câmera, e esticou e arriou levemente a cintura do short do rapaz deixando a pontinha do pau se insinuar brevemente para fora, causando a ambos um suspense excitante que conturbou-lhes a respiração por uns longos segundos, fazendo-os buscar o ar ruidosa e intensamente uns momentos depois. Empolgado com a situação sugerida, o menino retirou o bicho da calça, expondo orgulhosamente para a garota o pau garboso em riste. A gravação da cena eliminou os últimos temores da menina.

Foi a vez da garota se espantar com o irmão. Tinha se acostumado a vê-lo em poses desleixadas. Tinha um conhecimento bastante íntimo de seu brinquedinho, devido a suas frequentes escapadas durante as brincadeiras ou enquanto dormia. Mas tinha sido sempre só isso, um brinquedinho inofensivo, um dedinho inerte, frágil, um pequeno apêndice sem personalidade e sem vida. Havia percebido, desde a semana anterior, umas visitas muito constantes do menino ao banheiro, permanecendo lá por um tempo maior que o esperado, gerando nela umas suspeitas. Naquele instante, no entanto, o rapaz a surpreendia apresentando-lhe um pau duro, um verdadeiro caralho. Enquanto exibia o valoroso cacete, o menino metamorfoseava-se inusitadamente, ganhando o estranho status de macho, tornando-se assim um ser misterioso e poderoso.

O pau duro, mantido ali, bem na sua frente, atiçava fortemente a curiosidade da moça; queria vê-lo, conhecê-lo, descobrir cada detalhe daquele estranho ser, mas, mais que curiosidade, induzia nela umas sensações indiscerníveis, umas vontades estranhas, umas compulsões. A visão estranha a alegrava de uma maneira nova. Perscrutava cada detalhe daquele pau, duro, grosso e surpreendente, a despontar do corpo ainda franzino do menino. Aliás, o contraste entre ambos dava àquele pau uma imponência ainda maior; constituía um objeto desmesuradamente grosso incrustado em corpo tão esguio, excessivo na estrutura física ainda quase infantil do jovem. Destacado do corpo do menino, o pau duro ganhava uma imponência inaudita, e extremamente atraente. De um estranho modo que não conseguia compreender, a moça desejava ardentemente aquele pau.

Enfocou-o gulosamente, e bem de perto, do mesmo modo que ele havia feito anteriormente com ela; já sabia o efeito estimulante que a aproximação causaria. Depois de balançá-lo, apontá-lo, exhibi-lo orgulhosamente de todas as formas, o rapaz pegou o bicho, percorrendo sua mão desde a cabeça até sua base. Era a vez da moça ser enfeitiçada; era ela, agora, que não conseguia se livrar do encantamento, fascinada pela exibição surpreendente do irmão, pelo seu pau duro e grosso, destacado de seu corpo, quase independente dele, desmedido.

A visão induzia nela um estranho desejo, que mal conseguia interpretar, mas que consistia em uma ânsia, uma gula, uma vontade de se apossar daquilo, de o ter para si. A ânsia lhe aturdiu na mesma medida de sua intensidade.

Depois de puxar o pau de cima para baixo seguidamente, avivando-o, fazendo-o latejar, pulsar de maneira fascinante, o rapaz iniciou uns movimentos sucessivos fazendo a mão ir e vir enquanto empunhava o bicho. A movimentação frenética induzia na moça uma estranha vontade de acompanhar seu ritmo de algum modo, o que a compeliu para a cama, incitada também a se acariciar ante a visão excitante. Enquanto ela se sentava na cama o rapaz se apossou da câmera, iniciando a filmagem sob um novo ângulo como se a cena estivesse sendo vista pelo próprio pau.

Situando a câmera em sua barriga, enfocava o pau duro e, abaixo dele, a irmã sedutora.

Talvez já houvessem, ambos, visto cena análoga, razão pela qual, provavelmente, cumpriram conjuntamente o mesmo roteiro. Excitadíssima pelo pau duro, e com o intuito de atirá-lo ainda mais, a menina foi abaixando a calça, vagarosamente, revelando, aos poucos, a belíssima bocetinha iniciadora de toda o roteiro, trazendo-a de volta a seu papel de protagonista. De pé, posicionando o pau acima da gostosa boceta que se desvelava vagarosamente, mas por inteiro, movimentando-o para a frente e para trás compulsivamente, o rapaz não demorou a permitir a aspersão de um primeiro jato de gotas esparsas, seguido por sucessivos jorros esporrados copiosamente sobre a boceta plenamente exposta uns centímetros abaixo de seu pau.

A ejaculação torrencial foi acompanhada por sensações vertiginosas, intensas, e por uma espécie de urro assustador que ao mesmo tempo encantou a menina. Tendo lambuzado a formosíssima boceta, o menino esfregou seu pau meio amolecido nela, gerando na moça, com o contato, umas sensações indescritíveis que ela sorvia encantada.

Dessa vez os dois cineastas correram juntos, compartilhando também a mesma euforia para conferir as filmagens, tendo a moça, apenas, retirado a fronha de um travesseiro para limpar o líquido lambuzado sobre seu corpo, provando antes, de maneira oculta, o seu sabor.

De volta ao sofá, reviram as cenas animadamente, entre comentários exclusivamente técnicos relativos às filmagens. A qualidade geral da gravação era boa; mantinham ambos a câmera muito firme, mesmo em circunstâncias que o dificultassem; sabiam, ambos, como fazer isso. Também conheciam a técnica para mover a câmera, sempre com lentidão, assim como executavam os closes, as aproximações da imagem, nos momentos mais adequados. A falha maior, e ainda inexplicável, continuava na incapacidade de ambos de manter o enquadramento correto; era como se dormissem, e esquecessem estar filmando, deixando a câmera fugir do contexto óbvio, perdendo foco na imagem central. Enquanto reviam as imagens novas ideias iam surgindo na mente de cada um. Uma delas levou a moça a se maquiar enquanto terminava de assistir ao vídeo.

A constatação das falhas obrigou-os a retomar as filmagens, não só com o intuito de corrigir os erros recorrentes, mas de acrescentar às cenas algumas ideias surgidas enquanto assistiam às gravações anteriores. A acentuação do volume revelada novamente pelo rapaz ensejou o início da filmagem pela moça, começando com uma engenhosa aproximação, lenta e constante, da câmera, culminada com o despontar do bicho brotando galantemente para fora. O rapaz aprendia rápido.

Devido às múltiplas ideias recém surgidas, tinham combinado compartilhar a câmera. Tendo exposto o pau duro com o mesmo orgulho revelado anteriormente, passou a pegá-lo, apertá-lo e repuxá-lo no intuito de exibi-lo em sua turgescência máxima, à beira da explosão, para o deleite da moça a se comprazer com o pulsar da cabeça rosada. Os latejos daquele pau duro a enfeitiçavam mais que tudo, fato constatado pelo moço que o explorava segurando o bicho pelo pescoço e mantendo-o assim, como que enforcado, no máximo de tensão, afrouxando em seguida, como se buscasse ar e respirasse, para retomar novo ciclo. Quando as ações do menino começaram a se repetir demasiadamente sugerindo o esgotamento de suas ideias, a moça cedeu-lhe a câmera para revelar seus próprios devaneios.

O rapaz pegou a câmera e começou a filmar a irmã esquecendo-se de guardar o pau duro, em riste, à mostra, enquanto a moça reiniciava as ações para exacerbar a sensualidade da calça ao máximo; repuxou-a bem para o alto, fazendo-a acentuar ainda mais as formas de seu corpo, voltando a delinear e dividir a boceta, mais chamativa desse modo que estaria se completamente exposta. O rapaz teve a ideia de acentuar os vincos que a delineavam; dessa vez a jovem permitiu que ele passasse o dedo por sua boceta, aprofundando sua divisão vertical e causando-lhe uma sensação paralisante que permitiu que o jovem, em seguida, segurasse e apertasse a boceta inteira, com o intuito de deixá-la ainda mais rechonchuda e marcada. O rapaz percebeu que tais ações não só

paralisavam a menina, como lhe roubavam o ar, conturbando-lhe e descompassando-lhe a respiração, fenômeno contagiante refletido nele também. A repetição do gesto de acentuação do vinco central, executada em seguida e com a atenção voltada para as feições do rosto da moça, se deveram mais ao divertimento e à curiosidade que a uma ação estética.

Preparada desse modo para as filmagens, a moça tornou a fazer os mesmos movimentos lânguidos que anteriormente. Dessa vez, maquiada, com os olhos fortemente delineados e a boca gritantemente pintada de vermelho, não só seu corpo, mas sua face assumiam feições surpreendentes e desconhecidas. Quem era a moça à sua frente? Irreconhecível sua face, seu corpo, suas ações. Agora, pintada, metamorfoseada em alguma outra, sua languidez ganhava um aspecto realístico. Os movimentos excessivos que anteriormente garantiam o caráter brincalhão, teatral das cenas, sob aquela roupagem pareciam reais. Não podia ser sua irmã a se exhibir lascivamente à sua frente, tratava-se de uma vagaba sedutora, oscilando os quadris entre expressões devassas, expondo, oferecendo a boceta suculenta de maneira libertina. Enfeitiçando-se um ao outro, ambos enredados no mesmo enleio, em devaneios libidinosos a se alimentar reciprocamente, deixavam-se vagar por fantasias embaladas pelas novas e intensas sensações que iam sendo descobertas por ambos.

Após ter se sentado na cama, a moça deitou o corpo, permitindo que a câmera fosse postada sobre si, enquanto retirava a calça, lenta e sinuosamente. Tendo exposto a deliciosa boceta, permitiu que a câmera se insinuasse impudicamente entre suas pernas perscrutando cada detalhe de sua intimidade, esquadrinhando cada milímetro daquela parte tão ciosamente guardada até então, nunca anteriormente revelada. A mera aproximação da câmera a enlanguescia, compelindo-a a abrir as pernas para se expor ainda mais, necessitando até premer a boceta com as mãos para revelar-lhe as entranhas em um gesto de entrega total.

Tendo se mostrado por completo, a menina decidiu ser hora de tomar a câmera, invertendo novamente os papéis na filmagem. Levantou o corpo para sentar-se deparando-se com o pau duro que em vistas da aproximação da mulher apresentou-se ainda mais à frente, oferecido, esbarrando levemente no rosto que subia. Aquele estranho contato com a vagaba pintada e pelada à sua frente, imersos ambos na atmosfera de encantamento lascivo, compeliu o rapaz a conduzir o pau até o rosto da moça, que se afastou intimidada, gerando no rapaz um impulso selvagem que o levou a enlaçar os cabelos da menina e puxá-la, trazendo seu rosto para o contato com o pau duro.

Compelida àquele estranho contato repentino, a menina virava o rosto para um e outro lado, tentando escapar da pressão do pau duro e molhado a se esfregar pelo seu rosto, suas bochechas, pela boca:

– Chupa esse pau, vagaba! Ordenou uma voz máscula e desconhecida, enquanto a mão mantinha seu rosto cativo se esfregando no bicho. Nesse mesmo instante uma outra mão agarrou seu seio, induzindo nela uma sensação fortíssima, sem precedentes. O susto a compeliu a abrir a boca, permitindo a entrada ali daquele estranho que o obrigou, imediatamente a agarrá-lo voluptuosamente, com curiosidade e determinação. A vagaba chupava o pau duro gulosamente, lambuzando-se com ele, esfregando-o no próprio rosto, puxando-o, apalpando-o. O rapaz puxou a rédea composta pelos cabelos para expor para as lentes o rosto borrado da piranha a chupar gulosamente aquele pau. A vadia soltou uma risada sonora, acompanhada por um riso convulso do rapaz.

As chupadas enlouquecedoras quase o faziam perder o equilíbrio, e geravam nele uma ânsia exagerada, superior a qualquer coisa que já houvesse sentido. Acabou por segurar, ele mesmo, a mão da jovem, para guiá-la em movimentos ritmados compulsivos e crescentes, até gerar uma torrente melada sobre o rosto da moça, que nesse mesmo instante sorriu prazerosamente. O rapaz ainda filmou meticulosamente o rosto da vagaba, colorido pela maquiagem espalhada por ele, e lambuzado pela porra pegajosa a escorrer desde a testa até o queixo, e ainda assim aberto em um sorriso que em outra circunstância teria sido cândido. O batom muito vermelho se esvaía desde o

nariz até o queixo, conferindo-lhe feições de palhaça, um negrume intenso emoldurava indiscriminadamente os arredores dos olhos, dando-lhe uns ares de tristeza. A porra espalhada pela cara complementava o aspecto humilhante. O sorriso paradoxal coroava a cena.

Seu gozo fez cessar o encantamento levando-o de volta ao mundo real, como se houvesse recém acordado de um sonho estranho, permitindo discernir naquela vagaba sua própria irmã. Um misto de confusão e tristeza o invadiu: o que tinha feito com sua irmã? Tinha sido tudo aquilo real? Sem conseguir mirá-la, pediu que a menina se limpasse. Pensamentos acusatórios começaram a ferir seu peito. Não podia acreditar que aquilo tinha acontecido, não podia ter sido real. Queria um tempo, uma parada para compreender o que se passava, mas a irmã permanecia mergulhada profundamente no sonho. Deitou-se com as pernas abertas, e enquanto acariciava a linda boceta entreaberta pediu que o irmão a chupasse.

O rapaz permanecia confuso e inerte, incapaz de decidir o que fazer, de até acreditar na interpretação óbvia dos fatos. Mantinha-se abobado, pensativo, ensimesmado, para a irritação da jovem lasciva, ardendo em fogo. Mesmo tendo se esquecido, ambos, de empunhar a câmera, continuaram as filmagens após um arroubo da moça puxando o jovem abestalhado para entre suas pernas e compelindo-o a chupar sua boceta, desvelando imediatamente um prazer indescritível, inacreditável. O primeiro contato com a boceta lasciva dirimiu as dúvidas do menino, tornando a levá-lo para o mundo onírico, abandonando as culpas e dores causados por elas. Após brevíssima transição, passou a chupar a boceta succulenta com avidez.

A cândida bocetinha acariciada pela boca voraz, pela língua gulosa ia ganhando uma selvageria desconhecida. Em meio a frêmitos ansiosos buscavam-se, ela e a boca curiosa, em uma gula desenfreada. A menina queria expor até as entranhas, engolir a boca que a sugava, recebê-la por inteiro dentro dela, alucinada, voraz. Enquanto mantinha as pernas abertas e o rapaz mergulhado entre elas, abria a boceta com as mãos movendo-a para a frente ansiosamente em busca da boca, oferecendo-se a ela, revelando-lhe os pontos que mais ansiavam pela sua gula.

A chupada a fazia enlouquecer, aumentava o seu desejo além de qualquer possibilidade de freio. Tinha transposto todas as barreiras, agora queria mais e mais, e ainda mais, embora não soubesse ao certo o que, governada, completamente, por uma ânsia animal, por um desejo selvagem mas desconhecido. Queria mais daquilo, queria engolir aquele macho inteiro, queria-o dentro de si, mas de maneira canhestra, puxando sua boca para si.

Foi devido ao cansaço que o menino lembrou-se da câmera e a buscou, acarretando breve pausa nas ações, momento no qual uma nova ideia iluminou o semblante da gostosa. Tendo, finalmente, retirado a blusa surrada, pôs-se de 4 na cama, arrebitando e oscilando o rabo convidativamente. Uma vez mais o rapaz se surpreendia com a visão apresentada. Decididamente, sua irmãzinha era uma gostosa. A cena impunha uma filmagem meticulosa. Deixou a câmera percorrer lentamente as coxas grossas e delineadas até chegar às nádegas fartas e arredondadas, todo o cenário impecável, sem nenhuma imperfeição. Nenhuma mancha, nenhuma aspereza no relevo suavíssimo e lindamente depilado conspurcava aquele corpo perfeito. Depois enquadrando inteiramente a bunda maravilhosa para se empenhar, em seguida, numa exposição detalhada da boceta molhada, da qual brotava um líquido abundante que lhe escorria pelas pernas. Ao fundo, o rosto da moça se voltava para a câmera, conferindo os efeitos de seus movimentos sinuosos, dos arqueamentos de coluna, das compressões e relaxamentos da boceta gulosa.

Tendo registrado amplamente aquela perfeição o rapaz decidiu juntar seu pau à cena, voltando a filmar desde sua própria barriga, registrando a lenta aproximação do pau, até encostá-lo sutilmente naquela bunda maravilhosa. Tinha pretendido apenas aproximá-lo, tendo errado minimamente, permitindo um toque muito leve da pontinha do pau no centro de uma das nádegas. Esse contato brevíssimo, no entanto, incitou a moça a um movimento na direção do pau, impondo com ele um contato pleno. A sensação induziu no rapaz, por sua vez, a compulsão de comprimir o pau duro

naquela bunda, de esfregá-lo por ela toda, mantendo-o comprimido entre os dois corpos. A esfregação, induzia a moça a um rebolado lascivo tendente a guiar o pau até o centro da cena. Tendo encurralado o pau do rapaz no meio do rego, a moça acentuou o vai e vem lascivo e contínuo, guiando-o até mais baixo, onde a boceta molhada o esperava gulosa. Sentindo-o ali, bem na entrada, a gostosa tinha ânsias de se comprimir mais e mais sobre aquela delícia; queria engoli-lo, devorá-lo. Ao mesmo tempo o rapaz se empenhava em se comprimir na bunda convidativa. Deixou a câmera repousada ao lado, ainda filmando, para liberar ambas as mãos. Tinha que se comprimir sobre aquela gostosa, que empurrar o pau duro para ela, que perfurá-la. Segurou os quadris largos e sedutores abaixo da cintura fina e sensual, e puxou a gostosa para si, enquanto comprimia-lhe o pau duro alucinadamente. Uma sensação molhada surpreendeu simultaneamente a ambos, quando se sentiram encaixar um no outro, gerando uma ânsia ainda maior de prosseguir mais e mais, de se comprimir loucamente até a penetração total. Excitadíssimo, desvairado, o rapaz agarrou as cabelos da jovem como rédeas, arqueando-lhe a coluna, arrebitando-a ainda mais, puxando também seu ombro, trazendo assim seu corpo ainda mais para si com avidez incontida, enfiando-lhe o caralho até o fim, permanecendo a comprimir-se ainda mais, no afã louco, desesperado de penetrar por inteiro dentro da gostosa, de mergulhar todo nela, de se ver engolido, de desaparecer em suas entranhas. Uma sensação dolorosa intensa se impunha à medida que seu ventre ia sendo rasgado, sensação sobreposta por um prazer ainda maior.

Comprimiram-se forte, loucamente até um acaso os compeliu à mudança de posição, gerando ligeiro recuo do bicho, acarretando nova sensação deliciosa. Descobriam-na forrada internamente de seda, ou de substância deliciosa, mais agradável ao tato, ainda, que a própria seda; sorveram-se. Sorviam cada sensação, cada descoberta, sondavam-se. Descobriam a delícia do vai dentro dela, ainda que durante um descuido quase aterrorizante o bicho tenha escapulado, deixado a entranha da gostosa, gerando em ambos uma sensação de desespero, a necessidade premente de retornar à completude recém descoberta e momentaneamente interrompida. Retornaram alucinadamente ao conforto pleno um do outro, ao vai e vem contido, evitando novo desengate, descobrindo-se, sugando-se. As estocadas contínuas roubavam da gostosa uns gemidos alentadores que incentivavam ataques subsequentes, ampliando o ritmo e o vigor dos golpes, regidos pelas respirações fortemente descompassadas, mas consonantes uma com a outra.

Compelidos por uma magia intensa, os dois se empenharam em uma luta cada vez mais acirrada, estocando-se cada vez mais intensamente em um frêmito cada vez mais vigoroso, gerando uma sonoridade melodiosa composta pelos gemidos da fêmea acompanhados pelos grunhidos e urros esparsos do macho, e pela harmonia de respirações descompassadas mas perfeitamente ajustadas ao ritmo retumbante das estocadas do homem na bunda da gostosa.

Os ritmos se aceleravam alucinadamente preludiando algum mistério ainda por vir. As compulsões se somavam, se realimentavam, se potencializavam enlouquecendo-os, desesperando-os até uma louca explosão abatê-los por inteiro, avassaladora, superando qualquer possibilidade de consciência. Perceberam apenas de maneira distante os estranhos grunhidos emitidos simultaneamente por ambos, aturdidos pela intensidade com que se buscavam, imersos na loucura avassaladora que os carregava.

Tendo transposto o limiar da loucura e retornado ao mundo, perceberam-se, novamente, os dois juntos. Estavam de volta, ambos os jovens irmãos, e se miravam perplexos, cabisbaixos, confusos. Tendo compartilhado os céus, decaíam, voltando a uma realidade estranha, acusatória. Os brevíssimos momentos vividos entre tão doces devaneios tinham sido suficientes para abalá-los, para transformar o mundo em uma entidade estranha, retirando da realidade a familiaridade anteriormente inquestionável. Mais que confusos estavam ambos envergonhados; contemplavam-se um ao outro abatidos, condenados ambos por si mesmos, tendo transposto as barreiras do permissível. Gostariam de se abraçar, de se acalantar nos braços um do outro e chorar, mas até um ato de tamanha compunção teria sido acusatório de sua lascívia.

Impedidos assim de se confortar mutuamente, mergulharam em profundíssima culpa, em imensa dor, desejando retornar ao passado e apagar os momentos de lascívia desenfreada a que se haviam deixado levar. A vergonha foi tão grande, a dor tão imensa, que se viram impedidos de retomar as filmagens até a manhã seguinte, bem cedo, quando ambos acordaram radiantes, revigorados, e abarrotados de ideias para novas filmagens.

\* \* \*

Tudo em casa, parte II – uma outra história

De uma maneira deliciosa, sensações recém descobertas confundiam o juvenzinho radicalmente. Inebriado, mas desorientado, se empenhava em fruir mais e mais daquilo que o perturbava e deliciava; seria o costume, e não a compreensão, que posteriormente o traria de volta da extrema desordem, mas isso só após certo tempo. Acabara de descobrir e mergulhar no mundo da sensualidade, de prazeres alucinantes, arrebatadores. Buscava, a todo tempo, visões que o transportassem a esse novo universo, e as encontrava seguidamente. Descobriu, assim, os vídeos proibidos, imergindo imediatamente no mundo do erotismo visual, sugado por estranhas e excitantes imagens, escravizado por elas.

A fonte mais próxima de suas inspirações, no entanto, era sua irmã. Impossível evitá-la, embora algo insinuasse fortemente que o devesse fazê-lo. As visões de seu corpo, enquanto brincavam, o compeliavam a sucessivas idas ao banheiro, onde deixava sua mente vagar por fantasias cada vez mais nítidas e complexas, aliviando, momentaneamente, tensões avassaladoras, logo reavivadas por uma nova pose da menina, que agora o enlouquecia com uma simples abertura de pernas, ou com um vislumbre entrevisto por entre o decote. Misturava a complexidade das imagens vistas na tela com as visões mais nítidas da menina.

Seus olhares estranhos e insistentes começaram a incomodar a irmã, e isso de duas maneiras antagônicas; por um lado a importunavam devido à curiosidade impudente com que se impunham, mas, por outro, despertavam nela agradáveis sensações que a faziam arrepiar e enlanguescer sob sua mira perscrutadora. A menina comentou o embaraço produzido pelo olhar, apontando também o arrepio causado por ele. O menino deliciou-se em controlar a reação surpreendente, com o qual os dois brincaram, induzindo arrepios sucessivos um no outro, causados não só por olhares, mas pelo toque com a pontas dos dedos na pele, fator ainda mais poderoso que os olhos.

Um dos vídeos mais perturbadores assistido repetidamente pelo menino consistia em uma filmagem feita por um casal de jovens, supostamente irmãos; as imagens sugeriam constituir o registro de suas descobertas e evocavam, na mente fértil do menino, uma fantasia na qual o uso da filmadora funcionava como um engenhoso pretexto para induzir a irmã a situações altamente sensuais. Tinha já repassado na mente, algumas vezes, as imagens revistas momentos antes, intercaladas em uma história cada vez mais elaborada e coerente, iniciada ao apontar a câmera para irmã.

Tendo sido forçado a interromper a brincadeira que faziam no chão para ir ao banheiro repassar a história que mais o instigava, retornou armado da filmadora, enquanto a irmã ainda o aguardava, deitada no chão, infantil e desleixadamente, sem nenhuma preocupação com a compostura da saínia minúscula que trajava. Surpreendeu-se levemente com a atitude do irmão, apontando a câmera para ela sem nenhum motivo, sem nenhum pretexto que justificasse o ato; mesmo assim, se alegrou, mostrando um sorriso para a câmera, ajeitando rapidamente os cabelos, e executando uns

trejeitos graciosos e simpáticos para o registro despropositado.

Após ter enquadrado por inteiro a irmã, em imagem panorâmica, circulou-a, enfocando-a sob todos os ângulos fixando, em seguida, uma tomada do rosto, aproximando dele a câmera, e, mantendo, em seguida, a mesma distância para percorrer, vagarosamente, todo o seu corpo. A menina permanecia deitada de bruços, erguendo cabeça e ombro para acompanhar e decifrar as intenções do irmão, que fazia a câmera derivar lentamente, enfocando sucessivamente sua cabeça, costas, nádegas, pernas, chegando até o pé, quando a menina se voltou de frente para ele, curiosa, sentando-se no chão. O rapaz então tratou de fazer a câmera retornar, percorrendo o caminho inverso, ainda lentamente, mas dessa vez mantendo um ângulo mais oblíquo, subindo mais rente ao chão, sugerindo a abertura das pernas para lhe abrir caminho.

A menina acompanhava o percurso da câmera com curiosidade, e com um sentimento estranho e crescente que lhe ia brotando à medida em que entreabria as pernas para dar passagem à filmadora. Uma aprazível sensação de languidez ia se apossando da juvenzinha fazendo-a se abrir, se expor para a câmera a se mover lentamente cada vez mais para si. Ao chegar bem no alto das pernas a filmadora estacou, induzindo-a a se abrir ainda mais, e a se deitar, recostando o corpo no chão, dobrando os joelhos para arreganhar-se escancaradamente para a câmera descarada.

Uma aproximação ainda maior enquadrava apenas o centro da calcinha na tela inteira, recuando um pouco, em seguida, devido à perda de foco da imagem, excessivamente próxima. Pode ter sido o temor do contato, dificilmente o pudor, que levou a mão da menina para o centro do foco, protegendo-o. Esse contato, no entanto, amplificou uma outra sensação já presente e prestes a substituir o enlanguescimento; uma espécie de ardor, uma premência mais selvagem parecia advir do contato da mão, compelindo a moleca a, quase constrangedoramente, sobrepondo-se a sua vontade, comprimir sua boceta mesmo, sob o enfoque da câmera. A sensação resultante, no entanto, altamente explosiva, obrigou-a, não só, a premer a boceta intensamente, mas também a impulsioná-la para a frente, fazendo-a subir, buscando, ela também, com avidez, a mão que a comprimia, gerando o que parecia sensação mais intensa que qualquer outra de que se lembrasse.

Estranhamente, em vez de inibir, a filmadora mantida entre suas pernas a excitava fortemente, acarretando as ações que alimentavam ainda mais a excitação selvagem. O reposicionamento lento da câmera a deixou mirando a boceta frontalmente, de maneira a capturar cada movimento com que a juvenzinha se via obrigada a estimular a boceta cada vez mais ávida.

Tomada por um inexplicável arrebatamento, uma compulsão avassaladora, a menina foi compelida a desobstruir o caminho entre a mão e a boceta empurrando a calcinha para o lado, libertando-a para o contato direto de seus dedos, expondo-a, arreganhada, simultaneamente para a câmera, enquanto a erguia ávida em busca da mão, a respiração fortemente entrecortada.

A vista da bocetinha ávida, exposta ali à sua frente, arreganhada, teve efeito retumbante e imediato sob o jovem, que se viu também forçado a atividade análoga, enfiando a mão no short para retirar dali, e empunhar gloriamente o seu pau duro e latejante.

A vista daquele objeto surpreendente, grande, grosso e estranhamente encravado no corpo do irmão, de uma maneira deslocada aturdiu ainda mais a menina, enfeitiçando-a por completo, desatando-lhe todos os laços com o entendimento cotidiano, e lançando-a em um estado de pura animalidade, de selvageria voraz alheia a qualquer convenção. Puxando a sainha para cima do corpo, juntamente com a blusa, expôs os seios incipientes, muito redondinhos e momentaneamente bicudos, ansiosa por se livrar dos panos e acariciar os seios compulsivamente. Retirou a calcinha num rompante para, sustentada nos dois pés e com os joelhos dobrados, estirar a pélvis compulsivamente e escancarar a bocetinha molhada e ávida.

A reação da irmã incitou o rapaz a agitar o pau duro freneticamente para trás e para a frente

induzindo a menina a acompanhá-lo irrompendo em movimento similar com igual avidez.

Os eventos iniciavam explosão impossível de ser contida.

\* \* \*

As histórias me foram sugeridas por mais de um vídeo encontrado na rede, suponho que esse roteiro, com ligeiras variações, esteja se tornando cada vez mais frequente, sinal dos tempos.

\* \* \*

### Uma Cinderela ao contrário

Bibiana tinha 15 anos e, havia muito, se apaixonara por um rapaz mais velho, de 19, que nem percebia a pirralha. Um dia, conseguiu armar com uma prima dele, para que ele a notasse. Então, pela primeira vez ficaram juntos, e, para ela, foi como um sonho.

Poucos dias depois se reencontraram, a menina ainda nas nuvens, apaixonadíssima. Depois de uns poucos beijos deliciosos, o rapaz a levou para o carro. Meio a contragosto, sob leves protestos da menina, o rapaz ligou o carro e partiu para o sítio de seu pai.

No sítio, recomeçaram abraços e beijos, mas em uma situação dúbia: por um lado, era maravilhoso estar ao lado do amado, por outro, era desagradável estar sendo empurrada a fazer o que considerava indevido. Impotente, no entanto, a moça “deixava rolar”, e se comprazia com as carícias do rapaz.

Mas o colorido romântico do evento foi se esvaindo, e um tom plúmbeo se impondo. O rapaz insistia para que fossem para o quarto; a menina acabou cedendo, constrangida. Estivessem na cidade, em seu lugar, e a moça teria dado um basta na situação e saído. Sozinhos na distância do sítio, a moça se via incapaz de tomar atitude eficaz, enquanto suas negativas eram desconsideradas.

Acabou cedendo ao apelo insistente do rapaz e se deixou levar para o quarto. Permitiu também que ele tirasse sua blusa, depois a calça. A doçura das carícias se mesclava com o constrangimento e o medo. Bibiana se recorda de ter visto o pênis duro do rapaz; estava imóvel, sem nenhuma excitação.

O rapaz ajeitou suas pernas e meteu-lhe o pau. Mas a menina, espantada, não estava lubrificada. Doeu muito, e ela pediu para parar. Então o rapaz retirou o pênis de dentro dela e falou que era assim mesmo, que depois passava. Em seguida recomeçou. Doía muito, doía da boceta até a cintura.

Quando o cara terminou Bibiana colocou a mão na Boceta e sentiu o sangue escorrendo; estava

dormente.

Então, se vestiram e a menina pediu para voltar logo para casa. Era noite, mas a menina se abaixou para não ser vista no carro dele. Pararam perto de sua casa, onde ela desceu sem nem olhar para trás. Nunca mais teve nada com o rapaz, embora o pior tenha vindo depois.

Moravam em cidade pequena, ele espalhou a notícia, todo o mundo sabia de tudo. Bibiana sentia enorme vergonha, todos a julgavam, consideravam-na uma vagabunda; odiou o cara com todas as suas forças.

Foram necessários 3 anos para que a moça se recuperasse do trauma, com a ajuda de um menino mais novo.

Aconteceu de maneira despreziosa; conheceu o menino de 15 anos em um bate papo na rede de computadores. No início eram apenas conversas amistosas, mas a jovem foi se envolvendo. Então quiseram se conhecer; pela primeira vez a jovem via redespertar seu interesse sexual.

Resolveram se encontrar. O rapaz morava na cidade vizinha, a moça foi até lá; encontraram-se em uma praça. Era um anjo louro e de olhos azuis; fazia poemas. Conversaram, comeram em uma lanchonete e foram até a casa de um amigo dele ver sua guitarra.

Conforme esperado, o amigo estava só em casa, permitiu que fossem até o quarto dos fundos. Lá tiraram a roupa.

A primeira vez foi meio sem jeito, mas o jovem revelou muito mais experiência e sabedoria do que a idade pareceria sugerir. Na segunda, ele perguntou se estava gostando; ela respondeu que sim, mas de maneira nada enfática. Então ele explicou que poderia lhe dar prazer de outro modo, mas que ela teria que fazer nele também, o que foi considerado justo. Então se chuparam mutuamente, até ela descobrir o gozo, enlouquecida, na boca do juvenzinho.

Creio que, verdadeiramente, essa foi a primeira vez de Bibiana, também a melhor, e a mais marcante.

\* \* \*

O episódio inicial de Bibiana retoma o tema da opressão, e da imputação de culpa na vítima. Há fortes indícios de que esse caso, assim como o anterior, tenha constituído estupro. Em ambos, no entanto, o criminoso denuncia a vítima. Estranha e curiosamente, a vítima é exposta, tornada indigna, vilipendiada. O criminoso parece se apresentar como uma espécie de paladino, descobrindo e denunciando a piranha.

A mim chama atenção o fato de que isso se assemelhe a uma espécie de crime social, de crime público. A meu ver todos são cúmplices do criminoso, todos “estão do seu lado” ao condenar a vítima, denunciada, exposta e enfraquecida.

Gostamos de condenar os fracos. Parece ser a fraqueza o que condenamos, como sempre fazem os covardes.

Algo adicional me chama atenção. Os que provam do fruto costumam enlouquecer, querer mais; desejam sentir aquilo novamente. Em alguns casos, no entanto, o acontecimento é marcado apenas por sensações ruins, forte indício de que deveria ter sido interrompido antes do que foi. Nesses casos parece haver uma vítima que em seguida se retrai, se abstém de novas aventuras eróticas por um longo tempo, imersa em lembranças extremamente desagradáveis, marcantes.

A libertação de Bibiana me parece ter ocorrido de uma forma cândida, com o rapaz mais novo. As chupadas parecem ter sido a invenção mais singela jamais criada.

\* \* \*

Os prazeres da dor

Foi conversando na rede que Nana descobriu sua vocação: a submissão incondicional, a entrega completa. Acabou se apaixonando por um dominador, não via a hora de se entregar a ele.

Muitos meses se passaram, muitos sonhos, e Nana viajou ao encontro de seu amado distante; foi se entregar de corpo e alma a ele.

Simbolizando sua submissão completa, vestiu uma roupa de empregada doméstica, embora sensual e estilizada, e partiu para conhecer o amado pessoalmente, levava com ela um estranho contrato no qual se entregava por inteiro ao homem, tornando-se sua escrava.

No contrato de servidão, Nana prometia cumprir suas obrigações como escrava e mulher, submetendo-se a todos os desejos e loucuras, dispondo de seu corpo da maneira que seu dono quisesse, aceitando ser amarrada, acorrentada, enjaulada, algemada quando ele assim o desejasse, nunca discordando de seu dono, comportando-se como seu animalzinho de estimação.

O estranho e solene contrato se referia ainda a certas condições legais, evocando, para possíveis efeitos jurídicos, a autorização explícita da moça para práticas sadomasoquistas.

Desacostumada aos trajes chamativos, sentiu muito vergonha dos olhares descarados que a lançavam na rua. Mesmo assim, manteve o passo firme, determinada, em busca de seu amor. Foram a um motel.

No motel se beijaram, se agarraram, e o homem foi para cima dela, mas, por alguma razão não conseguiu penetrá-la. Colocou-a por cima dele, o que a desagradou; não era assim que havia sonhado; ela então abriu o bore (traje colado ao corpo, “*body*”) que ainda vestia, e, posicionada sobre o homem, enfiou-o dentro de si.

Sem saber direito o que fazer em seguida, ela permitiu ser posta por baixo, e o homem gozou muito rapidamente.

Em seguida ele colocou prendedores em seus mamilos. A dor era intensa. Os artefatos apertavam os bicos dos seios e causavam dor, exatamente como ela queria.

Então eles se chuparam, um ao outro. Em meio à dor e ao prazer da boca ávida vasculhando sua boceta não menos voraz ela gozou 8 vezes.

\* \* \*

Os desejos de Nana são mais comuns do que eu imaginava quando ela me contou sua história; um grande número de mulheres é seduzido em algum grau pela submissão.

Do ponto de vista masculino acredito haver certo encantamento em quase todas as manifestações de oposição, naquelas que acentuam o feminino em contraposição aos modos do homem. Assim, a estranha fantasia dos dois, materializada no encontro teatral, nos trajes de empregada doméstica, tem, provavelmente, um apelo quase universal. A simbologia é bastante explícita.

Os rituais de corte de espécies muito agressivas frequentemente pressupõem demonstrações de força; parece plausível exigir que o macho exiba sua capacidade de dominação quando a sobrevivência depende de luta. A direção inversa também se impõe, e a preferência por machos mais violentos também acaba por delinear um perfil mais agressivo em toda a espécie. Esse desejo feminino tem, certamente, um papel na construção da espécie: vamos sendo esculpido, pelas gerações anteriores, à imagem e semelhança de seus desejos.

Outra contraposição, a de um certo sadismo masculino, se revela necessária, ou, ao menos, útil, para a defloração das virgens. Algumas delas demonstram certo sofrimento quando penetradas pela primeira vez, a compaixão poderia interromper o deleite. Aliás, as expressões de prazer sexual se assemelham às de dor, tanto as faciais quanto as sonoras. É provável que tais manifestações tenham surgido para atizar um sadismo pré-existente.

Tendo esboçado mais de um raciocínio evolutiva fico a pensar no quanto tais reflexões são mal compreendidas. Pessoas comuns tendem a considerar os raciocínios evolutivos completamente absurdos, não conseguem entendê-los. Suspeito que essa incompreensão advenha da estranha perspectiva temporal evolutiva. Raciocínios evolutivos costumam delinear eventos extremamente lentos, dos que, tipicamente, perduram milhões de anos. A visão comum se atém, quase exclusivamente, a uma perspectiva cotidiana, a acontecimentos que não chegam a uma dezena de anos. Vista sob tal olhar, a evolução parece um imenso disparate. (Mas, se for usar essa conclusão para criticar a evolução, atente: as críticas usuais, de quem simplesmente não compreendeu o assunto, se assemelham muitíssimo às infantis).

De qualquer forma o sadismo parece permear, em baixo grau, toda a sexualidade humana, embora se manifestando intensamente apenas em alguns. Também me chama atenção a teatralidade dos sadomasoquistas afeitos a fantasiar cenas eróticas mais detalhadamente que outros, tanto simbolicamente com respeito aos enredos das ações, quanto materialmente, venerando frequentemente a composição de cenários e vestuários.

\* \* \*

## Considerações sobre a sexualidade feminina: reflexões sem pé nem cabeça

A espécie humana é bastante peculiar, muito diferente de todas as outras. Os estudiosos do assunto, tradicionalmente toldados por considerações moralistas e religiosas, costumam atribuir tais diferenças à racionalidade humana, ao nosso grande cérebro; parecem querer se sentir sobrenaturais e sumamente inteligentes, acima e além de toda a animalidade.

Penso que somos simplesmente macacos, peculiares, certamente, como todas as outras espécies, e, no entanto, apenas grandes símios. Também não acho que nossa principal peculiaridade, a singularidade que nos torna humanos, seja nossa inteligência descomunal, muito menos nosso cérebro. Penso haver uma peculiaridade humana muito mais significativa que essa, muito mais relevante para toda a nossa evolução.

Ao contrário do que ocorre em todas as outras espécies, nossas fêmeas não entram no cio, não passam por um período de enlouquecimento sexual contrastante com uma normalidade assexuada, mas diluem o cio por toda a existência adulta.

Em todas as outras espécies, as fêmeas passam por um período nitidamente marcado de cio, quando se tornam sexualmente receptivas. Fora desse período, não admitem nenhuma ousadia dos machos, não permitem, incondicionalmente, as cópulas fora do prazo. Assim, uma leoa não permite, em absoluto, que o leão, monstro amedrontador, a agarre fora de hora, nem a elefoa consente que o gigantesco macho monte sobre ela fora do cio, bem como as macacas, as ursas, ou quaisquer outras fêmeas que evoquemos.

As fêmeas humanas, as mulheres, no entanto, tornam-se sexualmente receptivas, quando adultas, iniciando um único cio longo e contínuo que perdura toda a sua longa existência, um espanto. Apenas elas se comprazem com o sexo fora do período reprodutivo.

Pode-se imaginar o alarde causado pela primeira mulher, interessada em machos durante todo o tempo, e não, apenas, durante uns poucos dias, entre uma gravidez e outra. Enquanto todas as outras fêmeas mostravam-se receptivas apenas durante uma semana a cada ano, ou dois, a primeira mulher, a verdadeira Eva, saciava os machos durante o ano inteiro, angariando, assim, um poder sem precedentes. Protegidas por enorme coorte de machos apaixonados, a mulher, e suas filhas, acabaram imperando, impondo sua sexualidade exacerbada na espécie que, incidentalmente, é a nossa.

Imperioso notar que não se tratou de uma decisão. Não ocorreu à primeira mulher se entregar aos machos durante qualquer período, isso seria extremamente incômodo para todas as outras fêmeas; tratou-se de desejo, de uma vontade irresistível implantada em seu âmago. Não cabia às outras fêmeas imitar a mulher, era-lhes impossível forçar um desejo que, simplesmente, não possuíam.

Podemos especular as consequências dessa revolução. Creio que as fêmeas usuais simplesmente enlouquecem durante o cio. Embora assexuadas durante todo o restante do tempo, durante esse curto período anseiam por sexo desesperadamente; enlouquecidas durante o cio, necessitam, com avidez selvagem, de um macho, ou de muitos. Embora alijada dos jogos sexuais durante todo o restante do tempo de sua vida, nos breves períodos de cio tornam-se governadas, quase exclusivamente, pelo desejo sexual, pela busca de um macho.

A mulher, no entanto, permite que os machos a cortejem durante todo o tempo, permitindo,

eventualmente, a consumação do ato sexual, a finalidade última e definitiva da corte. Liberta da compulsão, da premência imposta pela exiguidade do período de cio, a mulher pode avaliar e escolher seus machos.

Talvez os trogloditas mais rústicos recebessem menor acolhida que os mais galantes e eloquentes, propiciando assim o desenvolvimento da fala.

Creio que tenha sido a pudicícia dos estudiosos que atribuiu à palavra, à fala, a função precípua de facilitar a caça, atividade eminentemente silenciosa. A fala é de domínio feminino, falamos para nos exibir para nossas fêmeas, para cortejá-las. Buscamos as sonoridades que lhes agradam, articulamos os sons que as atraem. A humanidade é uma obra feminina.

\* \* \*

## Uma sinfonia erótica

Mona tinha dezenove anos e um namorado que queria casar com uma virgem. Mas o casamento não acontecia e sua bocetinha começava a se insubordinar, ansiando por algo que ela bem sabia o que era.

Quando muito novinha, morando em uma chácara, costumava espreitar o vizinho, pela cerca. Diariamente, no mesmo horário aguardado ansiosamente por ambos, o homem ia rastelar o quintal e, fingindo não perceber a menina oculta atrás da cerca, colocava o pau para fora, e o acariciava por certo tempo. O ritual excitante se repetiu por uma longa temporada.

Mas os anos passaram e Mona permanecia intacta e cada vez mais incomodada com esse fato, apesar da postura taxativa do namorado: queria se casar com uma virgem.

Certo dia, Mona percebeu o olhar cobiçoso de Paulo, um rapaz muito rico. Contou o sucedido a uma amiga galinha, que apostou que ela não conseguiria ficar com o rapaz. A moça então usou um conjunto de artimanhas para se aproximar do jovem, conseguindo assim ficar sua amiga.

Um dia, os dois saíram, e a moça bebeu muito; ele cuidou dela, levou-a para casa, mas a bebida tinha sido excessiva, a moça vomitou. Tendo ido ao banheiro lavar a si e às roupas, descuidadamente, deixou a porta aberta. Talvez tenha sido a visão da moça só de calcinha que fez o rapaz percebê-la como mulher. Em seguida, os dois amigos se viram muito próximos, começaram a se beijar, e logo estavam nus.

Ocorreu, no entanto, que o rapaz tinha uma trolha descomunal, por mais que tentassem, por mais que forçasse, o bicho não entrava; doía muito, não havia jeito de enfiar a trolha imensa. Apesar de não ter entrado, a menina ficou dolorida por uns 3 dias.

No fim de semana seguinte o rapaz, que não morava na cidade, voltou para terminar aquilo que

havia iniciado, apesar dos planos, não conseguiu completar seu intento em virtude do tamanho colossal de seu trabuço. Então, as contingências levaram a moça para longe; foi estudar em outra cidade. Só se reencontraram um ano depois, para viver momentos de enorme excitação.

Tendo se encontrado, tinham que terminar o que haviam começado um ano antes. Talvez tenha sido uma espécie de vingança pela demora, ou sadismo, ou ambos, mas o cara colocou a gostosinha na posição de frango assado e enfiou-lhe a trolha descomunal sem piedade! A gostosa gozou alucinadamente com a penetração insana, se deliciando com a dor intensa na boceta gulosa, intensa a ponto de encobrir dor menor, e nem, de fato, notada, ou relevada, causada pelos dois dedos a se enfiar em sua bunda enquanto a trolha a penetrava violentamente até o seu âmago, uma glória.

\* \* \*

A longa espera me chama atenção na história de Mona; um ano a aguardar a finalização de algo tão alucinante, coroada, finalmente, pela dor. Que dor insana teria encoberto outra, a de dois dedos rasgando seu rabo, a ponto de fazê-la parecer apenas um tempero, uma leve informação adicional, um adorno harmônico ao solo brutal executado com a trolha.

Fico a pensar em nossas artes tradicionais, e seus fortes apelos aos nossos sentidos. A pintura e demais artes visuais impressionam nosso olhar, e assim nos encantam. A música nos invade pelo ouvido, nos compele ao seu ritmo, nos embala. Artes tácteis, compostas, não por cores, nem por notas musicais, mas por sensações tácteis, são, hoje, apenas esboçadas. Talvez não tarde o surgimento de galerias de artes tácteis, onde o visitante receberá um conjunto de impressões em sua pele, sensações ímpares se sucedendo em seu corpo.

A iniciação de Mona se assemelha a uma contundente sinfonia táctil. Ou melhor, dolorosa. Talvez as dores sejam matizes do tato, correspondentes a cores, ou a elementos sonoros. A sinfonia táctil composta por seu amante se inicia suavemente; inúmeras carícias percorrem toda a pele do corpo, se sucedendo como acordes sinfônicos a preludiar os solos centrais. Em um crescendo, as carícias suaves cedem lugar à violenta e dolorosa penetração, permanecendo apenas como ornamentos harmônicos para o solo. As dores se sucedem, intensas e excitantes. Arrebatadoras! O ritmo forte da penetração, marcado pela dor aguda preludia o *grand finale* extasiante, a loucura, a explosão intensa, descontrolada e libertadora. Gloriosa!

\* \* \*

Uma moreninha muito confiante

A moreninha era muito novinha quando começou a namorar; aos 13, os agarramentos eram muito gostosos, provocavam sensações novas e deliciosas, e foram ficando cada vez mais apertados. O pequeno casal se beijava e se abraçava no quintal da casa, na cozinha, coisas de criança, mas os dois passavam grudados o tempo todo, não queriam outra vida.

Inebriados um com o outro, e com as estranhas sensações que descobriam juntos, iam intensificando as carícias, pegando aqui e ali, apalpando partes proibidas de um e de outro, provocando enorme prazer.

Costumavam ficar de pé se esfregando um no outro, apalpando, friccionando isso naquilo, sofregamente, cada vez mais intensamente. Por vezes a menina deitava a cabeça no colo do menino. Certa vez a coisa escapuliu do short dele, e nesse momento e a menina chupou gulosamente o instrumento de prazer que o menino lhe oferecia.

As esfregações cada vez mais intensas passaram a permitir que o pau duro fosse aos poucos penetrando a bocetinha. Não aconteceu de uma vez, foi entrando a cabecinha, depois um pouquinho mais; no dia seguinte a penetração era ainda maior, quando a menina percebeu o menino estava enfiado dentro dela. Não houve, assim, uma primeira vez, mas um conjunto de vezes, repetidas constantemente, sempre mais aprofundadas, até a penetração total.

A moreninha também se recorda intensamente de um momento único. Certa vez, anos depois do referido idílio, como lhe parecia natural, pegou carona em um caminhão. Embora pequenina e magrela, a moreninha acredita poder controlar os homens, e não os teme; não admite que a toquem sem seu consentimento.

Por algum capricho, resolveu dar para o caminhoneiro, mesmo ele não possuindo atrativos especiais, coisa de momento. Disse-lhe umas coisas provocantes: que não se pedia permissão a uma fêmea, que uma mulher tinha que ser agarrada, arrebatada. Um tempo depois o motorista parou o caminhão, fechou a cortina e mandou ver, seguidamente, por 3 horas. Nunca mais ela o viu.

\* \* \*

Pareceria natural, devido às proibições, que relatos como o do pequeno casal fossem mais frequentes, e que as coisas acontecessem aos poucos, mas para mim esse relato foi único. Minha surpresa com o fato decorre exclusivamente de sua raridade, tudo o mais me parece bastante esperado.

Já o caso com o motorista me surpreende por um dado aspecto, na verdade, bastante comum. De todas as lembranças da moreninha, a mais marcante, se dá dessa maneira inesperada. Tendo, no entanto, vivido momentos tão intensos, a moça deixa escapar a oportunidade de um reencontro, de uma repetição do momento de maior sensualidade ocorrido em sua vida, um paradoxo.

Também eu me recordo de algumas moças que só encontrei uma vez, e que foram muito marcantes; provavelmente o leitor tem lembranças análogas. Podemos suspeitar que tal fato seja imensamente comum, e que sejamos acometidos por algum tipo de idiotia após tão maravilhosos encontros, que nos faz perder qualquer conexão possível com a fonte de nosso encantamento. Que outra explicação, que não a pura idiotice, haveria para uma perda tão tola e injustificável?

Talvez, por outro lado, nossa memória conspire para tal reconstrução de nosso passado. As lembranças das namoradas com as quais ficamos mais tempo tendem a ressurgir em bloco, diluindo o calor dos primeiros momentos, e de outros igualmente intensos vividos com cada uma delas, os que justificaram a proximidade, em uma infinidade de situações cotidianas bastante mornas. Assim, talvez seja apenas a nossa memória que reconstrói o passado desse modo, ressaltando momentos únicos, dando-lhes relevo indevido frente a outros que decidimos aproveitar e manter.

Embora possivelmente ruim, a última explicação nos reabilita, impede que nos retratemos como tão grandes idiotas que, afinal, talvez sejamos.

\* \* \*

Com naturalidade

Júlia tinha 15 anos e estava encantada pelo namorado. Perto de onde moravam havia uma casa em construção, lugar sugestivo para um namoro desenfreado.

Era um dia frio, e o namorado compreendia melhor do que ela o que estavam fazendo. Guiada por ele, e imersa em tesão, tirou a calcinha, levantou a saia, virou de costas e apoiou ambas as mãos na parede, inclinando o corpo ligeiramente.

Por trás dela, entre beijos ardentes, o namorado posicionou seu pau duro, e foi enfiando de uma maneira deliciosa e impossível de conter. Quando percebeu, ele já estava dentro dela, fato consumado, restava usufruir a delícia. E assim o fez.

\* \* \*

Uma variação do tradicional “deixa eu enfiar só a cabecinha”, como o bicho não tem pescoço, o seguinte roteiro se torna bastante recorrente: a moça contrapõe fortíssimo desejo à convicção de que ele deve ser freado. O rapaz quer ir além, vai forçando; se consegue transpor a barreira, a moça, então, se vê no seguinte dilema: ela não queria deixar, mas foi forçada; estava mesmo fazendo algo proibido, não poderá se queixar. Também não tem mais volta. Resta então aproveitar, que, afinal, é o que deseja. Desse modo, por fim tudo se encaixa, aliás, de maneira deliciosa.

\* \* \*

## Postura ereta

Nossa postura ereta é muito ruim para uma série enorme de atividades vitais, especialmente devido à redução imposta por ela em nossa velocidade. Em vista disso, os antropólogos veem, há décadas, tentando buscar justificativas para a aquisição dessa maneira por parte de nossa espécie. Para isso, aventaram supostas vantagens na capacidade de avistar feras à distância, embora mais valesse poder correr delas quando chegassem.

Em vista da implausibilidade de proposta tão pouco convincente, sugeriram a vantagem obtida com a liberação das mãos e dos braços obtidas com a nova postura, o que permitiria carregar artefatos e bebês, cada vez mais dependentes.

Penso que, uma vez mais, a visão dos pesquisadores foi eclipsada por pudores exagerados. Penso que a sexualidade, fenômeno importantíssimo a reger a vida dos seres mais complexos, teve papel preponderante na aquisição de mais essa característica humana.

Tenho poucas dúvidas de que a principal vantagem dessa característica tão absurda, que nos coloca entre os animais mais lentos de nosso porte, superando apenas preguiçosos absurdos como tartarugas, bichos preguiça, coalas e pouquíssimos outros, seja sexual! Adoramos esse nosso tipo petulantemente ereto. A curvatura do corpo acarreta forte atenuação em nossos atrativos sexuais. Devia causar efeito a maneira petulante com que os eretos eram forçados a encarar as feras, não tendo conseguido fugir delas.

\* \* \*

## Branca

Aos 16, Branca tinha um namorado. Estavam em uma cidadezinha, uma vila, onde a família tinha casa de veraneio. Namoraram o dia inteiro, mas à noite, ela e a prima foram para a praça, onde conheceram dois caras. Ficaram a noite inteira por lá, e acabaram acontecendo uns beijos.

Passou o dia seguinte com o namorado, mas à noite deu um jeito de dispensá-lo e saiu para procurar o recém-conhecido; foi encontrá-lo na casa dele, onde morava com os pais; saíram. Fora de casa ele a beijou longamente. Beijou, beijou. Por longos minutos ele a beijou. Quase não trocavam palavras, trocavam beijos e isso bastava.

Depois ele a tomou pela mão e a guiou até um bar deserto na beira de uma lagoa. Chegando ali, novamente, ele a beijou profundamente. Substituía, com vantagem, as palavras por beijos.

Depois de mais um longo beijo o homem ajeitou a menina encantada em um coqueiro à margem da bela lagoa. O coqueiro se inclinava levemente, o suficiente para amparar o corpo da menina. O cara então a pegou pelas coxas e acomodou seu corpo no coqueiro, as pernas levemente abertas dos lados da árvore, o corpo recostado ao tronco. Posicionou-se sobre ela pressionando-a intensamente e voltou a beijá-la.

Depois de longos beijos ele pegou a mão da moça e colocou sobre seu pau duro. De família evangélica, ela nunca havia segurado um pau, sentiu-o grande, grosso e duro; nesse momento ela já sabia o que iria acontecer.

O homem a imergia em beijos profundos, era esse o seu diálogo. Percorreu sua mão pela coxa até atingir a boceta surpreendentemente molhada. A menina não tinha tido ideia do quanto estava encharcada. Ele a sentiu deliciosamente.

Ela pensou em doença, em filho, na família tradicional, tentou dizer não, mas o homem cobriu seus lábios com o dedo em sinal de silêncio calando-a com beijos profundos. Retirou do bolso uma camisinha enquanto ela ainda segurava seu pau duro. Colocou a camisinha, pegou a moça pelas pernas e foi entrando deliciosamente. Doeu para entrar, mas era tão gostoso que a dor logo passou, levando a menina ao gozo.

Nunca mais ela encontrou o homem do qual tem tão deliciosa lembrança. Tentou continuar o namoro com o outro, mas logo se desentenderam.

\* \* \*

Um curioso momento de encantamento animal. Ao que parece os dois quase não se falaram, a comunicação entre eles foi toda táctil, e, provavelmente, é essa a que, de fato, importa para que os corpos se entrelacem.

Além do silêncio, duas outras peculiaridades surpreendem nesse caso: a moça tinha um namorado, passava quase todo o tempo com ele, mas preferiu se deixar levar pelo desconhecido. Posteriormente, tendo vivido momento tão intenso e marcante, nunca mais voltou a procurá-lo, fato que, hoje, julga inexplicável; ela me diz que adoraria reviver aquele momento com ele.

E foi assim que a moça ludibriou o namorado para ir atrás do desconhecido silencioso que a deflorou, e que nunca mais tornou a encontrar.

\* \* \*

## Uma estranha incompreensão

Aos 12 anos, a precoce Moreninha tinha um namorado de 17. Terminaram o namoro e logo o safado estava com outra. Para se vingar, a menina resolveu ficar com outro carinha que dava em cima dela insistentemente. Foi até a casa dele.

Chegando lá, o cara, também de 17, como o outro, lhe ofereceu lança-perfume. Enquanto estava doidona, ele ia se aproveitando, pegando aqui e ali o corpo da menina, o que a desagradou, a princípio. Mas a estranha atmosfera do momento acabou envolvendo-a, e se deixou levar para o quarto.

Lá ele a deitou na cama e perguntou se ela era virgem. Então foi tirando a roupa da menina, tirou sua calcinha. Ela costumava ficar peladinha com o namorado anterior. O cara então abriu as pernas da menina, posicionou-se acima dela, ofereceu-lhe o pau duro e pediu para que ela o encaixasse na boceta. Ela estava doida para que aquilo acontecesse, encaixou e ele enfiou, penetrando-lhe a entranha. Foi bem gostoso, mas ela achou que ficou faltando algo.

O cara morava longe, e, só no fim de semana seguinte a menina pode voltar em sua casa. Lá ele a ensinou a chupar; apresentou-lhe o pau duro e pediu que colocasse a língua para fora, enquanto segurava sua cabeça na posição desejada. Conduzia a chupada conforme seus desejos.

Depois a comeu com avidez, enfiando-lhe o pau vigorosamente fazendo-a gemer enlouquecida até gozar.

Mas então, o escroto rompeu o idílio brusca e estupidamente, tratando a menina como uma puta, e humilhando-a profundamente. Sordidamente, o infame a traumatizou de um modo que a menina só voltou a dar muitos anos depois, aos 16.

\* \* \*

Somos uns bichos estranhos e paradoxais. O cara pega a menina virgem, uma criança aos 12, aliás, e a droga com lança-perfume. Depois come a menina. Na semana seguinte a põe para chupar o pau e a come com sofreguidão. Mas, em seguida, a repele com veemência. Tendo recebido a menina que se entregara inteira para ele, tendo usufruído seus carinhos, seu corpo, ele a repudia.

Assim, o rapaz a assedia insistentemente, por longo tempo, até conseguir a entrega da moça; mas então a menoscaba contundentemente, a humilha profundamente; vilipendia a menina confundindo-a infligindo nela enorme repulsa por toda a sexualidade. Estranha paga por carinhos.

O comportamento do idiota é injustificável, completamente absurdo. Fosse a condenação aplicável, e deveria ter sido anunciada previamente. Mas ela chega junto com a pena, julgada e executada pelo próprio coautor do suposto crime, uma barafunda.

Tendemos a condenar o idiota que, certamente, também é vítima da própria confusão, de um desentendimento social que não é só dele. Poderia ter ganhado os carinhos e doces lembranças da menina; conseguiu sorver amargo rancor, sua retribuição à doçura. Em que amargura o idiota deve ter naufragado por uns longos anos. A sordidez, frequentemente, se condena a si mesma.

Para a moça, a dulcíssima lembrança, tão marcante, acaba varrida, aviltada, entrelaçada estupidamente pelo desentendimento do idiota, uma lástima.

\* \* \*

## Um anti-címax

Carla tinha 15 anos quando, em uma festa da escola, ao descer uma escada, tropeçou e caiu nos braços de um colega. Nunca tinha havido nada entre eles, mesmo assim, o contato produziu uma magia momentânea que tomou conta dos dois; beijaram-se apaixonadamente.

Embora perplexa e abalada com o acontecido, Carla não quis repetir o idílio, queria outro rapaz. O jovem, no entanto, desejava sentir aquilo novamente. Seduzido, encantado pelos beijos, pelo corpo da menina em contato com o seu, buscava avidamente renovar as sensações provocadas pela moça.

Nos dias seguintes, ele a procurou, pressionou, insistiu, mas a moça pensava mesmo em outro, não queria mais ninguém, disse isso ao rapaz. Ele então aproveitou a confissão para chantageá-la; obrigou-a a ficar com ele, ou contaria o ocorrido ao outro.

Aturdida, as sensações se embaralharam. O temor gerado pela ameaça se misturava a um desejo cada vez mais intenso. Ansiosamente, o rapaz exigia mais que beijos, e a chantageava. Emoções antagônicas e intensas se apossaram da moça. Passou a evitar o rapaz, pararam de se falar, até que moça foi relaxando, imaginando que ele havia esquecido o acontecimento.

A tranquilidade obtida com o término da chantagem levou embora também a excitação causada por ela. Dias depois, na saída, da escola, Carla percebeu que o rapaz a havia esquecido. Desalentada, quase ultrajada, resolveu esperar por ele. Não saiu da escola, como fazia sempre; mostrou a ele que permanecia lá. Mesmo assim, ele a deixou para trás e se foi. Mas a esperou no caminho, logo na saída da escola, oculto entre as árvores por onde sempre passavam. Minutos depois, quando a moça atravessava o local, ele a abordou; ela parou de caminhar, o corpo gelado, a mente confusa, assaltada por emoções muito intensas. Ele disse que queria repetir o ocorrido anteriormente, e que sabia que ela também queria. Ela recusou, não podia fazer aquilo, ele era louco. Então ele se aproximou ainda mais e lhe disse ao ouvido: — eu sei que você quer, não adianta negar! A moça ficou sem voz, à espera, até que ele a beijou, a agarrou novamente.

Sensações paradoxais agitavam intensamente a menina, a vontade louca de permanecer agarrando o rapaz era contraposta por uma forte repulsa que a fez se afastar. Ele perguntou: — o que foi? A menina disse que não podia, que gostava de outro. Isso o enlouqueceu, disse não acreditar. Enraivecido ele ameaçou: — ou vem comigo, ou eu conto tudo pra ele, e pra toda a escola ouvir!

Desesperada, a moça disse que ele não podia fazer aquilo com ela, que eram amigos; ele disse que eram bem mais que amigos e que ela sabia bem disso. A moça acabou cedendo e se deixando levar até a casa dele; nesse momento já sabia o que aconteceria.

Não havia ninguém em casa; o rapaz passou a beijá-la avidamente. Ela tentou repeli-lo, mas acabou incendiada pelos beijos. Um tirou a roupa do outro, e foram para o quarto, ele só de cueca, ela só de calcinha. Mas então ocorreu um anticlímax. Ele a penetrou instantaneamente, sem preliminares. A moça o sentiu dentro dela, sem ao menos ter tido tempo de se acostumar com a ideia, de sorver a sensação. Quando viu, ele já havia invadido seu corpo. Ele continuou bombando forte, até gozar, rapidamente. De certa maneira, ela só assistia, foi ruim, um completo anticlímax.

Toda a história é permeada pela ameaça, pela chantagem, mas, provavelmente, é esse o seu grande tempero, seu ponto de sustentação. Creio que a menina não teria ficado tão fortemente excitada, não fosse a chantagem, suspeito ter sido esse o grande condimento erótico da situação, tempero ácido e amargo, mas intenso e picante.

Há também um estranho componente de rejeição: enquanto desejada, a moça repeliu o assédio, quando esquecida, o buscou, ela mesma. Enquanto conversávamos, tive a sensação de que moça tinha muita clareza da situação, enxergava detalhadamente toda a confusão protagonizada por ela mesma, acho que nunca perdeu o controle, e talvez tenha ela comandado, guiado todos os passos do acontecimento, conduzida pela enorme excitação que se deleitava em alimentar.

Faminto e inconsciente, o jovem devora o delicioso banquete em um só bocado, impossibilitando que a moça saboreasse tão doce momento, coisas da juventude, coisas da paixão. Mas uma grande trapalhada.

\* \* \*

Carol

Aos 14, Carol já era uma moça decidida, e já brincava com o namorado de maneiras bem adultas. Certa vez, em seu quarto, enquanto ele chupava sua boceta, a menina perguntou: quando está me chupando assim não sente vontade de me comer, não? O rapaz disse que sim, e permitiu que ela o posicionasse deitado com o pau duro apontado para cima.

Ela então segurou o bicho, posicionou-se adequadamente sobre ele e sentou-se de uma vez! Foi quase um estupro. A moça engoliu a trolha de uma só vez, enquanto o jovem permanecia quieto, deitado, a se deliciar com tudo aquilo.

\* \* \*

A maturidade dessa moça me espanta. Posso apostar que ela dominou toda a situação desde o início do namoro, controlando cada nova etapa introduzida no namoro, determinando cada novo elemento a ser incorporado aos agarramentos, conduzindo, até o momento da penetração, cada pequeno detalhe da dança dos dois corpos igualmente ávidos.

Talvez a única coisa paradoxal nessa história seja o fato de não haver nela nenhum paradoxo. Mas, evitemos procurá-lo com excessivas minúcias.

\* \* \*

## O paradoxo de Zenon

Talvez tenha sido Zenon de Eleia o primeiro a dar a devida atenção aos paradoxos. Seu mais famoso argumento, o paradoxo de Aquiles e a tartaruga, trata de uma situação bastante banal, mas, vejamos:

Aquiles corre para tentar ultrapassar uma tartaruga em fuga, mas o fará em vão, argumenta Zenon. Por mais rápido que ele seja, quando atingir o ponto em que a tartaruga se encontra nesse momento, ela já terá saído dali, tendo atingido outro lugar. Quando Aquiles chegar a esse outro lugar, novamente a tartaruga já terá saído dali, e assim, sucessivamente. Sempre que ele atinja o ponto onde ela estava antes, já terá saído de lá, de modo que Aquiles nunca ultrapassará a tartaruga!

O absurdo do argumento é patente: sabemos o que ocorrerá. Mas a estranha descrição do evento parece perfeita, passo a passo.

Já foi sugerido que tal raciocínio implicaria a indivisibilidade absoluta do tempo, ou do espaço. Desse modo, o menor dos passos de Aquiles seria suficiente para superar a tartaruga.

Ao que parece, no entanto, o engenhoso argumento propõe uma sutil confusão, suficiente, no entanto, para garantir a barafunda, e as discussões milenares.

Pensa-se hoje que a conclusão correta para o argumento seria: de modo que, assim, o tempo nunca passará. De fato, o argumento implica uma sucessão de intervalos temporais cada vez menores; tão ínfimos que sua soma infinita e total, não atinge o pequeno intervalo de tempo necessário para que Aquiles supere a tartaruga. Disfarçadamente, Zenon impõe a sua descrição uma limitação temporal. Nela o tempo para, enquanto suas palavras continuam a descrever o fenômeno.

Resta conferir como uma soma infinita seja tão pequena, mas lá se vão outros paradoxos...

\* \* \*

## Uma menina apaixonada

Karina morava em uma área rural e, naturalmente, ia a pé para a escola, usualmente, com um rapaz mais velho que ela, de 16, por quem era encantadíssima. No meio do caminho costumavam ficar; ele a beijava, abraçava, pegava, apalpava, e seguiam para a escola.

Um dia o rapaz teve aulas em outro horário. A menina foi só para a escola, mas, estando em sala de aula, recebeu a visita de um terceiro colega. Pela janela, comunicou que o outro a estaria esperando no horário de saída, em um local relativamente distante, deixando com ela a bicicleta para chegar lá

rapidamente.

Ao final da aula, muito alegre, a menina se dirigiu para o local especificado, onde encontrou os dois. Ali, o rapaz a convenceu a se embrenhar por uma trilha pouco utilizada, onde poderiam ficar mais à vontade, enquanto o outro vigiava para ver se ninguém entrava pelo mesmo caminho.

Entusiasmada e inocente, deu a mão para o rapaz que a levou até as ruínas de uma casa. Chegando lá ele começou a beijá-la de um modo muito mais intenso que de costume, o que a surpreendeu, encetando nela certo nervosismo; não sabia o que ele pretendia, mas tinha certas desconfianças. Entre beijos e carícias intensas, ele conduzia as mãos dela pelo seu corpo, ensinando a acariciá-lo.

Então, ele a surpreendeu perguntando se ela queria perder a virgindade. Apesar da inocência e do nervosismo, ela desejava muito aquilo, gostava muito dele, disse que sim.

Ela se lembra com enorme clareza, “como se fosse hoje”, quando o rapaz tirou sua camisa amarela, velhinha, e a estendeu no chão, sobre as folhas secas, e a deitou sobre ela. Vagarosamente, entre beijos, tirou sua calça. As mãos e a boca do jovem percorriam todo o corpo da menina, seus peitinhos, embora ela não permitisse tirar a blusa.

Em certo momento, ele se ergueu e, de joelhos, enquanto ela o observava atenta, colocou a camisinha. Em seguida, com os dele, abriu os joelhos dela e se deitou sobre o seu corpo. Ele a beijava, acariciava, quando pegou seu pau imenso e o posicionou para enfiar na bocetinha ávida. Ele tentava enfiar aquele bicho imenso na menina, mas em vão, doía mas não entrava. Então ele resolveu mudar de posição, e se deitou sobre a blusa, pedindo que ela se sentasse sobre o seu pau. Quando começava a entrar doía muito, e acabava saindo. Ele disse que seria preciso passar daquele ponto, mas a dor intensa impedia que isso ocorresse.

Ela se empenhava inutilmente na tentativa de penetração, que a dor intensa impedia, até que ele segurou seus quadris com firmeza e a puxou para si, enfiando-lhe o pau brutalmente e fazendo a menina se contorcer de dor.

Passada a dor mais aguda, começaram a usufruir a nova sensação e resolveram voltar à posição original, mas então a menina percebeu o outro rapaz no alto de uma árvore assistindo ao espetáculo. Os dois broxaram instantaneamente, mas fingiram não ter percebido nada, parecendo terminar normalmente.

Depois retornaram para casa, os dois amigos na frente, para disfarçar; ela em seguida, com a bicicleta do outro, para chegar mais rápido. No caminho o banco incomodava a boceta inchada e dolorida.

No dia seguinte o xereta foi procurá-la para pedir desculpas. Disse que já sabia das intenções do outro, e que tinha sido extremamente excitante assistir a tudo.

Apesar do desejo intenso, enlouquecedor da menina apaixonada, ela só voltou a encontrar o rapaz quase um ano depois, excetuando o encontro bizarro, uma semana depois, no velório do pai.

Durante 5 anos ela permaneceu fiel ao rapaz, conseguindo dar para ele apenas meia dúzia de vezes, embora ele pegasse todas as moças da região.

\* \* \*

Posso estar enganado, mas a leviandade do jovem me espanta. Sem nenhum interesse na pirralha, o

maroto dava-lhe uns pegas no caminho da escola apenas para afugentar o tédio. Os beijos de verdade, governados pelo pau, pareceram mais decorrentes de alguma aposta que de uma vontade real. O encanto da menina, no entanto, nos faz pensar na natureza humana, paradoxal, que tão frequentemente carrega nossa atenção exatamente para quem não nos deseja. Somos seres absurdos.

\* \* \*

Dani

A gostosa se ressentia de não ter tido grandes experiências sexuais. Teve a primeira com um mané muito conservador que se recusava a comê-la, e só o fez a custo, de modo que não poderia ter sido bom. Naturalmente, as tentativas subseqüentes também não foram empolgantes.

Terminaram o namoro há pouco, e ela ainda não encontrou ninguém depois. No entanto, ainda se lembra de um cara que havia conhecido pela rede de computadores, pouco antes de começar a namorar o mané. Vinham se vendo pela tela, e conseguindo toda a intimidade que tal contato permite, quando resolveram se encontrar de verdade.

Marcaram um encontro no centro da cidade, para onde ele foi ao sair da escola. Atrapalhou-se bastante para chegar ao local, mas quando chegou ele a esperava; beijaram-se e ele a levou para um bar; ela uma virgem inexperiente de 17 anos, ele um cara áspero e já com mais idade.

Chegando lá ele foi logo enfiando a mão por baixo da saia da menina; ele apalpava sua perna, pegava, sentia; ela enlouquecia com a ousadia do homem, com as sensações desconhecidas e com toda a atmosfera estranha para ela. A pegação a envolvia, a transportava; deixava-se ser levada pela sensualidade explícita, pela naturalidade com que o homem maduro a pegava e a sorvia. Foi com naturalidade que deixou o cara abrir dois botões de sua camisa e chupar seu peitinho na mesa do bar, tendo permitido, que, talvez, meia dúzia de fregueses tivesse admirado seu corpo. Mas ela se deixava levar inebriada pela naturalidade áspera e máscula do homem que a conduzia com firmeza e rispidez.

Em seguida foram para uma praça muito ampla, onde já se encontravam uns casais em franco agarramento. Ele foi logo enfiando a mão pela saia da gostosinha, conduzindo também os movimentos dela, suas mãos, sua boca, suas ações. Entregou-lhe seu pau duro para ela masturbar, enquanto massageava sua boceta molhada até ela gozar, delirantemente, sem se preocupar em abafar sua respiração arfante, ruidosa e descompassada, nem seus gemidos agudos. Quando o homem gozou em sua mão, a menina ficou perplexa, não esperava aquilo. Então o homem a fez chupar a porra da mão para que ela se acostumasse com o sabor.

Dias depois da experiência intensa, diferente de tudo o que a menina virgem já havia vivido, se encontraram novamente. Dessa vez ele a levou para um hotel barato no centro da cidade. Chegando lá, deu-lhe umas palmadas na bunda e em pouco tempo estava chupando sua boceta, e o fez intensamente, até levá-la a um gozo frenético. Em seguida mandou chupar-lhe o pau. Ele nada pedia, mandava e conduzia a menina conforme seus desejos. Prestes a gozar, o homem instruiu-lhe como proceder: disse para engolir a porra; devia abocanhar gulosamente o pau, colocando-o perto da garganta para receber o jorro diretamente e engoli-lo sem sentir nojo, e assim ela o fez,

obedientemente.

Depois ele quis comê-la, mas ela implorou que ele não o fizesse. O fato de ele não ter levado camisinha foi determinante para o impedimento; a convicção de que logo se encontrariam novamente também, certamente, pesou na aceitação.

Logo em seguida a menina começou a namorar o mané, e os dois nunca mais tornaram a se encontrar. Recentemente terminaram o namoro. Ela me conta que queria ser xingada, humilhada... estou querendo encontrar essa gostosa.

\* \* \*

Como todas as coisas têm dois lados, o namorado mané de Dani devia ter também seus méritos, e provavelmente era seguro e protetor, tendo lá suas qualidades, muito desejadas por outras moças. A mim parece, no entanto, que o desejo de Dani se volta exatamente para o extremo oposto; quer ser tratada de maneira rude, humilhada e comida brutalmente. Mais provável que oscile entre os dois lados, querendo sempre uma e outra face, antagônicas, da mesma moeda; frequentemente somos assim, querendo o lado oposto daquilo que temos.

\* \* \*

Uma antinomia de Kant

Milênios depois de Zenon, Kant reconstruiu outro argumento engenhoso e sutil que pode ser visto e analisado como versão do paradoxo proposto anteriormente pelo.

1ª antinomia:

Tese: «O mundo tem um início no tempo e é também limitado no espaço.»

Antítese: «O mundo não tem nem início nem limites no espaço, mas é infinito tanto no tempo como no espaço.»

Uma série infinita é, diz Kant, uma série que nunca se pode completar. Não é possível, então, que já tenha existido uma série infinita de mundos.

Este é o argumento em favor da Tese. Por outro lado, a Antítese é obtida pelo seguinte raciocínio: Se o mundo teve um início, houve um momento do tempo em que ele não existia. Se considerarmos esse “tempo vazio” em que o mundo não existia, todos os seus momentos se equivalem, não há nenhuma diferença entre eles. Então, o mundo não pode ter começado num desses momentos, em detrimento dos outros.

A tese não nega apenas a infinitude do tempo progresso, impossibilita também uma quantidade

infinita de mundos em um tempo finito, ou seja, pressupõe ou impõe um intervalo de tempo mínimo.

A palavra “nunca”, no entanto, explicita uma referência temporal; apresentados, um a um, os quadros de um filme infinito nunca chegariam ao final. Inversamente, partindo-se de um início infinitamente distante, nunca chegariam ao presente. Talvez, no entanto, pudessem se apresentar instantânea e simultaneamente, fora do tempo.

A antítese, por outro lado, pressupõe a existência do tempo anteriormente à do mundo. Pressupõe a existência de um tempo anterior ao surgimento do mundo, permitindo o seguinte raciocínio: tudo permanece idêntico ao momento anterior, no qual nada se alterou, portanto, nada se alterará no momento seguinte. Dessa maneira, a antítese nega a possibilidade do surgimento do mundo em um dado instante.

O raciocínio, então, parece impor o surgimento do tempo junto com o do próprio mundo, não podendo ter existido um tempo anterior à existência das coisas. De qualquer forma, assim como em um novelo de linha, parece ser mais fácil emaranhar o pensamento que desembaraçá-lo.

Louvemos o absurdo!

\* \* \*

Rita

Sua primeira tentativa ocorreu aos 15 anos, quando em uma raríssima oportunidade conseguiu ficar sozinha com o namorado; aproveitou a ocasião para ficar peladinha com ele, e namorar de verdade. Ele tentou penetrar na menina, mas não conseguiu. Em meio às tentativas estabanadas do casal virgem, quase foram surpreendidos pelos irmãos dela que chegaram bem na hora.

Passaram-se alguns meses até a realização de nova tentativa, quando ela já tinha 16. Dessa vez, após trapalhada inicial, a jovem tomou as rédeas, e sentou-se por cima do rapaz, conseguindo assim a penetração, passando a se movimentar no vai-e-vem usual.

Sua lembrança mais marcante remete a seu melhor amigo. Estava sozinha havia já muito tempo, e, como era normal, foi parar no quarto dele, o que costumava ocorrer com naturalidade e sem consequências. Certo dia, no entanto, estando em situação assim tão íntima, o envolvimento acabou acontecendo. Rita lembra que estava muito excitada, o que a levou ao final bem rapidamente. Quando isso estava para acontecer o rapaz pediu para tirar o preservativo e gozar na bunda da moça, que já estava de 4. Nunca tinham gozado nela sem preservativo, e isso foi muito excitante. Ainda tiveram mais uma única transa, desde então continuam apenas amigos, como ela o quer.

Rita ainda se lembra de outro momento especialmente significativo. Estava noiva quando conheceu um cara estranho e surpreendente pela rede; embora culto e belo, ele se apresentava como garoto de

programa. Moravam em cidades distantes, mesmo assim, após conversas constantes pelo computador Rita acabou se apaixonando pelo homem. Permaneceram longos meses encontrando-se apenas assim, através de imagens na tela.

Certo dia, ele acabou aparecendo na cidade onde ela morava. Pediu a ela que lhe indicasse hotel onde ficar; ela foi até lá conhecê-lo pessoalmente, mas nada significativo aconteceu em 3 horas de conversa. Só durante a despedida o homem, finalmente, lhe roubou um beijo.

3 meses se passaram até ele voltar à cidade. Dessa vez a recebeu de maneira explicitamente lasciva, estava só de toalha quando ela chegou em seu quarto; pediu licença para tomar um banho, e o fez com a porta aberta, à vista da moça. Depois foram para a cama, se agarraram muito e todas essas coisas. Posteriormente Rita casou com seu noivo, e os 3 permanecem em uma estabilidade muito feliz.

\* \* \*

Um sinal dos tempos, consequência da AIDS e, provavelmente, dos pudores tradicionais: para a maioria a camisinha está sempre presente. A finalização do lado de fora teria, penso eu, parecido extremamente antierótica, uma, ou duas décadas atrás, teria correspondido a uma interrupção fora de propósito, a um transtorno, quase certamente. Para o casal, no entanto, a manifestação do líquido acarretou uma significação especial, destacando o momento.

Talvez esse fato explique a razão de não terem se acertado. Tendo vivido seu momento erótico mais marcante com o amigo, por que não repeti-lo muitas outras vezes? Talvez porque o grande destaque do evento tenha sido mesmo a simples retirada da camisinha. Tempos estranhos.

A relação de Rita com seu amante me parece especialmente erótica, em contraste com a que, provavelmente, mantém com seu marido. De fato, o, inicialmente, noivo, e depois marido, só foi citado por ela para pontuar sua relação com o amante, ao que parece, muito mais importante para ela, que o outro.

Eclipsando por completo a presença do marido nas aventuras eróticas, o amante se apresenta como um personagem cinematográfico: um jovem senhor belíssimo, culto e bem sucedido, e ainda assim um aventureiro, um garoto de programa. A descrição sugere algum super-herói mascarado, com uma identidade secreta com a qual arrasta a moça para uma vida dupla, aventureira e prazerosa, em contraste com o cotidiano banal. Ele seduz a moça como em uma cena de cinema, idealizada, ensaiada e encenada como se produzida para as telas; um encanto irresistível.

\* \* \*

## Uma lembrança muito especial

Nina, uma menina virgem, tinha ido passar o fim de semana com as primas. Costumava ter bastante contato com a menor, pouco mais nova que ela, aos 14 anos, e menos familiaridade com a mais velha, de 16. Ao fim de um churrasco, quase na hora de dormir, a mais nova delas recomendou que a prima subisse para o quarto, e ficasse à vontade.

Tendo subido e entrado no quarto, penetrou o banheiro interno a ele, onde encontrou a prima mais velha tomando banho. O box de vidro permitia a visão absolutamente clara da cena: sob a corrente de água, a jovem se empenhava em comprimir seguidamente sua bocetinha, contorcendo corpo e rosto da maneira usual, compelida pelas sensações induzidas pelos dedos.

A cena surpreendente a imobilizou, compelindo-a a permanecer contemplando a prima que parecia não tê-la notado. Para seu espanto, no entanto, a outra não se abalou minimamente ao mirá-la nos olhos, minutos depois, permanecendo a manusear o corpo sem dar nenhuma importância à sua presença. Sob a água a escorrer do chuveiro, a prima massageava a boceta, acariciava o corpo e se contorcia de prazer, disparando na outra uma série de sensações análogas.

Enquanto permanecia estática contemplando a prima, sua própria bocetinha começou a dar sinais de vida, agitando-se; comprimindo-se e dilatando-se ao ritmo ditado pelos dedos da outra a estocar a própria xana. Como se conectadas por controle remoto, as contorções de uma manifestavam-se na outra; as sensações de uma induziam sentimento análogo na outra, manifestando uma sucessão de descobertas intensas que obrigavam a menina a permanecer parada observando a prima.

O ritmo de mãos e corpo foi se intensificando sob as águas cálidas do chuveiro, acompanhados por ligeiros gemidos e pela respiração cada vez mais intensa. Também a espectadora sentia sua respiração descompassar, também seu corpo exigia compressões e torções enquanto sua boceta parecia se derreter.

Após uma onda mais intensa ter acometido a moça e ecoado na prima, a jovem enrolou-se na toalha e saiu do chuveiro. Ao cruzar com a outra, ainda hipnotizada, estacionada à entrada do banheiro, comentou apenas que logo ela estaria fazendo a mesma coisa.

\* \* \*

Talvez nossas lembranças sejam reorganizadas de modo a fazer sentido posteriormente, o que mascararia certas excentricidades, encobrendo momentos outrora extremamente marcantes, mas depois inclassificáveis. É provável que ocorrências estranhas e fortemente significativas, quando vividas, venham a ser reclassificadas, posteriormente, entre as lembranças menores, devido simplesmente à nossa incapacidade de classificá-las de maneira condizente com sua importância no momento da ocorrência. Se assim for, talvez alguns de nossos momentos mais marcantes, vividos na infância e adolescência, acabem esquecidos, ou relegados a plano secundário, pelo simples fato de não se encaixar no esquema que usamos para classificar o mundo. Talvez esse relato acabe por perder importância no futuro. Duvido, no entanto, que as vivências futuras de Nina venham a ser intensas a ponto de justificar o deslocamento de tal recordação para um plano secundário.

\* \* \*

Marília

Marília e seu namorado tinham 14 anos, e ele já certa experiência, já havia provado da fruta. Enlouquecido, naturalmente, queria mais. Os dois já haviam conversado sobre o assunto, e a moça sentia que sua hora estava chegando sentindo-se suficientemente madura para isso.

Certo dia, enquanto estudavam, no quarto da moça, sozinhos na casa dela, o menino pediu um copo d'água; quando ela voltou, sentou-se ao lado dele. Ele bebeu e a beijou. Ela ajeitou-se, de costas para ele na cama, posição incômoda para beijar; virou-se então, para beijá-lo. Mas nesse momento perdeu o equilíbrio e se viu deitada na cama.

O rapaz também a viu naquela posição convidativa; acercou-se ainda mais dela e a beijou, apalpando seu corpo com as mãos. Deitada na cama, a menina sentia o namorado a explorar seu corpo e se deliciava, pela primeira vez, com a sensação provocada pela mão dele em seu peitinho.

O corpo do jovenzinho se derramava sobre a menina causando uma sucessão imensa de novas impressões estranhas e agradáveis, e uma compulsão intensa; a menina ia descobrindo novas sensações e se deliciando com elas, enquanto se deixava levar pelo prazer, embora assaltada por sucessivas ondas de medo que, talvez, a excitassem ainda mais.

Mantendo o corpo sobre o dela, o rapazote colocou a mão em sua perna, subindo vagorosamente por ela, em uma carícia deliciosa que denunciava sua intenção. O medo e a consciência do que estava por vir a paralisavam e a excitavam cada vez mais, enquanto sentia a mão subindo vagorosamente pela sua perna, até bem alto, quando o menino forçou a perna do short para fora, para observar o que havia dentro.

Após uma investigação ávida e minuciosa, ele olhou para o rosto da menina que se deixava levar pelos prazeres do momento, sorvendo cada detalhe da cena, cada movimento do jovem, acompanhando o seu olhar, sua respiração descompassada. A menina quase se afogou quando ele a olhou no rosto; sentiu-se paralisada, petrificada; mesmo assim tirou a camiseta.

O menino tratou logo de tirar o sutiã da moça, e quando o fez pareceu estranho, transbordando uma avidez incontenível. Então ele a abraçou, e, pela primeira vez ela sentiu o delicioso contato da pele de outro corpo no seu. Em seguida ele chupou seu peitinho prolongadamente, até que, um movimento dela, feito com o intuito de ajeitar a posição, interrompeu a chupada deliciosa.

O rapaz então começou a tirar o short da moça deixando-a apreensiva por sentir uma umidade intensa que considerou imprópria. Embora muito molhadinha, a excitação superou a vergonha, impedindo a interrupção do idílio. A menina estava muito preocupada com sua própria umidade; temia que aquilo fosse impróprio, desagradável. Mesmo assim, envolta em excitação, deixou que ele tirasse sua calcinha e tocasse a boceta molhada. A apreensão devida à umidade de seu corpo se foi após alguns segundos sem que ele dissesse nada sobre o assunto. Como ele nada dissesse, a menina logo perdeu a vergonha e entregou sua bocetinha para a exploração do rapazote.

Ele permanecia explorando a boceta com enorme curiosidade, subindo e descendo o dedo, como se estivesse a procurar pela entrada. Quando a encontrou, a menina perdeu o ar.

Ao recuperar a respiração a menina resolveu tirar a cueca dele, que parecia estranha, contendo um volume desconexo em seu interior. Ao retirar a cueca do moço, no entanto, o que viu a assustou; nunca tinha visto um pau duro, pareceu-lhe excessivo.

A visão daquele bicho ameaçador produziu impulsos antagônicos; queria fugir, amedrontada, ao mesmo tempo em que se via imersa em tesão, e desejosa de possuir aquele trabuco imenso.

Cuidadosamente, temendo machucá-lo, a menina pegou o pau, e o fez com extrema cautela, como se se tratasse de objeto extremamente frágil.

Achava que devia chupar o bicho, mas o fez tão cautelosamente que apenas o lambeu, sempre temendo ferir, ou magoar o trabuco.

Em seguida ele foi para cima dela, tentando se encaixar. Marília sabia que algumas de suas amigas já haviam tentado sem êxito, concentrou-se então em manter a calma e deixá-lo invadir seu corpo, o que se revelou impossível devido ao forte tesão, à compulsão avassaladora que tomava conta de seu corpo.

Algo, no entanto, parecia não se encaixar corretamente, então o jovem começou a chupar a bocetinha da menina, derretendo-a completamente. Aquilo a enlouqueceu, ele parecia prestes a engoli-la. A menina já se sentia à beira da morte quando ele voltou para cima dela, se encaixando na boceta, forçando a entrada vagorosamente. A menina sentiu uma dorzinha enquanto ia sendo penetrada. O jovem percebeu quando ela fez uma careta de dor, não tão intensa a ponto de fazê-la querer parar; e depois, ficou indo e vindo deliciosamente.

A excitação desse delicioso momento talvez tenha sido superada por outra, uns dois anos depois, no banheiro da escola, quando a moça se trancou com seu namorado em uma das baias, enquanto a movimentação das pessoas que entravam e saíam do banheiro aumentava a excitação dos dois, fazendo com que o rapaz a esmagasse selvagememente e a chupasse com avidez extremada, enlouquecendo-a.

Com esse namorado, não conseguiam permanecer solitários em nenhum ambiente sem se sentirem fortemente tentados a se agarrar desenfreadamente, tendo se deliciado na sala de aula, em barzinhos, e em quaisquer outros lugares onde tenham sido deixados a sós.

\* \* \*

A iniciação de Marília parece perfeita, com um menino de sua idade, mas experiente, uma conformação de sonhos. Apesar da idade, muito tenra, ele se comporta com a sabedoria e a destreza de um senhor experiente; difícil imaginar alguém mais apropriado para a iniciação.

Também o jovem namorado da escola se revela sumamente especial. Em conformidade com os intensos arroubos da idade, ele despreza e transpõe os obstáculos convencionais, arrastando a moça para sucessivas transgressões aventureiras, superando convenções e eliminando barreiras em busca de um prazer alegre e desenfreado; protagonizam cenas de uma juventude colorida que parece advinda de sonhos.

\* \* \*

## Cuquinha

Cuquinha me contou uma história confusa, não se lembrava da primeira vez, o que me deixou atento. Esse momento é muito marcante, muito intenso, para não nos recordarmos, de modo que seu esquecimento sugere algo bastante contundente. Perguntei se estaria completamente embriagada, ela disse que não. Contou-me, então, a primeira vez da qual se lembra, com o namorado, aos 16, quando se sentiu obrigada a fingir que sentia dor. A referência, pouco significativa para ela, sugeria um episódio prévio, nebuloso e intenso.

Teria ocorrido aos 17, ou melhor, aos 15. Sua irmã de 21 costumava carregá-la para todos os lugares; não teria conseguido permissão para ir à praia, no litoral paulista, sem a vigilância incômoda da pirralha. Chegando lá, a irmã e suas amigas logo arranjaram uns *playboys*, e se deixaram levar para o apartamento de um deles.

Enquanto as moças se engalfinhavam com os rapazes, cuidavam da menina, impedindo que o assédio sobre ela ganhasse livre curso. Incomodado com isso, o rapaz que a assediava a chamou para dar uma volta de moto, conseguindo retirá-la do apartamento durante um descuido das outras. Logo que saíram dali, ainda na escada, o rapaz a agarrou e a beijou. Tendo conseguido se desvencilhar do jovem, desceram e foram dar uma volta de moto. Em certo momento, o rapaz lembrou ter que fazer algo em outro apartamento, pararam lá e subiram. Ao chegar ele a levou para o quarto, queria, apenas, dar-lhe uns beijos, disse.

A menina permanecia confusa, sabia que o predador só queria comê-la, o que a desagradava, mas queria parecer tão esperta quanto a irmã e as amigas, que a tratavam como uma pirralha ingênua, e então permitia os abusos do cara, fingindo estar gostando e participando da coisa. Ela lembra quando o cara abaixou o short dela, e colocou a mão em sua boceta; sentimentos antagônicos conflitavam intensamente em sua mente. A situação a excitava tremendamente, embora ela não se sentisse ainda preparada para permitir o prosseguimento.

Tinha muito medo, temia que o cara a pegasse a força; estava sozinha, sem ninguém para ajudá-la; ninguém sabia que ela estava ali. O cara a agarrava, falava coisas, disse estar doido por ela. E então a penetrou e a comeu. Depois gozou fora, e, imediatamente a menina pediu que a levasse de volta. Tudo muito confuso, e ela não sabe se foi essa a primeira vez. Ele a levou de volta e se foi. Posteriormente voltou a procurá-la, mas sua irmã e amigas nunca o permitiram.

De volta ao apartamento, os embalos prosseguiram, e todos resolveram beber muito. Os caras também fumaram maconha. Cuquinha tinha bebido muito, se sentia quase desmaiada deitada numas almofadas no meio de dois caras, quando um deles começou a beijá-la. Logo o outro passou também a agarrá-la, enfiando a mão por dentro do biquíni. Tudo se confundia em sua mente, mas a situação era muito excitante, até que uma das moças percebeu o que acontecia, e a levou para o banheiro, trancando-se lá com ela, o que causou profunda irritação em um dos caras que, indignado, passou a chutar a porta aos berros, tendo sido difícil contê-lo e retirá-lo do apartamento para que Cuquinha pudesse sair do banheiro.

O momento mais excitante do qual se lembra só foi ocorrer uns anos depois. Sua irmã estava saindo com um cara muito mais velho; um dia ele trouxe um amigo, e saíram os 4. O outro cara era

elegante, culto e inteligente, mas muito mais velho que ela, o que a desagradava. Mesmo assim, tendo ido a uma danceteria e, depois, jantado, acabaram no apartamento de um deles, e cada casal foi para um quarto. Começaram a transar e ela ficou por cima, mas ele começou a conduzi-la, dizendo como devia mexer. Seu clitóris raspava o corpo dele, dava prazer; ela nunca tinha sentido aquilo, enlouqueceu! Mexia com força e gritava enquanto ele gargalhava. A gostosinha mexeu e gritou até gozar e cair molinha em cima dele, ainda a gargalhar.

Cuquinha me contou também uma festa muito chique na qual conheceu um político famoso. Sentado ao lado dela, o tipo bonitão logo estava roçando a perna na sua, o que não a incomodou. Depois, então, por baixo dos panos, ele agarrou sua coxa.

Quando o homem anunciou sua despedida, a gostosinha tratou de esperá-lo no jardim, onde ele foi se despedir dela. Antes que ele beijasse seu rosto a gostosa tascou-lhe um beijo na boca descaradamente. Foram amantes por uns meses, tendo se encontrado várias vezes em hotéis. O poder é sedutor a ponto de alçar tais momentos à categoria dos mais marcantes de sua vida.

\* \* \*

Parece razoável acreditar que um estupro seja definido pela ausência de desejo e de permissão da moça, de maneira que, caso ela não deseje nem permita o ato, este corresponde a um estupro; caso o queira e permita, ao contrário, terá sido um fato normal. Nossas mentes, no entanto, em especial as femininas, são bastante confusas, havendo, normalmente, um forte antagonismo simultâneo entre desejo e recusa.

Esse caso é limítrofe entre o sim e o não, entre o desejo e sua negação. A amnésia evidencia um trauma reconhecido pela moça; sugere a ocorrência de algo fortemente negado, proibido. Mas o medo intenso se associava ao desejo, ao fingimento do prazer, e a uma pretensa esperteza da menina ingênua. Posteriormente ao fato, o desejo acabou prevalecendo, sem, no entanto, sobrepujar a recordação traumática; impedindo que a menina pudesse reconhecer e aceitar todo o ocorrido; em sua mente, tudo ainda permanece confuso.

\* \* \*

Um caso muito antigo

Quando o casamento aconteceu os noivos haviam trocado muitos olhares e algumas palavras. Olhavam-se com curiosidade e admiração, embora muitos outros sentimentos se mesclassem a esses, constituindo uma mistura intensa sobreposta pela vergonha.

A festa ainda continuava na fazenda, quando o noivo resolveu se retirar, acompanhado pela noiva, aliviada por deixar a aglomeração na qual tinha sido a atração principal.

A volta para casa, na carroça, foi carregada por uma estranha tensão. Pouco se falavam, apenas frases curtas e envergonhadas. O marido tentava iniciar conversa, respondida pela mulher com monossílabos ora envergonhados, ora ríspidos; nenhum dos modos favorecia o prosseguimento do diálogo, constituído por frases curtas entrecortadas por longas pausas.

Chegando em casa, ávido, o marido quis receber a esposa em seus braços, mas a teve como gata selvagem, entre arranhões e mordidas. Tendo se libertado do marido, com unhas e dentes, a mulher sumiu correndo pelos matos. Surpreso, o homem apenas a viu desaparecer na folhagem densa, como faria um animal recém-liberto.

Perplexo, o homem permaneceu em casa pensativo; não conseguia entender o ocorrido. Um vasto espectro de sentimentos perpassava a sua mente; a raiva era sucedida pela rejeição, esta pelo anseio de ter sua mulher nos braços; depois, a pura e simples incompreensão. Sobre todos os sentimentos, apenas a perplexidade ainda imperava quando a mulher reapareceu na casa, se agarrando ao umbral da porta, os olhos baixos, roupa e cabelos em completo desalinho.

O homem se encaminhou para ela que o recebeu ameaçadoramente, ordenando que não lhe encostasse. Permaneceram nesse impasse por longos momentos, talvez por horas. Ele a olhava estarecido; ela mantinha a cabeça abaixada e o corpo teso, pronta para a defesa, repelindo violentamente as breves tentativas de tocá-la, esmurrando a mão algumas vezes dirigida a ela.

Só perceberam a fome no final da tarde, quando o homem resolveu cozinhar algo. Comeram em silêncio e foram dormir. O homem deitou na cama de casal recém-adquirida, a mulher se recusou a ficar a seu lado e se aninhou no chão de cimento, ao lado da cama.

O homem esperou que o desconforto a trouxesse para ele, mas apesar da perplexidade que o manteve acordado por um longo tempo, acabou dormindo antes que ela viesse para seu lado. Quando se levantou da cama, ainda antes do sol nascer. Percebeu que a mulher não estava mais no quarto.

Encontrou-a na cozinha, acorada perto do fogão cuja lenha ardia em chamas, aquecendo água para o café, e cozinhando considerável quantidade de comidas.

Em resposta ao cumprimento, o homem recebeu um chiado dúbio, mais carregado de ameaças, ou medo, que de carinho.

O dia se passou inteiro ante o mesmo impasse. Perplexo, o homem permanecia olhando a mulher, tentando compreender o que se passava, buscando uma solução para a situação cada vez mais absurda. Ela, por sua vez, permanecia quase imóvel e calada, manifestando-se apenas ante os ensaios de aproximação do homem, repelindo violentamente as tentativas de contato físico, respondendo com monossílabos ásperos as poucas perguntas feitas pelo homem.

No terceiro dia, o homem decidiu retornar ao trabalho na fazenda. Conseguia reduzir um pouco da perplexidade mergulhando em seus afazeres, embora não conseguisse se concentrar nas tarefas, errando seguidamente as ações que costumava efetuar dia após dia com precisão.

Enquanto o marido permaneceu ausente, a mulher aproveitou para se deitar na cama, se entregando finalmente a um sono pesado, mas curto, e, mesmo assim, restaurador. Sentia-se fortalecida e renovada quando, depois de algumas horas pouco produtivas no trato com os animais, o homem voltou para casa, decidido a resolver a situação.

Nem o cheiro da comida já pronta, no fogo, o demoveu de seu propósito de pegá-la, de um jeito, ou de outro. Sem mesmo notar a fome devida ao adiantar da hora, o homem se dirigiu diretamente para a mulher, que percebeu assustada a decisão estampada em seus olhos.

Acuada, a mulher recuou até um canto, onde se defendeu dos ataques do homem com todas as suas armas: socos, chutes, unhas e mordidas, desferidas quase a esmo, mas violenta e desesperadamente. Não conseguiu impedir que o homem lhe arrancasse as roupas, ganhando ímpeto à medida que cada nova parte de seu corpo ia sendo revelada.

Foi uma joelhada certa, no entanto, que demoveu o homem de seu intento, quando a mulher já se encontrava nua, e quase vencida sob o corpo do marido.

Nos dias subsequentes várias tentativas análogas resultaram em fracasso, não apenas relativamente ao contato físico, mas também com respeito aos diálogos, cada vez mais escassos após os embates corporais. Cresciam ao mesmo tempo a perplexidade do homem e a determinação da mulher.

Após uma semana de lutas inconclusivas o homem decidiu se queixar ao pai da noiva. No domingo, logo cedo, antes do sol nascer, chamou a mulher para a carroça, com destino à fazenda do sogro.

O casal chegou na casa dos pais da mulher; vinham ambos com a cara amarrada, além de estropiados, marcados pelos embates; ela com a boca inchada e manchas roxas pelo corpo, ele com cicatrizes evidentes de unhas e dentadas. Sentada na ponta do banco da carroça, bem afastada do marido, a mulher desceu do veículo antes de sua parada, tendo sido obrigada a correr para não cair, e atijando, com isso, ainda mais a cólera do homem.

A chegada da dupla, em evidente conflito, longe de causar boa impressão, revelou de imediato o estado selvagem em que se encontravam suas relações.

Tendo recuperado o equilíbrio ao descer da carroça, a moça continuou a corrida até dentro de casa, empurrando a pequena aglomeração de familiares a obstruir sua passagem vindo recebê-la à porta.

O homem desceu da carroça bufando, mas foi recebido amistosamente, e com o cuidado que sua própria expressão impunha. Respondeu rispidamente aos cumprimentos, e entrou na casa, cercado pelo séquito de familiares que logo saiu da sala, deixando-o apenas com o sogro.

Permaneciam quase em silêncio; o genro bufando, o olhar baixo e feroz, mirando um lado e outro. O sogro esperando a explicitação do motivo da zanga, que supunha conhecer em algum grau.

A espera era quebrada por eventuais tentativas de diálogo resultantes em sons que mais se assemelhavam a grunhidos selvagens, ou a urros, que a palavras. O sogro tentava compreender as seguidas tentativas de diálogo, sempre abortadas antes que o motivo de descontentamento tivesse sido expresso.

A longa conversa sem palavras ia se estendendo incômoda e incompreensível para ambos, até que o

sogro, já impaciente, iniciou uma série de perguntas sobre o motivo do descontentamento. Em resposta, o genro confirmou que a moça cozinhava bem, cuidava bem da casa, das roupas, e que, em suma, era uma exímia dona de casa, respostas que, nem de longe, sugeriam não haver problema entre eles, restando, isso sim, a explicitação do problema, coisa muito incômoda.

Depois de um longo tempo, e com meias palavras pronunciadas com enorme dificuldade, os dois acabaram conseguindo tratar da questão preocupante: a mulher não deixava o marido fazer nada com ela.

Tendo compreendido a situação, o sogro não precisou refletir longamente, parecendo conhecer, já de antemão, a solução do problema. Sugeriu, quase de imediato, que o trouxa amarrasse a mulher insubmissa na cama; ela já era sua mulher, podia fazer com ela o que quisesse. Deveria então amarrá-la à cama de modo a consumir, de fato, a união dos dois.

O genro considerava a sugestão com seriedade, enquanto o sogro se estendia sobre detalhes da ação, e de justificativas para ela.

Enquanto ouvia e pensava sobre o assunto, o homem pareceu se acalmar; renascia-lhe a esperança de consumação do casamento. A ausência de perspectivas nesse sentido o havia deixado à beira do desespero; impossível resignar-se a tal possibilidade.

Durante a conversa, enquanto confabulava com o sogro, foi tecendo os detalhes do plano, imaginando a maneira de imobilizar sua mulher na cama com o auxílio das cordas. O resultado da trama o tranquilizou, amenizando seu semblante, e tornando a visita mais amena, embora mais curta, também, tendo deixado o homem ansioso por colocar seu plano em ação.

Sua decisão de voltar para casa antes do esperado, foi recebida a contragosto pela mulher que voltou a fechar a cara tão fortemente quanto na chegada. Mesmo assim, depois de uns resmungos subiu na carroça e partiram, mantendo a maior distância possível do marido.

Ao chegar em casa o homem foi direto escolher os apetrechos para a arremetida. Escolheu umas cordas de fibra vegetal, outras de couro; testou-as nas cabras, analisando também os laços. Quando experimentou as cordas em seu próprio braço optou pelas de couro, e foi escolher, entre elas, as mais macias.

Permaneceu acororado, com quatro cordas na mão, recapitulando todo o plano iniciado pelo sogro, e tecido em minúcias durante a viagem de volta.

Trazia as cordas ocultas em um saco, ao retornar para dentro de casa e entrou diretamente para o quarto. Amarrou as cordas, uma em cada pé da cama, com rapidez; mesmo assim, quando terminou a ação a mulher, desconfiada, tinha vindo varrer a sala, certamente com o intuito de espionar o marido que, tendo percebido o intento, ocultou as cordas e se posicionou junto à porta, escondido atrás da parede. Pelo ruído da vassoura adivinhava a posição da mulher, de modo que, quando a curiosa se aproximou da porta, o homem deu um bote, enlaçou sua cintura, e a puxou vigorosamente para dentro do quarto.

Empenhada em usar a vassoura como arma, a mulher agarrava fortemente o cabo, preso na porta, sendo obrigada a soltá-lo após um puxão mais forte. Só então os socos e esperneios se dirigiram diretamente ao marido que decidido a jogou bruscamente na cama, laçando e amarrando, em seguida, uma de suas mãos, depois a outra.

Tendo amarrado ambos os braços da mulher, alegrou-se com a vitória parcial e desceu para as pernas, mas foi colhido por uma joelhada no rosto desferida pela mulher endiabrada, atada à cama.

Muito mais surpreso que encolerizado, o homem precisou de uns instantes para se restabelecer do golpe, enquanto tentava manter as pernas da mulher imobilizadas com seu próprio peso.

Quando recobrou o domínio de si, o homem sentou-se sobre a canela da mulher, deixando livre a outra perna, com a qual ela lhe espancava o dorso. As sonoras pancadas desferidas nas costas faziam pouco efeito, mais contundentes, eram as desferidas no pescoço. As mais efetivas, no entanto, eram dirigidas ao braço, dificultando a ação do homem, desfazendo continuamente a tentativa de imobilizar a mulher.

Mesmo assim, em meio aos golpes sucessivos, o homem acabou apertando o laço, dirigindo-se confiante para a outra perna, o último laço.

Livre das estocadas da mulher, já praticamente imobilizada, teve poucas dificuldades em apertar o laço no pé da mulher, mas, ao se virar de frente para ela, foi surpreendido por uma potente joelhada desferida pela outra perna, livre, assim como ambas as mãos, com as quais, muito rapidamente a mulher afrouxou o laço restante enquanto mordida selvagemmente o braço do homem até se libertar dali e correr enlouquecida para o meio do mato.

Durante o resto da tarde o homem permaneceu amargurado, triste, derrotado, solitário e imerso em pensamentos, abandonado pela esposa selvagem, oculta no matagal.

Demorou a dormir, mas o fez antes que ela tivesse retornado. Quando acordou, bem cedo, a mulher estava de volta, na cozinha, preparando a refeição.

Embora não atentasse para os hematomas generalizados no corpo da mulher, e apesar da raiva que sentia, e que se sobrepunha sobre toda a sua confusão, sentiu remorsos ao ver o punho da mulher muito machucado. Teve pena dela, além do sentimento de culpa, mas não soube o que fazer. Só evitou agir ameaçadoramente, ao vê-la recuar ante sua presença. Foi essa atitude, notada por ela, que a tranquilizou, e não os hematomas no rosto do homem, esses quase aterrorizantes.

O ferimento dolorido no punho da mulher dificultava o manuseio da vassoura, dando aos movimentos uma artificialidade evidente e constrangedora.

Por alguns dias seguiu-se uma trégua, sem que o homem, no entanto, se resignasse à condição de marido celibatário. Sem saber mais que atitude tomar, decidiu aconselhar-se com seu grande amigo, compadre, e vizinho.

Foi até sua casa, onde o amigo ouviu seu relato com enorme atenção, tentando a custo manter a seriedade. O caso, por si só, parecia-lhe absurdamente cômica; a absoluta gravidade com que o homem a tomava, no entanto, longe de a tornar mais séria, dava-lhe contornos ainda mais burlescos.

Tendo compreendido a situação, o compadre se prontificou a ajudá-lo; costumavam ir juntos buscar os animais desgarrados, pegariam também a gata selvagem. Assim, com um espírito divertido, se prontificou a ajudar o amigo a amarrar e imobilizar a mulher.

No domingo, bem cedo, deixou a esposa grávida do primeiro filho, já prometido em batismo aos novos compadres, e se dirigiu à casa deles.

Adentrou a propriedade por uma cancela meio caída. Desde a entrada na propriedade do amigo, sinais evidentes de desleixo se repetiam; também o encontrou mais barbudo e sujo que o esperado.

Foi recebido com alegria, e com uma ansiedade manifesta pelo amigo que correu ao seu encontro abordando-o uns 200 m antes da chegada à casa. Queria que parassem por ali e confabulassem; o outro, no entanto, se sentiu obrigado a ir cumprimentar a comadre.

Entrando na casa, ao contrário do esperado, constatou-a limpa e asseada, em contraste com o restante da propriedade, repleta de sinais de abandono. Tentou estabelecer uma normalidade ao cumprimentar a moça, mas a presença do marido, provavelmente, a impedia de agir com naturalidade, impondo nela uns modos muito arredios que a fizeram se retirar prontamente.

Momentaneamente, os propósitos do trio divergiam. O marido desejava, ansiosamente, deixar a casa para definir o plano de captura, enquanto o compadre queria dar ares de naturalidade à sua presença, permanecendo a conversar na casa, ao passo que a mulher, desconfiada, tentava ouvir a conversa e desvendar o propósito da visita. A chegada do outro havia lhe impingido certo temor. Tinha pensado em fugir para o mato, temendo se transformar em alvo da caçada, mas se consolou ao imaginar que o marido não iria pedir ajuda a outro homem para lhe fazer sua mulher. Mesmo assim, permaneceu apreensiva e curiosa. E, talvez tenha sido mais a vergonha que qualquer outra consideração que a impediu de se embrenhar no mato, como uma selvagem.

A intuição do visitante se mostrou eficiente, tendo conseguido impor certa naturalidade à situação, enquanto permaneciam na cozinha da casa. Os comentários sobre o desleixo evidente a que a propriedade estava submetida serviram para alongar a conversa e desviá-la do tema central. Também serviu como pretexto para que fossem lá fora conferir as mazelas listadas.

O marido deixou a casa aliviado; sua ansiedade o impedia pensar em qualquer outro assunto que não fosse o mais premente: sua mulher. Assim, tinha dificuldade em atentar às palavras do outro, em ouvi-lo. Ao sair de casa, resumiu todo o problema da fazenda: não tinha cabeça para mais nada; não pensava em outra coisa; não conseguia fazer mais nada: impossível se concentrar em algo mais. Tentava empunhar a enxada, mas logo perdia o foco do trabalho, o propósito, e se deixava levar pelo pensamento recorrente, pela necessidade urgente de resolver, de dar continuidade ao seu casamento, à sua vida. Tinha se tornado improdutivo, incapaz de se concentrar, minimamente, em qualquer outra coisa que não fosse a situação da mulher.

Aos olhos do outro, o abandono evidente da propriedade propiciava à situação uma seriedade maior que a anterior. O desleixo indicava que a bufonaria logo adquiriria contornos de tragédia. Mais umas semanas ao desamparo, e o mato tomaria conta de tudo, fazendo a propriedade retornar à selvageria primitiva e improdutivo.

Ocultos pela vegetação, distantes o suficiente para não serem vistos da casa, e tendo conferido não estarem sendo espreitados, o compadre sacou uma garrafa de cachaça e a ofereceu ao amigo; a marvada lhes daria ânimo.

O plano ia se delineando com mais clareza à medida que bebiam o aguardente, e pareceu ao marido perfeito e acabado, antes que a garrafa tivesse se esgotado, enquanto o outro achava que o projeto só ficaria concluído, de fato, ao término do líquido.

A expectativa iminente fez retornar ao homem a ansiedade anteriormente amainada pela cachaça. Assaltado por uma premência recalcitrante, convenceu o outro da urgência da ação, o que o compeliu a ingerir uma espantosa talagada, passando, em seguida, a garrafa ao amigo, que o imitou bebendo grande gole. Voltaram bebendo o restante do líquido, de modo a compatibilizar ambos os propósitos.

Retornaram à casa confiantes e alegres. No caminho pegaram as cordas, já previamente preparadas, com os laços prontos. Foi o olhar risonho de ambos que confundiu a mulher. Enquanto ela ainda tentava decifrar as expressões, o marido a agarrou sem mais conversa, e a levou para o quarto, apesar dos socos, chutes, mordidas e protestos generalizados.

Foi preciso pedir ajuda ao amigo, estático, estarecido com a violência da cena. Enquanto o marido

segurava e lutava com a mulher, o amigo o ajudava, mas apenas timidamente, bastante constrangido, apenas segurando um dos pés da moça, sem muita convicção.

Foi preciso que o outro ordenasse que segurasse ambos os pés para que a ajuda se tornasse efetiva. Imobilizadas as duas pernas, o marido tinha margem para paralisar os braços, mantendo-se assim distante das mordidas.

Perceberam, então, que não haviam amarrado as cordas à cama. Foi necessário que o amigo o fizesse, libertando as pernas da mulher, que percebeu nessa relativa facilidade de movimento, sua possibilidade de libertação, agitando-se, então, com fúria redobrada enquanto tentava se livrar do jugo do marido sobre ela, pressionando seu corpo com o dela, segurando seus braços. Enquanto agitava o corpo freneticamente, tentava morder seu algoz, que evitava as mordidas com sua própria boca, protagonizando assim uma luta de aparência selvagem.

Tendo atado apenas 3 cordas aos pés da cama, os apelos insistentes do marido interromperam a ação, obrigando o amigo a voltar à posição anterior e imobilizar as pernas da mulher.

Com essa ajuda, não foi difícil para o marido evitar as mordidas da mulher, sua arma mais contundente, mantendo-se distante de sua boca, ao mesmo tempo em que enlaçava um de seus punhos. Enquanto amarrava o outro braço, o compadre se encarregava de prender o pé da mulher.

O quarto laço não estava amarrado à cama, tendo sido necessário atá-lo à madeira antes de prender o último pé da moça. Quando a captura parecia estar chegando ao fim, a mulher desferiu a esmo um poderoso coice, atingindo o dedo anular do compadre. Um forte estalo pode ser ouvido em meio à algazarra, seguido de um estrondoso grito de dor, deixando o homem fora de combate, e toda a ação em meio a um impasse.

Desde o casamento o marido vinhas sendo tratado desdenhosa e jocosamente por todos. Sua incapacidade de subjugar a mulher, de apossar-se dela, de torná-la sua, de fato, o tornava alvo de riso; era indicação de fraqueza, coisa de frouxo. A acusação de frouxidão lhe tinha sido lançada pelo compadre diversas vezes, e aquela pareceu a hora propícia para se vingar do insulto.

— Ô seu frouxo!, vai ficar aí parado, sem fazer nada? Tá vendo como é a coisa aqui com essa gata selvagem?!

O outro permanecia inoperante, apenas segurando o dedo dolorido com a outra mão.

— Vem você pra cá, então. Segura a fera que eu amarro o outro pé.

O homem jogou o lençol sobre a mulher semidesnuda, descomposta em meio à luta, e esperou que o outro se posicionasse de modo a mantê-la imobilizada, poupando as cordas e impedindo que a mulher se desvencilhasse dos laços. Trocaram de posição, e enquanto o marido se sentava sobre a canela da mulher, o outro pressionava seus pulsos.

Mas a mulher não se resignava. Embora com os braços imóveis, agitava o corpo freneticamente, e rosnava em atitude feroz. Enquanto se debatia violentamente, o pano ia descobrindo seu corpo, envolto, nesse momento, por uma camisa aberta, desabotoada e rasgada, e por uma saia que lhe envolvia apenas a cintura, muito acima da calçola, enrolada nas pernas.

Quando o marido se agachou para ajeitar a posição da corda já atada ao pé da cama, a selvagem ainda conseguiu libertar o pé desferindo golpes contundentes no marido, que, uma vez mais se vingou do amigo:

— Prende essa gata selvagem, seu frouxo! Aperta essa mulher, prende ela na cama!

Palavras mal escolhidas proferidas no momento exatamente errado.

A visão inebriante do corpo desnudo da mulher vinha surgindo sob o do compadre, e o petrificava. Descobrimo-se dos lençóis, os peitos carnudos da jovem se agitavam em frêmito, arfantes, enquanto a cintura da bela selvagem se contorcia maleavelmente, envolta em uma cinta, na qual havia se constituído a saia. As partes subiam e desciam, como se em busca de algo, libertas da calçola amarfanhada, bem mais embaixo de onde deveria estar.

Enquanto se enraivecia ouvindo o insulto do amigo, olhava o corpo da mulher, com as pernas abertas, arreganhada, agitada e presa sobre si.

Estranhas e fortíssimas sensações o dominaram quando ele obedeceu a ordem do amigo, prendendo o corpo da jovem com o seu, pressionando-a inteira, imobilizando-a com seu próprio peso.

Nesse instante os esforços da mulher se intensificaram, fazendo-a agitar-se ainda mais freneticamente, enquanto o homem sobre ela a comprimia no colchão, forçando o seu corpo contra a cama, com o seu. Enlouquecida, a mulher tentava cravar os dentes no homem que repelia suas investidas do mesmo modo, contrapondo boca contra boca, dente contra dente, em uma luta feroz.

A luta se acirrava, cada vez mais selvagemmente, fazendo a pesada cama solavancar no mesmo ritmo em que ambos os corpos se embatiam ferozmente, impedindo que o marido conseguisse atar a última corda à mulher.

A moça continuava tentando cravar seus dentes no homem que a mantinha sob seu domínio, mas as tentativas eram sucessivamente rechaçadas do mesmo modo, até que a boca da moça encontrou o ombro do homem.

A mordida dolorosa foi respondida imediatamente, levando o homem a enterrar-lhe, também os dentes no ombro, pagando na mesma moeda o ferimento infligido.

As mordidas intensificaram a luta, obrigando os corpos a se comprimirem ainda mais freneticamente, em louca agitação, chacoalhando a pesada cama violentamente, dificultando as ações finais do marido que permanecia tentando amarrar a perna da mulher para imobilizá-la definitivamente.

No auge de intensa agitação sobre a cama, em meio aos sons arfantes do homem em luta acirrada para subjugar a mulher, ouviu-se o grito lancinante da fêmea, enquanto contraía o corpo desesperadamente. Esse esforço brutal esvaiu momentaneamente suas forças, acarretando uma trégua momentânea, e a imobilidade suficiente para permitir ao marido atar o último laço à mulher.

O marido então se ergueu confiante, comunicando o fato ao amigo. A cena observada, no entanto, o desagradou profundamente; extremamente constrangedor ver o amigo deitado sobre sua mulher arreganhada, atada à cama.

O casal permanecia imóvel na cama, movendo apenas o tórax, as respirações muito ofegantes, quando o marido se acercou dos dois, por um lado. O amigo o olhou com a cara assustada, enquanto a mulher mantinha o rosto voltado para o lado oposto.

O breve impasse foi resolvido de maneira bastante pragmática pelo amigo que antes de se levantar rapidamente do corpo da jovem desnuda, gritou com premência ao amigo:

— Aproveita que ela está cansada e monta logo em cima dela!

E saiu de cima dela, deixando o lugar vago para o marido. Incitando-o com palavras, apressando-o, enquanto deixava o quarto e a casa, também aceleradamente.

\* \* \*

Os tempos agora são outros, as pessoas, supostamente mais informadas, e as ações mais, digamos, profissionalizadas. Problema análogo, hoje, teria sido, provavelmente, encaminhado a um psicólogo.

A postura da moça parece mais típica de seu tempo que do atual, mais despidorado. Fico pensando que, no entanto, os casos de timidez exagerada são naturalmente silenciosos, e embora relativamente frequentes, tão inconspícuos que raramente notados. Assim, talvez falta de amplificação inerente à própria timidez seja a verdadeira responsável pela aparente raridade de situações análogas, embora a solução à antiga deva ter desenvolvimentos mais acentuadamente cômicos que as atuais.

\* \* \*

## Reminiscências

Nunca tive o costume de ver fotografias de mulheres nuas, quando adolescente eu era obrigado a me contentar com uma reprodução da Maja desnuda, pintura do espanhol Goya. Também nunca tinha me interessado por vídeos eróticos, talvez guiado por certa pudicícia; no entanto, sempre imaginei, e continuo acreditando, que tudo isso, de certo modo, acaba “gastando” nossa libido. Assim, me mantive distante dessas formas de erotismo indiretas, com o intuito de me poupar. Há sabedoria nessa atitude, os que se permitem observar longamente as mais lindas jovens terão, provavelmente, pouco interesse nas mulheres reais, raramente, ou nunca, tão maravilhosas.

Mesmo assim, acabei, finalmente, me entregando a essa curiosidade e mergulhando em vídeos eróticos encontrados na rede. Alguns deles me surpreenderam.

Minha surpresa mais gritante decorre das exposições das moças em vídeos caseiros, normalmente postos na rede por vingança, ou pela avidez financeira de alguns pilantras. A moça se exhibe em frente à câmera, vai tirando sua roupa. A obstinação frequente pela bunda é esperada e justificada pela maioria das conversas sobre corpos de mulheres, com enfoque frequente sobre tal parte.

Nas praias brasileiras, a bunda está liberada há décadas. Os biquínis funcionam apenas como adornos dessa parte do corpo; muitos deles se assemelham a uma pequena seta colocada nas costas da moça, com o intuito de sinalizar o alvo correto. Essa liberdade retira um pouco do foco dos vídeos eróticos nessa parte do corpo, privilegiada em nossas terras.

As bocetinhas, no entanto, permanecem encobertas em nossas praias, último resquício de um antigo recato. O mistério deixado por tal lacuna, creio, acabou realçando essa parte, aparentemente pouco interessante para a maioria. Mas, eis aqui a surpresa: as exposições dos corpos são feitas em meio a ondulações sensuais, movimentos belos e eróticos, dessa maneira são exibidos os quadris, as pernas, e especialmente as bundas, algumas delas vibrando estonteantemente por longos intervalos. As bocetas, no entanto, são expostas como se para um exame ginecológico. Durante as exposições, as moças são instadas a focar a boceta, apresentando-a em *close* na tela, para em seguida abri-las expondo as entranhas em uma maneira de erotismo bastante peculiar. A prática é absolutamente frequente, a exposição das entranhas parece parte de um surpreendente clichê erótico, do roteiro padrão de exibição.

A prática é tão usual que meu comentário talvez surpreenda, tornando necessária uma explicação para ele, e não para o fato em questão. Penso que as bocetinhas, assim como as bocas, têm enorme sensualidade. Mas tal característica só se revela a certa distância, se mergulhamos no objeto a perdemos. Busco a sensualidade da boca na visão comedida, de fora. Prefiro deixar o detalhe, a visão interna, para o dentista; nada ali, creio, é sensualidade. A beleza, e o enorme encanto da boca, permanecem do lado de fora.

Creio que o mesmo valha para as bocetas, cabendo aos ginecologistas, no caso, o papel dos dentistas, no outro. De minha parte, prefiro apenas a observação superficial ao mergulho cego nas entranhas.

Outra cena recorrente me chamou a atenção devido a detalhes paradoxais nela implícitos. A moça chupa o pau do cara gulosamente, até que, quando muito excitado, à beira do gozo, ele toma as rédeas do evento, agarra o próprio pau e o chacoalha freneticamente com o intuito de provocar a ejaculação. Enquanto ele se masturba, a moça permanece em frente à arma, bem na mira, esperando para receber o jato. A parvoíce da cena se completa quando, ao prenúncio do jorro, a moça abre a boca, mantendo-se à espera do tiro.

A torrente produzida pelo próprio cara, lambuza o rosto da moça que se mantém ali, exatamente, à espera disso, induzindo nela um invariável sorriso de satisfação ao se ver naquela condição humilhante.

Considero um desperdício injustificável a masturbação em frente à gostosa; o fato me deixa simplesmente perplexo. Os absurdos se sucedem na espera da moça pela porra na cara, rematados pela boca estupidamente aberta, quando o propósito da ação é a exposição da lambança. O sorriso final de satisfação coroa o absurdo do prazer decorrente da humilhação da gostosa. Paradoxalmente, no entanto, tenho que confessar que a cena me excita.

Outra característica dos vídeos me surpreende e me chama atenção, nunca havia atentado para o fato. Os carinhos não são eróticos! Carícias e afagos leves devem ocorrer apenas antes que a sensualidade mais intensa tome conta, a partir daí os carinhos cedem lugar aos apertões, aos tapas, carícias leves à gula intensa, à volúpia. Isso deve ser bastante óbvio, mas a mim surpreendeu.

\* \* \*

O mergulho pelos vídeos eróticos acarretou em mim o efeito temido. A intensidade das cenas na tela, de algum modo, provoca uma espécie de saturação, e acaba afetando nossas percepções. Equivale à visão de luz muito intensa, depois da qual, os matizes sombrios desaparecem, se perdem.

Tendo visto uma série de vídeos, com enorme sofreguidão e curiosidade, acabei sofrendo algum processo de saturação. Isso reduziu meu interesse pelos relatos. Anteriormente eu imergia neles, quase revivendo as cenas descritas, grandes momentos de toda uma vida, afinal. Depois disso, no entanto, minha avidez pelas histórias amainou, chegando a tornar tediosos os relatos mais floreados.

Todo o processo de elaboração da história vinha mantendo um alto grau de tesão. Eu lia os relatos com enorme interesse, imerso em volúpia, em profunda sintonia com os devaneios da gostosa a me contar seus momentos de maior intensidade erótica, para depois retribuir a sensação devolvendo a ela a transcrição de sua história, a gravação do fato de tão significativa memória. E mais uma vez nos envolvíamos intensamente. Também acreditava que a volúpia incontável assim gerada, dominante em todo o processo, acabava por transbordar para as páginas escritas.

A sensação de saturação, no entanto, certo enfado, me indicou ser o momento de finalizar os escritos, que já não me contagiavam com a intensidade anterior.

Sentia, no entanto a necessidade de um último grande relato, avassalador, para encerrar toda a história, e o busquei por certo tempo, até perceber que, talvez, meus sentimentos tivessem sido embotados pela intensidade de outros estímulos e que, talvez, eu os estivesse deixando escapar, permitindo escorrer preciosos tesouros por entre meus dedos, dada a atenuação de minha sensibilidade.

Decidi assim que o relato de Bruna deveria encerrar essa etapa, embora eu o sentisse de um modo relativamente distante, como se tomado por uma dormência. Segue a história de Bruna.

\* \* \*

## Tenras lembranças

De família muito religiosa e conservadora, Bruna tinha poucas oportunidades para exercitar suas armas recém-adquiridas: uns peitinhos novos e umas curvas sensuais, embora, na casa embaixo da sua, morasse um jovem de 16 anos.

O rapaz costumava atizar a curiosidade da menina, e algo mais, deixando-se flagrar em circunstâncias impróprias; assim, não era raro que a menina o visse dormindo em trajes sumarríssimos, ou o pegasse trocando de roupa quando passava em frente às janelas da casa. Também tinham chamado a atenção da menina os momentos em que, enquanto brincava no quintal, o short do rapaz não conseguia conter suas coisas lá dentro, deixando-as escapular de um modo frequentemente surpreendente e chamativo.

Os dois compartilhavam ainda um segredo que não ousavam contar nem um para o outro. De um ponto próximo à janela de um dos quartos, era possível ao rapaz se masturbar e, ao mesmo tempo, permitir a visão da cena desde o quarto da menina.

Eletrizada com o espetáculo, a menina costumava conferir o local constantemente, olhando com

frequência através da janela; tinham quase um horário marcado em que o rapaz se masturbava no local, após certificarem-se da presença recíproca, ocorrendo também, eventualmente, alguma atividade adicional, fora de hora, sob as mesmas condições.

Um dia, ao passar por perto da janela, a menina flagrou o jovem pelado, meio de costas, se masturbando. Sua posição parecia perfeita para que ela o visse sem ser vista. Podia observar com nitidez e proximidade o pau duro de perfil sendo chacoalhado freneticamente, embora se mantendo às costas do rapaz, sem que ele a notasse. Permaneceu ali embevecida, hipnotizada pela cena, atenta ao corpo do jovem, até as pernas dele bambearem após o aumento da intensidade do movimento manual, acompanhada pela contorção da cabeça, do retesamento do corpo, e de um jorro surpreendente expelido pelo pau duro.

A extrema atenção com que observava a cena a impediu de perceber o pequeno espelho mirando a janela, pelo qual sua presença era monitorada, aumentando a excitação do momento, marcado pela forte interação entre os dois. Mesmo após o gozo, o rapaz mantinha o pau duro, e foi com ele em riste que se voltou para a janela, descaradamente. A menina ainda permaneceu onde estava por uns momentos, tomada por uma sensação gelada e imobilizante, até ele se aproximar apontando-lhe a arma latejante e perguntar se queria ver mais.

O som das palavras despertou a moça do encantamento que a imobilizava, fazendo com que ela subisse correndo as escadas desconcertada, abalada, tanto com a cena presenciada tão proximamente, quanto pela abordagem subsequente.

Vivamente excitado, o rapaz vestiu seu short afobadamente e correu atrás da menina, dizendo-lhe querer mostrar-lhe uma coisa. Os olhos da menina ainda perscrutaram o corpo do rapaz, percebendo nele apenas um volume incomum sob o short, enquanto fechava a porta da casa impedindo a entrada do rapaz.

Do lado de fora ele pediu para entrar, mas ela se negou a abrir a porta: expressamente proibido deixá-lo entrar; e já devia ter gente olhando. O jovem a tentou longamente, mas a menina resistiu; era proibido abrir a porta para ele, não poderia. Então ele comunicou à moça que entraria de outro modo. Deu a volta no prédio, colocou a escada sob a janela do quarto, e por ali subiu.

Desconcertada, a jovem assistia ao assalto do rapaz, alvoroçada por uma mistura de excitação, medo, e uma infinidade de impressões novas e intensas que se sucediam, e a arrastavam para um nível de confusão incontrolável no qual as sensações de prazer eram bombardeadas por fortíssimas restrições que a compeliavam a repelir tudo aquilo.

Incitada incessantemente pelo jovem, a moça se viu sem ação. Proibida de abrir a porta para o rapaz, apenas permitiu, que ele adentrasse o seu quarto, pela janela. Nada poderia fazer, haveria sempre o risco de ele cair da escada muito alta.

O jovem entrou se colocando a salvo do perigo iminente de queda, o que confortava a menina e justificava a aceitação de sua presença ali. Tendo entrado no quarto da moça ele a agarrou, beijou e mostrou-lhe o que pretendia, o pau duro com o qual havia hipnotizado a menina minutos antes.

Ela tentava se desvencilhar dos beijos, das mãos do rapaz que percorriam seu corpo por baixo do vestido, de seu pau duro a cutucar suas coxas, sua bocetinha molhada, mas ele acariciava seus peitinhos, chupava e comprimia seu corpo no dela, fazendo o pau duro pressionar a boceta incendiada e encharcada. Nunca tinha sentido um contato tão íntimo, de modo que as mãos do rapaz a percorrer seu corpo com avidez acariciando-a inteira teriam sido suficientes para levá-la à loucura. A boca do rapaz, no entanto, sugando seu corpo voluptuosamente numa gula incontrolável a ensandecida por completo, tornando até desnecessária a pressão do pau duro e úmido em sua boceta ávida, para deixá-la completamente à sua mercê.

Tomada pela incontrolável mescla de sensações deliciosas e avassaladoras, a menina ofereceu pouca resistência para a retirada do vestido que, afinal, nada impedia. Mal percebeu, também, quando sua calcinha foi retirada, uma vez que os dedos do jovem já haviam superado esse leve obstáculo dando sequência á exploração de sua umidade.

Durante uma longa e profunda chupada na bocetinha, a moça se entregou por completo ao jovem. Enlouquecida por tudo aquilo, arrebatada por um torvelinho incontrolável, a menina deixou que sua boceta buscasse com avidez o pau do rapaz que a estocava com o mesmo objetivo, e ao se abrir, deixou que o rapaz a penetrasse com intensa volúpia.

A intensidade da dor que sentia ao ser rasgada era amplamente superada pelo prazer que o pau duro lhe causava ao lhe explorar as doces entranhas.

\* \* \*

Terá sido real? Ou será nossa memória que torna as lembranças das novinhas tão imaculadas? Talvez fruto da inocência impoluta, talvez, apenas a maneira como reconstruímos as lembranças desses tempos, fato é que as recordações mais alegres e doces desse primeiro momento de que tive notícia correspondiam a lembranças de uma quase infância; ecos de um tempo de ingenuidade, candura, e proibição.

Várias indicações me parecem sugerir que as iniciações mais apazíveis, alegres e isentas de máculas de qualquer espécie tenham correspondido às de maior transgressão; mundo estranho.

\* \* \*

## Minha história

Depois de um longo tempo circulando em chats em busca de relatos de iniciação e momentos marcantes acabei sendo, eu mesmo, alvo da mesma pergunta que fazia com insistência: como foi minha primeira vez. Minha memória não é boa, de modo que parte considerável da história encontra-se irremediavelmente perdidas entre as brumas das lembranças.

A história, hoje, não me parece fazer menor sentido. Na verdade nunca fez, mas na época a falta de senso não parecia importar. Eu havia mergulhado em uma timidez profunda, provavelmente patológica, durante a adolescência, que me afastava das moças. Depois, de algum modo arranjei uma namorada e, com o tempo, acabei me apaixonando por ela; somos assim e esse é nosso curso natural, quando chega a hora nos apaixonamos por quem está perto.

Acredito hoje que o namoro não tivesse o menor sentido, mas para mim, tudo era descoberta, e muitíssimo excitante. Namoramos durante um ano sob freios inexplicáveis; não me passa pela cabeça nenhuma explicação para o longo e arrastado namoro.

Um dia, quando namorávamos no carro, eu já tinha vinte anos e um carro, ela resolveu tirar a calcinha, para minha estupefação. Agitadíssimo, mas meio paralisado, contemplei a boceta que se apresentava para mim, e fui para cima dela, suponho que após convite verbal.

Ao me enfiar mergulhei em um mundo de curiosidade. Esse primeiro e absurdo momento foi guiado muito mais pela curiosidade que por afeições, ou atrações intensas. Tudo se misturava, é certo, mas a situação não resultara de uma compulsão extrema, de uma ânsia erótica incontida, creio ter emergido do absurdo, simplesmente.

Fui me certificando da situação, e explorando todas as novidades com curiosidade extrema, observando as sensações de maneira análoga à que um degustador o faria, atentando a cada detalhe; mal me lembro dessa primeira incursão, mas suspeito que tenha sido guiada pela curiosidade, e francamente inspecionada pela racionalidade, que deve ter determinado a tônica do evento.

Mesmo assim, como não poderia deixar de ser, emoções incontáveis invadiram a cena, provavelmente junto com o jorro concomitante ao orgasmo.

Seguiu-se momento de estupefação; tanto o mundo, quanto as relações eram bem confusos para mim. Havia poucas deliberações, creio. Mas, embora nebulosamente, eu já havia desistido de tentar uma incursão sexual plena e me resignado ao celibato.

Para mim o fato tinha se dado de maneira abrupta e inesperada, mas me agitou alucinadamente; eu queria mais daquilo. Em poucos minutos, naturalmente, eu já estava armado novamente; talvez tenham transcorrido segundos para isso; em tais momentos o tempo parece bem surpreendente. Eu queria mais.

Estranhamente, ela parecia não querer mais, absurdo completo, incompreensível. Não sei o quanto eu insisti para repetir aquilo, talvez nem tenha sido tanto, mas eu estava ao volante, o carro em local ermo.

Então recomeçamos, e dessa vez vivenciando a experiência, não apenas explorando e analisando, mas vivendo o momento, sorvendo as sensações e emoções que, hoje, encontram-se perdidas em meio a um mar de recordações análogas. A partir de lembranças mais idealizadas que sentidas, posso apenas reconstruir a sucessão posterior de eventos, o vai-e-vem jovial e intenso, a ânsia imensa, a alegria incontida, felicidade transbordante; tudo brotando em jorros, como de um imenso caldeirão fervente, as sensações de prazer se sucedendo, mil delícias se desvelando. A respiração absurda, louca, o quase afogamento decorrente da ânsia extrema; e a explosão colorida.

O intenso conjunto de sensações alucinadas atropelado por uma abrupta explosão silenciosa a romper o tempo. O silêncio demarcando a transposição repentina de mundos, como em uma queda na água; o colorido psicodélico transbordando ao redor. A imersão no torvelinho de cores, e a viagem alucinada e feliz.

Eu me deixava levar sem perguntas pelo torvelinho inexplicável, pelas cores borbulhantes, pela profusão de emoções e prazeres. A ruptura extrema não me causava nenhum estranhamento, nenhuma pergunta, e, creio, por certo tempo não houve nem palavras.

O colorido multifacetado e amorfo deu lugar a uma escuridão aconchegante; suave e quente. O ponto luminoso no meio da escuridão roubou toda a atenção ao explodir como fogo de artifício. A explosão central, e os mundos. Percorri mundos alegremente, em voo veloz, extremo.

Ainda estava voando quando reencontrei minha namorada, minha amada, também em voo. Voamos loucamente, como insetos. Ondulei ao seu redor guiando sua viagem pelo mundo magnífico, por um

céu quase noturno de intensa e matizada coloração violácea. Mas embora eu a guiasse pelos céus, estranhamente ela não me seguia. Tive então que frear o voo e retornar para procurá-la.

Quando a encontrei, para minha surpresa, ela tinha a forma humana, e estava sob mim. Estupefato, eu me perguntava quanto tempo havia transcorrido durante a longa viagem. Devo ter parecido poético, ou infantil, ao me referir ao tempo, e aos fatos da jornada inexplicável, mas minhas poucas palavras não eram metáforas. Eu acreditava ter estado longos anos em viagem, e não compreendia com clareza a situação, enquanto relembrava extasiado a profusão de fatos, a explosão de lembranças borbulhantes.

Duas razões impediam que a inexplicabilidade do ocorrido me incomodasse, ou me parecesse inverossímil: o imenso conjunto de descobertas extasiantes, impossível listar quais delas teriam que ser, necessariamente, irreais. A própria felicidade em que eu me via imerso, uma felicidade total, avassaladora, transbordante, superando qualquer dúvida, qualquer incerteza, engolindo, transpondo qualquer vacilação.

Deixei a moça em casa e fui para a minha. Uma ruptura havia ocorrido. O mundo estava muito mais colorido, a luz do quarto mais acolhedora. O travesseiro e os lençóis haviam ganhado uma suavidade deliciosa e nunca sentida. Na cama, eu me deliciava em sentir a maciez do lençol em contato com a pele, enquanto rememorava a estranha viagem, e me comprazia com minha paixão.

Naquela noite eu acreditei ter vivido uma normalidade; por um longo tempo acreditei que tudo aquilo voltaria a acontecer muitas vezes. Busquei a repetição do fenômeno por longos anos, e nunca deixei de acreditar que tornaria a acontecer, embora as expectativas fossem se apagando dia após dia, restando, hoje, apenas, uma muito breve lembrança, chama doce e amena, mas longínqua. Nunca entendi o que se passou com o tempo, e como podem ter sido tão longas as recordações.

Em minha vida, a ruptura deve ter sido mais drástica que a ocorrida em minha pele, sensibilidade e entendimento, suponho ter mudado minha postura, minha atitude, adquirindo feições menos infantis.

Imerso em devaneios, em sonhos apaixonados, delírios extasiantes, quando reencontrei minha amada, dias depois, ela me explicou, sem que eu pudesse entender, que não poderíamos mais nos encontrar. Aturdido, desnorreado, compreendi que não mais namorávamos, e foi tudo o que compreendi da estranha conversa posterior à incursão ao paraíso.

Gostaria que a coisa se repetisse eternamente, ou que a suspensão do tempo nunca acabasse. Mais provável, no entanto, que, como todas as outras coisas, acabaria banalizada pelo cotidiano. Convivemos com inúmeros e magníficos milagres.

Os lençóis são, hoje, muito mais suaves do que já foram um dia, mas mesmo assim, tão aprazíveis quanto antes, mergulhados novamente na normalidade.

\* \* \*

## Epílogo

É sabido que o tempo se comporta de um modo surpreendente, por vezes até capcioso, fazendo com que as horas tediosas se estendam longamente, mas acelerando os breves e deliciosos momentos em contato com a pessoa amada.

Também se sabe que o tempo vai encurtando cada vez mais, de modo que os anos, agora, transcorrem rapidamente, em contraste com os longos, quase infinitos, anos da infância.

Mas os caprichos do tempo não se resumem a esses, e se manifestam ainda mais intensamente no derradeiro instante, no suspiro final. Nesse momento, no último em que ainda contemplamos esse nosso mundo, o tempo se expande tremendamente, abarcando toda a nossa existência.

Durante esse longo instante, tornamos a renascer, recapitulando cada um dos principais momentos de nossas vidas. Revivemos os ingênuos, mas penosos desafios da infância, as confusões da juventude, e todos os nossos temores de então. Rememoramos, intensamente os nossos amores, nossas paixões; revivemos todos os momentos marcantes de nossa existência, já então, reconhecidamente, muito breve.

Nesse instante, desvelam-se as mentiras, mesmo, ou especialmente, aquelas que criamos para nós mesmos, e somos inundados pela luz da sensatez, discernindo com clareza os mistérios criados por nós, por nossa própria incompetência.

Tomados pela perplexidade, recapitulamos toda a nossa existência, como se assistíssemos a um filme, uma tragicomédia tocante, intensa, e toda ela pontilhada de erros.

O espetáculo nos revela, uma vez mais, o quanto os nossos destinos nos são alheios, o quanto os eventos se sucedem independentes de nossas razões, de nossos esforços, transformando-nos em joguetes de uma trama imensamente mais ampla da qual só podemos participar marginalmente, como coadjuvantes irrelevantes.

Para os maus, a tragicomédia será cruel, magnificando cada instante de crueldade e dor, realçando os sucessivos atos de vileza que compuseram a existência sórdida. Vislumbrarão o inferno enquanto estendem os infindáveis momentos de tortura, impostos a outrem e a si mesmos.

Os mais benévolos e cônscios terão, talvez, a oportunidade e o discernimento de se ater novamente a algum instante escolhido, a um desses raros momentos desgarrados da perfeição; de fruir uma vez mais a dulcíssima suavidade de um momento de enlevo.

\* \* \*

Suspensas as dores no derradeiro instante, superadas todas as veleidades do presente, nesse último momento estendido, ampliado, esticado sobre toda uma existência a se findar, desvelam-se as vaidades, caem os véus da mentira, descortinando-se então um imenso cenário.

O céu cinzento, pesado, e quase sólido ilumina intensamente a pequena varanda, enquanto Vanessa, peladinha em meus braços, cantarola alegremente.

A belíssima vista do mar e do farol em frente à janela se apequenam ante a beleza do céu plúmbeo, composto por nuvens geométricas, estranhamente talhadas no céu surpreendentemente luminoso daquele final de tarde.

O vento agita as árvores, revolve nuvens no céu, e Vanessa cantarola em meus braços balançando o corpo de um lado para o outro alegremente.

Contemplo o rosto alegre da menina, seus olhos, aspiro o vento que vem do mar, envolvo o corpo da jovem carinhosamente, admirado com os matizes do céu estranhamente iluminado. Ouço a voz da moreninha a cantarolar no mesmo ritmo em que a embalo em meus braços, em meu peito, suspenso assim, no tempo, até um derradeiro instante, até reviver o mesmo doce momento, estendido longamente pela eternidade.

O vento balança os coqueiros, redesenha as nuvens e induz a moça a buscar o calor de meu peito. Sob céu luminoso, emoldurada pela paisagem, Vanessa cantarola em meus braços até a superação dos tempos.

FIM

Esse livro está distribuído gratuitamente. O autor agradeceria, no entanto, uma contribuição do leitor. Se estiver em dúvida quanto ao valor, sugiro algo entre R\$ 5,00 e R\$10,00; não me queixarei se não contribuir, mas ficarei grato se for ainda mais generoso. Meus dados bancários são:

Banco do Brasil, agência: 12300, conta 33461-8.

## Índice

Lídia .....	6
A gostosinha do ônibus .....	13
Lucíola .....	15
Fêmeas humanas e cio .....	18
Uma menina muito sapeca .....	19
Silmara .....	22
A moça do interior .....	23
A japinha .....	24
Sobre a sexualidade .....	26
Com o chefe .....	27
Angélica .....	28
Sobre a incompreensão .....	29
Uma história sem sal .....	31
Garota .....	33
Catarina e seu jovem príapo .....	34
Sobre a tolerância .....	35
A sogrinha .....	36
Roberta .....	42
Coquinha .....	43
Um caso bem ruim .....	45
Tudo em casa .....	46
Tudo em casa, parte II – uma outra história .....	55
Uma Cinderela ao contrário .....	57
Os prazeres da dor .....	59
Considerações sobre a sexualidade feminina: reflexões sem pé nem cabeça .....	61
Uma sinfonia erótica .....	62

Uma moreninha muito confiante .....	64
Com naturalidade .....	65
Postura ereta .....	66
Branca .....	66
Uma estranha incompreensão .....	68
Um anti-címax .....	69
Carol .....	70
O paradoxo de Zenon .....	71
Uma menina apaixonada .....	71
Dani .....	73
Uma antinomia de Kant .....	74
Rita .....	75
Uma lembrança muito especial .....	77
Marília .....	78
Cuquinha .....	80
Um caso muito antigo .....	82
Reminiscências .....	89
Tenras lembranças .....	91
Minha história .....	93
Epílogo .....	96
Índice .....	98